



EU DESAFIO...

A mensagem parece um engano,
mas **ele** sabe quem ela é...

Autora best-seller do Wall Street Journal

ILSA MADDEN-MILLS

EU DESAFIO...

A mensagem parece um engano,
mas **ele** sabe quem ela é...

ILSA MADDEN-MILLS

TRADUÇÃO:
CLARA TAVEIRA

1ª EDIÇÃO – 2022
RIO DE JANEIRO

ALLBOOK
EDITORA

Todos os direitos reservados
Copyright © 2022 by AllBook Editora.

Direção Editorial: Beatriz Soares
Tradução: Clara Taveira
Preparação e Revisão: Raphael Pellegrini e Allbook Editora
Fotógrafo: Wander Aguiar
Capa original: Shanoff Designs
**Adaptação de capa, diagramação
e produção de ebook:** Saavedra Edições

*Todos os direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora,
poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados:
eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros. Os direitos
morais do autor foram declarados.*

Esta obra literária é ficção. Qualquer nome, lugares, personagens e incidentes
são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais,
vivas ou mortas, eventos ou estabelecimentos é mera coincidência.

*Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa
(Decreto Legislativo nº 54, de 1995)*

CIP - BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DA LIVROS, RJ
CAMILA DONIS HARTMANN - BIBLIOTECÁRIA - CRB-7/6472

B886j

Bromberg, K.

O jogador [recurso eletrônico] / K. Bromberg ; tradução Ana Carolina Consolini. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Allbook, 2022.

Tradução de: The player

Continua com: A jogada

Modo de acesso: word wide web

ISBN: 978-65-86624-71-7 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Consolini, Ana Carolina. II. Título. III. Série.

22-75569

CDD: 813

CDU: 82-3(73)



DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO À ALLBOOK EDITORA
contato@allbookeditora.com
HTTPS://ALLBOOKEDITORA.COM

Este livro é para todas as garotas descoladas e espertas do mundo, especialmente as que amam qualquer um dos itens a seguir: caras gostosos que jogam futebol americano, gatos, *Star Wars*, *A Princesa Prometida*, *He-Man*, *Gatinhas & Gatões*, *Os Goonies*, *Game of Thrones*, *Deadpool* e, claro, nem preciso mencionar... rosquinhas, biscoitos e tortas.

SUMÁRIO

CAPA

CRÉDITOS

PRÓLOGO

Delaney

CAPÍTULO 1

Delaney

CAPÍTULO 2

Delaney

CAPÍTULO 3

Delaney

CAPÍTULO 4

Maverick

CAPÍTULO 5

Delaney

CAPÍTULO 6

Maverick

CAPÍTULO 7

Delaney

CAPÍTULO 8

Delaney

CAPÍTULO 9

Delaney

CAPÍTULO 10

Delaney

CAPÍTULO 11

Maverick

CAPÍTULO 12

Delaney

CAPÍTULO 13

Maverick

CAPÍTULO 14

Maverick

CAPÍTULO 15

Delaney

CAPÍTULO 16

Maverick

CAPÍTULO 17

Delaney

CAPÍTULO 18

Delaney

CAPÍTULO 19

Maverick

CAPÍTULO 20

Delaney

CAPÍTULO 21

Maverick

CAPÍTULO 22

Delaney

CAPÍTULO 23

Delaney

CAPÍTULO 24

Maverick

CAPÍTULO 25

Delaney

CAPÍTULO 26

Delaney

CAPÍTULO 27

Maverick

CAPÍTULO 28

Maverick

CAPÍTULO 29

Delaney

CAPÍTULO 30

Maverick

CAPÍTULO 31

Delaney

CAPÍTULO 32

Delaney

CAPÍTULO 33

Maverick

EPÍLOGO

Delaney

RECEITAS

LEIA TAMBÉM

ALLBOOK EDITORA



PRÓLOGO

*Primeiro ano
Delaney*

Bem-vindo a Magnolia, Mississippi, lugar em que os gafanhotos são tão grandes quanto a sua mão e que o chá gelado vem com uma dose extra de açúcar.

É também o lar da melhor festa anual na fogueira, na prestigiosa Waylon University, evento que está acontecendo agora mesmo, no meio de um campo de algodão.

Mas...

Eu nem deveria estar nesta festa.

É principalmente para festeiros, atletas e pessoas populares, mas aqui estou eu, uma simples caloura, junto da minha colega de quarto, a ruiva e animada Skye.

— Viu? — ela diz enquanto nos aproximamos da fogueira. — Isso não é melhor do que ficar vendo vídeos de gatos em uma noite de sábado? O

que você quer fazer primeiro?

Suspiro, me sentindo nervosa. Desde que me mudei da Carolina do Norte para cá, tenho me esforçado para experimentar coisas novas. Então eu poderia muito bem colocar uma festa maluca da faculdade nessa lista.

— Vamos beber alguma coisa.

Ela bate palmas e responde animadamente:

— Isso. Álcool à sua direita. — Atravessamos a multidão, seguimos por essa direção e, por fim, chegamos ao bar, que na verdade é apenas uma longa mesa dobrável. Nela há várias garrafas de bebidas alcóolicas, e eu pego uma Fireball para servir as doses. Quando eu deixo meu copo na mesa, depois de tomar a primeira dose, sinto um formigamento tomar conta de mim, me arrepiando.

Meu olhar se move pela multidão, parando em um cara alto, com cabelo loiro-escuro, ombros largos e um sorriso arrogante. *Ahá*. Ele está me encarando, e quando é pego fazendo isso, levanta seu copo enquanto um meio sorriso surge em seu rosto.

Eu coro loucamente enquanto ajusto meus óculos pretos de estilo gatinho. Não estou acostumada com tanta atenção masculina assim, descarada.

Skye, que seguiu meu olhar, cospe parte de sua bebida.

— Oh, meu Deus, você sabe quem ele é?

— Obviamente eu deveria — eu digo secamente.

Sua boca se contorce.

— Você realmente precisa sair mais do quarto.

Meus olhos voltam para o rapaz, mas continuam se movendo como se eu não estivesse olhando somente para ele.

— Então, quem é o Sr. Gostosinho Festeiro ali?

— Se você não o conhece, não merece saber. Mas ele é um T-E-S-Ã-O, tipo tesão nível Chris Hemsworth. Eu te desafio a dar em cima dele.

Ela mexe as sobrancelhas para mim, sabendo muito bem que, por algum motivo, não consigo resistir a um desafio. Eu sou normalmente bastante reservada, mas um desafio me dá permissão para ser alguém que não costumo ser.

Assim como o shot de Fireball. Eu engulo outra dose.

— Eu te compro um donut todos os dias, por uma semana, se você der em cima dele — ela acrescenta, me observando.

Meus ouvidos se animam.

— Daqueles com glitter comestível?

Ela concorda com a cabeça, e eu lanço um rápido olhar de volta para ele. Nossos olhos se encontram novamente, e um zumbido de conexão dispara entre nós. Ele tem um maxilar forte e bonito e uma porte masculino esculpido. Um sorriso surge em seus lábios carnudos e sensuais e...

Duas morenas — gêmeas, nada menos do que isso — se aproximam, uma de cada lado, e passam o braço ao redor da cintura dele. Ele sorri para elas. *Oh. Que pena.*

Eu me viro para Skye e franzo a testa.

— Jogador. Não tenho interesse.

Ela balança as mãos na frente do meu rosto.

— Ele está a fim de você, tá estampado na cara dele.

Eu bufo.

— Provavelmente são gases. Seu desafio não foi aceito.

Ouvimos nossos nomes sendo chamados do outro lado da festa e nos viramos para ver Martha e seu cabelo capacetudo se aproximando de nós, um tanto em câmera lenta por causa da combinação de saltos e

vestido justo. Ela cuidadosamente trilha o caminho através da multidão, empurrando as pessoas para o lado — às vezes de modo um pouco rude — enquanto mantém sua atenção na gente. *Excelente*.

— Menina malvada vindo — murmuro baixinho.

Assim como nós duas, Martha Burrows é caloura e mora no nosso andar. Bem cheia de si, ela anunciou uma semana depois de nos conhecer que não responderia a nenhum outro nome além de *Muffin*, um apelido que deu a si mesma.

Ela olha para nós duas, um olhar de superioridade estampado em seu rosto bonito.

— Eu não sabia que vocês duas tinham sido convidadas para este pequeno encontro. Obviamente, conheço todas as pessoas certas, então sempre sou convidada. — Seu olhar se concentra na minha roupa, e nesse momento ela dá um passo atrás. — O que diabos você está vestindo, Nerdelha?

— Roupas. — Eu me sinto enrijecer perto dela enquanto acerto a barra da minha camisa justa de Star Wars, que está para dentro da minissaia vermelha plissada que fiz com uma camisa social masculina. Meu longo cabelo loiro-claro está preso em marias-chiquinhas enroladas, e eu pesei um pouco a mão na sombra cintilante e no batom vermelho. Não é um visual típico para vir à universidade — que é qualquer coisa com monograma — mas estou aprendendo a ignorar as sobrancelhas levantadas.

Skye, a pacificadora do grupo, limpa a garganta e aponta com a cabeça para o cara que está olhando.

— Delaney tem um admirador, mas ela não sabe quem ele é.

Martha-Muffin segue o olhar de Skye, vendo o homem misterioso por cima do meu ombro. Ela me dá um olhar exasperado.

— É o Maverick Monroe, sua idiota. Ele é o maior astro do futebol do Mississippi e o calouro do ano. Porém, o lance é que garotas como você não são o tipo dele, de jeito nenhum. — Sua mão sacode um cacho duro cor de mel sobre o ombro.

Meus dentes rangem.

— Martha, se você acha que eu me importo com o que você pensa sobre mim e sobre a possibilidade de um aspirante a jogador de futebol famoso estar ou não interessado em mim, então você está viajando totalmente.

Seus lábios se apertam.

— Eu me chamo *Muffin* agora, e por que você tem que usar palavras tão complicadas? O que *aspirante* significa? — Essa é sua resposta cortante.

Os olhos de Skye se arregalam com tudo, e presumo que seja porque Martha-Muffin e eu estamos prestes a finalmente botar tudo para fora. Eu não a suporto, e ela não me suporta. Nós apenas... entramos em conflito uma com a outra o tempo todo.

Mas não foi isso que Skye quis dizer com sua risadinha.

Ela aponta por cima do meu ombro, e eu entendo.

É por causa da pessoa que está atrás de mim, aquela que não consigo ver. Sinto um espirro nervoso chegando e — *graças a Deus* —, de alguma forma, o mantenho preso dentro de mim.

Uma voz rouca chega aos meus ouvidos.

— *Aspirante* significa *que eu desejo ser* ou *sonho em ser*. O que ela quer dizer é que provavelmente não sou um jogador de futebol famoso, mas sim um que é altamente elogiado, mas sem ter mérito de fato.

Ah, merda. A voz soa rica em nuances e suave e tem um sotaque sulista bom o suficiente para fazer uma garota desfalecer. A voz também

soa vinda de alguém meio inteligente.

Eu me viro lentamente. O Sr. Alto, Loiro e Jogador de Futebol Americano está bem na minha frente com um sorriso arrogante.

Como diabos ele chegou aqui tão rápido?

Sabe aquele momento em que tudo para, e sua próxima respiração parece a primeira do restante da sua vida? É assim que me sinto quando Maverick Monroe me encara com seus penetrantes olhos azuis.

Olho para baixo e observo o peitoral definido e os bíceps duros.

Eu olho para trás e vejo uma mandíbula esculpida, delimitada por uma barba por fazer. Eu vejo a fina cicatriz rosa que corta sua sobrancelha esquerda, e isso não diminui seu sex appeal.

Ele é a perfeição.

Ele é o ar.

O que eu preciso desesperadamente agora, porque não consigo respirar.

Maverick sorri, como se estivesse lendo minha mente, e eu me esforço para me recompor. Alguém grita seu nome — é a voz de uma menina, provavelmente uma daquelas gêmeas —, mas ele não se mexe.

Seus olhos percorrem minha saia, óculos e lábios.

— A questão é... Você sabe o que faz um jogador ser um bom jogador de futebol?

— Boas mãos?

Seus lábios se contraem.

— Dificilmente.

— Um tigh end? — Eu sorrio, me sentindo atrevida... o que é estranho. Não sei quem é essa pessoa agora, mas é como se minha boca tivesse vida própria dizendo coisas que normalmente não diria.

Martha-Muffin engasga com sua bebida com por causa do meu comentário, e Skye me observa com alegria, claramente animada por eu ter a atenção de alguém que aparentemente é *muito* importante em Waylon.

Eu apoio a mão no quadril e continuo:

— A questão é... por que eu precisaria saber?

— Você não precisa saber. Só precisa saber que *eu* sou o melhor.

Eu sorvo o ar ao ouvir sua arrogância.

Um cara passa por nós e lhe dá um tapinha no ombro.

— Jogo foda na semana passada, Mav. Mandou bem.

— Valeu, cara. — Maverick levanta o queixo, seus olhos nunca desviando dos meus.

— Em que posição você joga? — pergunto. — Quarterback?

Ele sorri.

— Linha de defesa, middle linebacker.

— Parece chique.

Ele ri.

Skye, que está escutando descaradamente nossa interação, suspira, com uma expressão sonhadora no rosto.

— Suas estatísticas são as melhores do país. — Ela limpa a garganta.

— E-eu só sei disso porque meu irmão é seu fã, eu juro.

— Oi, Maverick — Martha-Muffin diz enquanto se aproxima dele, me empurrando para longe dos seus ombros afiados. — Lembra de mim?

Ele se concentra nela.

— Não.

Ela instantaneamente arma uma carranca.

— Eu estava no seu dormitório com seu colega de quarto na semana passada. Você me *cumprimentou*.

Ele dá de ombros.

— Muitas meninas passam por lá. Não consigo me lembrar de todas.

Oh. Meu. Deus. Ele é arrogante, mas eu gosto de como simplesmente abaixou a bola dela.

O rosto de Martha-Muffin fica vermelho, e ela murmura algo baixinho, se vira e vai embora. Vai com Deus.

Com o canto do olho, vejo que Skye está se afastando também, me dando um sinal de positivo.

Seja lá qual for o significado disso, eu não vou dar em cima desse cara... Vou?

Ele definitivamente tem uma aura diferente, algo que faz meu corpo vibrar. Eu inclino o queixo para cima, percebendo quão alto ele é. Maverick deve medir quase dois metros.

Seu olhar passeia pelo meu rosto.

— Você sabe que há uma lenda aqui em Waylon sobre a nossa famosa festa da fogueira?

— É?

Ele sorri, um flash de branco em seu rosto bonito.

— A lenda diz que a primeira pessoa que você beija na festa é aquela que você nunca vai esquecer. Pode passar muitos anos depois desse beijo, mas será com o rosto dessa pessoa que você vai sonhar.

— Isso me parece superstição boba.

Ele levanta sua sobrancelha esquerda hipnotizante.

— Eu gosto de acreditar em lendas, afinal, eu sou uma.

Eu sorrio.

— Provavelmente uma história inventada por algum garoto de fraternidade querendo beijar todas as garotas.

Maverick para por um momento, como se estivesse pensando, e então se aproxima, fica tão perto, que posso ver os vários tons de azul ao redor de suas pupilas.

— Posso?

Meu coração dá cambalhotas.

— O quê? — pergunto, minha voz baixa, mas eu sei o que ele quer. Meu corpo já está inclinado em direção a ele, querendo também.

— Isso. — Ele me beija, um toque quase imperceptível quando roça seus lábios carnudos nos meus. O contato de nossas bocas é elétrico, sinto faíscas e fogo deslizando pela minha pele.

Como se estivesse distante, ouço alguém chamando seu nome. É uma garota, e ela está chateada.

É uma das gêmeas, provavelmente.

E eu estou com ciúmes.

Mas eu não olho. Nós nos afastamos, e olho para Maverick enquanto ele volta a me observar. Uma quietude se instala na festa, embora eu não ache que alguma coisa tenha realmente mudado. A música ainda está tocando. As pessoas ainda estão falando. As cervejas estão sendo distribuídas.

Porém...

Estamos conectados.

Duas estrelas num céu negro.

Dois navios passando na noite.

Ah, foda-se, para com essa bobagem, digo a mim mesma.

— O que foi isso? — pergunto, sem fôlego.

— O seu primeiro beijo na fogueira. Agora você nunca vai me esquecer.

E então, antes que eu possa pensar em uma resposta, ele se vai.

Eu o vejo voltar para as gêmeas, a frustração se acumulando dentro de mim enquanto expiro.

Passariam dois anos antes de eu beijá-lo novamente.



CAPÍTULO 1

Delaney

É noite do Dia dos Namorados, e minha vida social está pior do que quando eu era uma caloura de aparelho no Colégio William Henry, em Charlotte, Carolina do Norte. Pelo menos naquela época um dos nerds da minha turma de matemática me deu uma caixinha em forma de coração com chocolates velhos e um ursinho de pelúcia marrom. Tudo o que tenho este ano é um coração partido, uma garrafa de vodca e um filme de terror dos anos oitenta.

Skye está por aí se divertindo, e fico feliz por ela. Ela saiu da nossa casa fora do campus para desfrutar de um encontro com o namorado, Tyler, e aqui estou eu... definhando nas minhas calças de ioga e chorando em cima da minha pipoca.

Eu dou uma olhada ansiosa para o meu celular, esperando que ele mostre uma ligação ou mensagem de alguém que se importe comigo... Mas o aparelho permanece em silêncio, zombando de mim enquanto eu me pressiono contra o couro marrom desgastado do sofá. Odeio sentir pena de mim mesma, mas às vezes me dá a impressão de que não tenho

família desde que minha avó — a pessoa que me criou — faleceu logo antes de eu vir para a faculdade.

Deus. Estou solitária.

Sinto o cheiro do cobertor que quase cobre meu rosto, e eu juro que ainda sinto os vestígios de perfume picante do meu ex. Alex faz parte do time de especialistas, jogando como kicker do time de futebol americano de Waylon, e estávamos juntos desde que nos conhecemos no primeiro ano, durante a aula de literatura. Ele foi o meu primeiro, a pessoa com quem eu pensei que passaria o restante da minha vida, e no ano passado, parte de mim meio que esperava que ele me pedisse em casamento. Em vez disso, ele me traiu.

Tomo um gole de Grey Goose direto da garrafa, olhando-a de cara feia. Pelo menos ele tinha bom gosto para vodca.

Eu levanto a garrafa no ar, brindando.

— Feliz Dia dos Namorados, Alex, onde quer que você esteja. Espero que Martha-Muffin possa lhe dar o que eu não pude. De preferência, uma doença venérea.

Sim, minha arqui-inimiga do primeiro ano dormiu com meu namorado, e a pior parte foi que eu os flagrei em seu dormitório.

Sentindo aquela melancolia familiar de estar sozinha, volto minha atenção para o filme. Uma música assustadora e sinistra soa pelos alto-falantes de som surround enquanto uma garota corre por uma floresta, sua cabeça virada para trás enquanto vê se está sendo seguida. O terror está estampado em seu rosto.

Foi por desafio de Skye que eu escolhi esse filme em particular, e parte de mim sabe que ela realmente só quer que eu permaneça ocupada em uma noite de solidão.

A pipoca de micro-ondas ainda está quente enquanto coloco um pouco na boca e mastigo furiosamente, observando a heroína na tela ser subitamente abordada por uma figura corpulenta com uma máscara. Eu grito — mesmo sabendo o que estava por vir — jogando grãos para o alto. Han Solo, meu gato, fica de pé e sibila, seu pelo preto e branco arrepiado. Eu o derrubei de sua posição confortável no sofá.

— Desculpe, meu pequeno.

Foda-se o desafio. Aceito o castigo, que sem dúvida será inusitado. A última vez que perdi, ela me fez ficar em cima de uma mesa no refeitório e gritar o refrão da música Milkshake: “meu milkshake traz todos os garotos para o meu quintal”.

Pego o controle remoto e silencio a televisão, imaginando se vale a pena assistir sem o som ligado. Eu *estou* assistindo, só *que sem* todos os gritos de gelar o sangue e a música arrepiante.

— Eu topo *Gatinhas e Gatões* ou *Os Goonies* qualquer porra de dia, esses são os melhores dos anos oitenta — murmuro baixinho enquanto olho para Han. — Concorda comigo?

Sua cabeça se inclina levemente. Ele me entende. Eu sei que ele entende.

Eu expiro e sento de volta, dobrando minhas pernas e me sentando sobre elas enquanto inclino a cabeça para trás contra o sofá.

Ping!

Meu celular notifica a chegada de uma mensagem de texto, e eu me endireito para pegá-lo na mesa.

Minha testa franze quando vejo o número desconhecido. Geralmente é mensagem de telemarketing ou golpistas... mas, nesse caso, o prefixo é da cidade.

Eu leio a mensagem.

Ei, gostosa. Estou feliz por ter uma carteirinha da biblioteca, porque fiquei de olho em você hoje. Tem um Band-Aid aí? Porque ralei o joelho quando caí de quatro por você.

Duas coisas acontecem ao mesmo tempo: eu meio que rio e meio que bufo, causando um ataque de tosse do qual me recupero rapidamente. Eu *estava* na biblioteca esta manhã, antes da minha aula de psicologia avançada, trabalhando em um artigo, mas não notei ninguém olhando para mim. Deve ser minha melhor amiga fazendo uma brincadeira comigo com o celular de outra pessoa.

Eu rapidamente digito uma resposta.

Skye? O que aconteceu com seu encontro com Tyler?

É perfeitamente possível que ela esteja com pena de mim. Deve ter saído por um minuto para checar se estou bem e está usando o celular do Tyler. A qualquer momento ela vai perguntar se ainda estou assistindo Michael Myers.

Outra mensagem chega.

Não estou em um encontro e não conheço uma Skye. Ela é tão gostosa quanto você?

Pare de zoeira.

Eu bebi um pouquinho de vodca... ok, muito. Eu sou homem. Juro pelo menino Jesus.

Minha testa se enrugou. Existe alguma possibilidade que isso não seja coisa da Skye? Mas então quem pode ser?

Como você conseguiu esse número?

Você colocou um aviso no quadro de apoio no centro estudantil um tempo atrás. Eu te vi e anotei o número. Eu te vi novamente hoje na biblioteca, então deve ser um sinal para nos encontrarmos. Quer dar uma, gata?

Gata?

Dar uma?

Que pretensioso do cacete, penso, mortificada. Ninguém respondeu ao aviso que coloquei à procura de um parceiro masculino para fazer uma aula de salsa comigo. Felizmente, o aviso não tinha meu nome (*que embaraçoso*), apenas meu número de celular; eu até estava pensando em tirar aquilo de lá, mas com o artigo na biblioteca e a aula, não encontrei tempo. Eu estava em um momento de fraqueza quando a ideia surgiu, e agora, olhando para trás, aquilo me cheira a desespero de uma garota que recentemente foi traída e estava se sentindo sozinha.

Eu olho para o celular como se o *imbeciloide* do outro lado pudesse realmente me ver.

Não sou seu Tinder pessoal. Vá encontrar outra pessoa para assediar.

Nada acontece pelos próximos quinze minutos enquanto olho para a televisão sem realmente ver nada, furiosa, minha mente vagando pelas possibilidades de alguém ter me visto colando o anúncio. Centenas de alunos passam todos os dias, poderia ter sido qualquer um. Eu penso na minha sessão de estudo matinal hoje na biblioteca, tento lembrar se alguém estava me observando, mas eu estava hiperfocada (como sempre) e mantive a cabeça baixa quase o tempo inteiro.

Eu acho que deveria bloquear este número.

Uma nova mensagem aparece.

Ei, olha, me desculpa. Aqui quem fala não é a pessoa que te mandou aquelas cantadas horrorosas e sexuais anteriormente. Essas mensagens foram enviadas pelo cuzão do meu amigo que pegou meu celular e mandou a mensagem sem o meu conhecimento. Já peguei o aparelho de volta agora, então podemos esquecer isso e ficar bem, certo? Desculpe a inconveniência e espero que você encontre um parceiro de salsa. Até mais.

Finalmente, uma mensagem educada — exceto pela parte da despedida, porque eu não tinha terminado de falar. Ainda quero saber quem são essas duas pessoas. Parte de mim está se perguntando se é Alex testando o terreno, talvez querendo saber se eu segui em frente. Ele tem me mandado mensagens, tentando estabelecer alguma comunicação, mas eu tenho ignorado. Todavia isso não parece ser o estilo dele.

Calma aí, Stalker. Quem é você?

Os segundos passam, e eu posso ver os pontos na tela indicando que ele está respondendo. Estou imaginando um babaca de fraternidade, o primeiro a desmoronar num canto, e em vez de desenhar um pau gigante na testa do sujeito, o segundo cara roubou seu celular e mandou mensagens para garotas aleatórias.

Meu nome é Inigo Montoya. Você matou meu pai. Prepare-se para morrer.

Eu rio baixinho com a referência icônica do filme, e parte de mim relaxa.

Boa.

Você é fã de A Princesa Prometida?

Um dos meus favoritos. Eu até tenho uma camiseta com Buttercup e Westley

Eu digito, me referindo aos dois personagens principais.

Vou me lembrar disso.

É por isso que você está me mandando mensagens no Dia dos Namorados? Para falar sobre A Princesa Prometida? Você está se sentindo sozinho?

Meus dedos se movem rapidamente. Eu me sinto confortada por não ser o único fracasso romântico no feriado do amor.

Estou te mandando mensagem porque meu amigo foi um babaca. Ele não queria exatamente ser um babaca, ele só acha que deveríamos dar uma.

Não vou responder a esse comentário.

Então, onde você está agora? Dormitório? Festa de fraternidade? Clube de strip fora do campus?

Meu chapéu de detetive já está na cabeça, e estou determinada a descobrir quem é esse cara. Minha mente se volta para um cara magro e meio nerd que frequenta a seção de romance na biblioteca. Ele me dá alguns olhares demorados quando eu passo por ele.

Estou na cama

Ele diz.

Sozinho?

Estou sendo mais ousada que o normal.

Sim. E você?

Eu hesito para responder. Afinal, ele poderia ser um serial killer, mas eu não saberia reconhecer essa vibe, então confio nos meus instintos.

Só meu gato e eu, um filme de terror e uma garrafa de vodka –
um jeito e tanto de passar o Dia dos Namorados.

Pelo menos dois minutos se passam, muito tempo no mundo das mensagens de texto; eu me pergunto se ele foi embora ou se cansou de mim. Mordendo o lábio inferior, estou quase indo me castigar por revelar todo o meu mistério quando uma nova mensagem chega.

É louco e estranho que estejamos conversando e você nem saiba
quem eu sou?

Você sabe quem eu sou?

Eu pergunto, ajustando meus óculos de estilo gatinho no nariz. Se ele me viu colocar o anúncio, provavelmente sabe quem sou eu. Waylon é um campus pequeno, com cerca de seis mil alunos, então é provável que já tenhamos nos visto ou até mesmo tido uma aula juntos.

Você se chama Delaney, uma caloura vinda da Carolina do
Norte.

Meu pulso acelera quando sinto meu coração batendo no peito, mas esses são fatos básicos que ele poderia ter tirado das minhas redes sociais.

Ele envia uma outra mensagem.

Verdade: Eu te acho linda. Nós nos conhecemos... quer dizer,
mais ou menos.

Ele me acha linda? Meu ego ferido fica lisonjeado, e dou uma olhada em Han.

— Acabou de ficar um pouco quente aqui ou é a vodca falando? — Ele revira os olhos e vai para a cozinha. — Você está dizendo que eu bebi demais? — eu pergunto, mas ele me ignora intencionalmente ao não se virar na minha direção.

Eu olho para o meu celular, me perguntando o que mais dizer. Eu provavelmente deveria terminar essa conversa, mas sinto uma conexão estranha com meu novo parceiro de mensagens de texto.

Eu posso conversar com um cara aleatório.

Eu quero fazer isso.

Faça isso, Delaney. Eu me atrevo mentalmente.

Você ainda está aí?

Fui longe demais? Eu costumo fazer isso. Deveria apenas me desculpar antecipadamente por qualquer coisa que eu esteja prestes a dizer ou fazer.

Ele não foi longe demais. Na verdade, despertou meu interesse.

Então quem é você?

Eu sou um atleta fodão.

Eu reviro os olhos.

Então você pratica um esporte aqui em Waylon?

Sim.

Droga. Meu coração dá um pequeno salto e despenca — é provável que ele conheça Alex. O dormitório esportivo fica no lado oeste do campus, e a maioria dos jogadores mora lá. Futebol americano, beisebol e luta-livre ocupam um lado do Byrd Hall, enquanto futebol, vôlei, tênis e esportes menores ocupam o outro lado.

Eu franzo os lábios.

Qual esporte? Deixei o futebol americano de lado nos últimos tempos.

Vamos manter isso em segredo, mas se você precisar de um nome, pode me chamar de He-Man.

E eu serei a She-Ra?

Sua resposta é rápida.

Porra, não, eles eram irmãos. Escolha outro nome, algo que combine com você.

He-Man combina com você?

Você mora no Castelo de Grayskull? Você está lutando contra o Esqueleto?

Na mosca. Eu chuto o rabo dele todos os dias.

Eu sorrio.

Você falou muito sério sobre isso. Estou começando a me perguntar se você não é maluco.

Escolhe um nome logo.

Princesa Leia.

Perfeito

Estou te imaginando com as rosquinhas nas orelhas.

Eu rio.

Estou te imaginando como um cara loiro musculoso com um cérebro do tamanho de uma noz.

Não se deixe enganar pelos estereótipos de atleta burro.

E você não deve se deixar enganar pelo meu status de garota nerd e quieta. Eu sou uma mulher de sangue quente com necessidades bem específicas.

Deus. Não acredito que acabei de digitar isso. Tomo outro gole de vodca.

O que eu queria dizer é que não fico mais com atletas, especificamente jogadores de futebol americano.

Ok, isso soou estúpido. Claramente eu preciso parar com as mensagens.

Ele não responde, então minha mente começa a divagar.

Ele é jogador de futebol? Isso pode explicar por que não me disse seu nome. Os caras do time têm um código sério de machos quando se trata

de não mexer com as ex dos outros jogadores.

Decido mudar de assunto.

Minha colega de quarto me desafiou a assistir a um filme de terror hoje à noite - sozinha. Eu estava apavorada.

Você gosta de desafios?

Sim. Isso me obriga a sair da zona de conforto.

Parece bobo dizer, mas é fácil contar a ele essas coisas porque eu não o *conheço*. Estou começando a ver por que o anonimato é atraente.

Ouço Han miando na porta dos fundos. Há uma caixa de areia na lavanderia, mas ele é bastante viril e gosta de sair para uma brincadeira ocasional pelo quintal, para demarcar seu território. Eu gosto de acompanhá-lo desde que meu último gato desapareceu há um ano, me deixando arrasada.

Ei, preciso ir.

Meu gato precisa de mim.

Espera, você disse que gosta de desafios, certo?

Sim.

Eu te desafio a sonhar comigo esta noite.

Quê? Por quê?

Pergunto, minha frequência cardíaca acelerando.

Porque eu vou sonhar com você.

Ah. Eu mordo o lábio e a parte interna das bochechas.

Tipo um sonho sexy?

É isso que você deseja?

Sim.

Meu corpo ganha vida, todos os sentidos em alerta. Parece fazer uma eternidade desde que alguém me beijou ou fez meu estômago vibrar.

Eu digito:

Preciso de mais detalhes se quiser te imaginar na minha cabeça, especialmente porque não sei quem você é.

Você sabe que sou atleta, sou loiro e gosto de balançar minha espada por aí.

Eu rio.

Onde estamos no sonho? Me dê um cenário. Eu preciso de mais.

Alguns momentos se passam antes que ele finalmente responda.

Em uma festa de alguma fraternidade. Todo mundo está no térreo, e nós dois estamos lá em cima, em um banheiro vazio.

Sério?

Esta é a minha fantasia, Princesa Leia. Apenas vem comigo.

Beleza. O que estamos fazendo?

A sala está mais quente, e meus dedos estão suados enquanto digito as mensagens. Eu me imagino com um homem sombrio em um banheiro minúsculo e apertado. Suas mãos seguram meu rosto enquanto ele olha para mim, seu polegar passeando sobre os meus lábios. Ele me beija no pescoço, o que faz com que eu sinta como se houvesse raios me atingindo na pele.

Meu corpo aquece a ponto de eu me contorcer no sofá, os dedos pairando sobre o celular.

O que você acha que estamos fazendo?

Se beijando?

Um pouco mais.

Merda.

Avançando pela intermediária?

Mais.

Gol de placa?

Eu envio depois de uma pequena pausa, me sentindo tonta. A coisa saiu de controle e provavelmente vou me arrepender amanhã, mas, por enquanto, não estou me importando.

Nós estamos nos pegando contra a parede, Princesa Leia – com força. Eu gosto das coisas com força.

Eu imagino a cena, o pequeno banheiro quente pela nossa proximidade. Meu corpo arqueia em direção ao dele, e ele mal desceu o jeans, mas já está dentro de mim, deslizando para dentro e para fora enquanto eu gemo...

Merda. Isso ficou totalmente fora de controle. A mulher poderosa que habita em mim está se rebelando com a sugestão de ele me pegar com

força, e... *caramba*, eu gosto disso. Meu coração troveja.

Você ainda está aí?

Eu digito:

Eu tenho que ir.

Como quiser.

Com um movimento rápido, desligo meu celular e o jogo no sofá. Esse He-Man ou Atleta Fodão ou seja lá como ele se chama é problema. Eu olho para o celular por mais uns instantes antes de correr para a cozinha, a fim de beber um copo de água gelada.



CAPÍTULO 2

Delaney

*E*stou absurdamente atrasada para a aula quando saio correndo do café do centro estudantil. Usando minha jaqueta preta justa da North Face e carregando minha mochila enorme, me sinto caminhando de uma maneira um pouco instável. Seguro um café grande em uma mão e um donut na outra; ambos são essenciais, meu sustento doce para me manter de pé, essa é a melhor parte da minha manhã, especialmente porque eu preciso ir para o canto mais distante do campus para minha aula.

Minha cabeça está abaixada enquanto passo pelas portas de vidro, mas meu olhar nota um Porsche prateado estacionando em uma vaga perto da entrada.

Ugh. É Alex, e eu não quero vê-lo.

Meus punhos se fecham quando dou um passo para trás e fico sob a sombra do pórtico, esperando poder contornar para a direita para não o ver antes que ele me veja. Mesmo que ele esteja constantemente me

mandando mensagens pedindo para se encontrar comigo, não me sinto pronta ainda. Ele até bateu na minha porta algumas vezes, mas ou não respondi ou mandei Skye dizer que eu não estava em casa.

Eu provavelmente sou o ser vivo mais azarado do mundo, porque antes que eu possa me virar, seus olhos castanhos encontram meu rosto. Ele faz uma pausa, suas bochechas corando. Talvez seja pelo frio que ainda paira nesta manhã de segunda-feira, ou talvez Alex esteja envergonhado. Ele deveria estar. Lembro de quando me deu um anel de compromisso em nosso aniversário de um ano, dizendo que mal podia esperar para torná-lo um anel de noivado de verdade. Obviamente, sua promessa era completamente falsa.

Ele dá um aceno hesitante, como se quisesse me cumprimentar, mas então sua mão rapidamente desce e repousa contra sua perna.

Droga. Não posso lidar com esse tipo de confronto agora. Pegá-lo em flagrante quase me destruiu.

Eu me viro e sigo meu caminho para me afastar dele.

Eu ouço sua voz me seguindo, ecos de um timbre que costumava causar arrepios na espinha.

— Ei, Delaney! Espera.

Não. Não importa o quanto eu queira estourar, eu não vou parar. Meu Converse parece devorar a calçada enquanto mantenho a cabeça baixa e permaneço olhando para meus cadarços. *Continue a andar, continue a andar.*

Plaft.

Eu corro diretamente em direção a um outro corpo, um que cheira levemente a algo que não consigo definir muito bem, algo... exótico e sombrio.

Tudo o que consigo compreender nesse breve intervalo é que ele é alto, quase dois metros, e que deve ter um peito de aço. Meu café voa pelo ar e aterrissa de cabeça para baixo no jardim que contorna o passeio. Eu amaldiçoo minha sorte. Eu ainda não tinha nem dado uma boa golada, porque o café estava muito quente.

Então, quando acho que consegui manter minha rosquinha em segurança, meus pés parecem embolados um no outro e eu tropeço novamente no viking loiro, pressionando a rosquinha em seu peito largo.

— Droga. — É a palavra áspera que sai do rapaz enquanto suas mãos alcançam meus ombros. Seu contato é firme, mas sem me imobilizar, como se ele estivesse completamente ciente de sua força e eu fosse um fiapinho preso na sua blusa — bem, talvez não um fiapo. Tenho quase 1,80 m, e consigo me virar bem quando estou perto de um cara grande.

— Poderia olhar por onde anda, por favor? — ele pergunta, um lampejo de aborrecimento em seu tom.

— Você é que me atropelou — eu retruco. Isso não é verdade, mas estou com raiva.

Eu levanto a cabeça e encontro olhos azuis penetrantes que me deixam toda excitada. Claros e quentes, têm um toque de cinza ao redor da íris, dando a eles uma aparência de aço. O cara pisca enquanto me observa, passando os olhos sobre meu coque bagunçado, minha jaqueta e a legging. Não estou vestida para impressionar, meu rosto está sem maquiagem, exceto por pinceladas rápidas de brilho labial e rímel, e minhas sobrancelhas precisam seriamente de uma aparada. Eu coloco uma mecha de cabelo loiro-claro que caiu do meu coque atrás da orelha, gemendo por dentro. É a minha cara não apenas encontrar meu ex, como esbarrar no inatingível e enigmático Maverick Monroe imediatamente depois.

Minha primeira lembrança dele remonta ao primeiro ano, na festa da fogueira de outono. Ele apareceu com as gêmeas, uma em cada braço, mas de alguma forma acabou *me beijando*, alegando alguma coisa sobre uma lenda em que a pessoa que você beija na sua primeira fogueira em Waylon será a pessoa que você nunca esquecerá.

Tá, aham.

Ele tinha se esquecido de mim — obviamente —, e eu segui em frente e conheci Alex, que na época era doce e gentil, não o escroto traidor de agora.

Ao fundo, ouço a voz de Alex me chamando, mas o guerreiro viking na minha frente tem toda a minha atenção. Maverick é o jogador de futebol sem o qual nosso time não poderia viver. Todo feito de músculos rígidos e força física, nossa defesa é lendária na Conferência Sudeste, e é em grande parte por causa dele, o atleta mais gostoso de todos os tempos, que pensa que é o melhor ser vivo que já habitou este planeta desde o surgimento dos gatos sem pelos. Talvez ele seja mesmo. Eu não saberia dizer, porque eu realmente não o conheço. Claro, eu sei que ele tem um tanquinho e tanto e ombros que te fazem morder o lábio, mas não sei nada sobre sua vida pessoal.

E eu não faço o seu tipo.

Infelizmente ele *é* meu tipo, até mesmo usando jeans apertado, Converse e camisa preta que acentua cada reentrância do peitoral. Por que ele não está de casaco em pleno fevereiro? Provavelmente é muito durão para isso.

— Você está bem? — ele pergunta, seu olhar vagando sobre mim.

Eu limpo a garganta antes de responder.

— Sim.

— Acho que você está indo para a aula. — Ele verifica o relógio. — Que vai começar em cinco minutos. Parece que nós dois vamos nos atrasar. Pelo menos você não derrubou café em si mesma. — Ele sorri, um flash de dentes brancos espreitando através dos lábios carnudos.

Digo aos meus olhos que parem de olhar para ele — porque não se pode confiar em jogadores de futebol, *caramba* —, mas há três coisas que meu cérebro não pode deixar de notar: comida mexicana, Star Wars e um atleta musculoso... e rosquinhas. Então, são quatro.

Eu balanço a cabeça.

— Sim, você senta com suas fãs no meio da sala. Eu sento um pouco atrás. — Eu suspiro quando ele arranca o donut esmagado do peito. — Desculpe por trombar em você. Eu estava com pressa para chegar, quer dizer, eu acho que estava.

— Sem problemas. Isso nos deu a chance de conversar.

Quê? Por que ele quer falar comigo?

— Sobre o quê? — eu pergunto, mas ele não me responde.

Em vez disso, Maverick olha para os confeitos rosa e roxo e para o glitter comestível que pontilham sua camisa.

— Tem muito açúcar na minha camisa. Isso não pode fazer bem para você.

— Desculpa. A cobertura é minha fraqueza, e não consigo resistir quando vou na cafeteria. Eu sempre digo que não vou botar cobertura de novo, porque elas vão acrescentar ao menos mais de cinquenta calorias, mas, no final, ela é tão bonita. — Aponto para o donut esmagado. — Essa rosquinha em particular é chamada de Unicórnio, porque tem todo tipo de cobertura da confeitaria. — Faço o sinal da cruz. — Descanse em paz, doce rosquinha.

Continuo tagarelando sobre os diferentes sabores de donuts enquanto rapidamente limpo a camisa dele com as mãos, atirando pedaços de massa na calçada e calculando secretamente se tenho tempo suficiente para correr de volta à confeitaria para pegar outro.

Sinto que seu peitoral é — zero surpresa — duro feito aço, sólido, enquanto meus dedos se agitam sobre a região, mas de repente me sinto constrangida e um tanto tímida porque o toquei sem permissão. Claro, nós demos um breve selinho há dois anos, mas isso parece ter acontecido em outra encarnação.

Deixo as mãos caírem ao lado do corpo, e nossos olhos colidem novamente.

Um espirro nervoso ameaça vir à tona, e eu o engulo, meus dedos apertando as alças da minha mochila. *Não espirre agora, Delaney!*

Maverick limpa a garganta.

— Eu estava me perguntando se você não quer...

Mas nesse momento Alex aparece ao meu lado.

— Delaney! Você está surda? Estou te chamando, e você nem olhou.

Seus olhos saltam de mim para Maverick, vendo o donut, que ainda está na mão de Maverick, e meu copo de café abandonado lindamente em cima de um arbusto ornamental.

— O que aconteceu? — ele questiona, seu rosto quadrado mostrando preocupação, os olhos mirando meu rosto lentamente e se demorando um pouco mais em meus lábios. Ele é um cara bonito, magro e forte, com olhos suaves, cabelos ruivos e um sorriso fácil que costumava me fazer derreter toda.

Meu corpo inteiro se contrai. Não conversamos há um mês, e agora aqui está ele, me perseguindo pelo campus e olhando para mim como se eu fosse seu doce favorito.

— Você não vai nem falar comigo? — Alex segura sua mochila e dá mais um passo em minha direção.

Maverick volta seu olhar para mim e levanta uma sobrancelha, como se me pedisse uma explicação. Sua expressão meio que me diz: *Ele está meio desesperado.*

Prefiro comer uma lesma a falar com ele, respondo também somente com a expressão. Eu não tenho certeza se ele entendeu minha mensagem só com meus talentos para a linguagem corporal, mas eu poderia jurar que seus lábios se contraíram.

De qualquer forma, Maverick não diz nada, apenas desliza o olhar de mim para Alex.

Estou uma pilha de nervos, e a maior parte disso tem a ver com Alex me perseguindo, mas parte é por ter esbarrado em Maverick, o que me faz pensar no Atleta Fodão e no que *ele está* fazendo agora. E se Maverick *for* o atleta fodão? Ambos são loiros e atléticos... mas e se o Atleta Fodão for apenas um jogador de tênis? Ou um daqueles caras de vôlei? Há um milhão deles no campus.

Alex pega minha mão, e estou tão surpresa que ele esteja me tocando, que acabo deixando.

— Olha, gata, eu não quero ter essa conversa na frente de todo mundo... — Ele lança um olhar de lado para Maverick, que não se move um centímetro. — Mas você não quer me encontrar no Pluto's para tomar um café depois da sua aula? Eu sei que você ama aquele lugar.

Gata? Eca.

— Você perguntou o que aconteceu, nós trombamos um no outro — diz Maverick abruptamente enquanto seus olhos vão de mim para Alex, agindo como se tudo estivesse perfeitamente normal. Ele está tentando mudar de assunto, e eu aprecio seu gesto. Talvez ele tenha

compreendido o desespero no meu rosto. — Na verdade, eu estava ao celular, houve uma emergência com minha irmã, mas está tudo bem. Eu estava olhando para baixo, e acho que Delaney também. — Ele dá de ombros. — Infelizmente, ela perdeu o café da manhã no processo, e eu perdi meu celular.

— Você deixou cair? — eu pergunto, procurando, mas não encontrando o aparelho em suas mãos.

Ele concorda com a cabeça, e é a razão perfeita para retirar imediatamente minha mão da de Alex e me abaixar para ver se consigo encontrá-lo. Maverick faz o mesmo, e nossos ombros se chocam enquanto procuramos entre as azaléas.

— Obrigada — eu sussurro para ele enquanto examinamos a calçada.

— Pelo quê? — ele sussurra de volta.

— Por interromper aquele... momento.

— Ah, você ainda gosta dele.

Eu franzo o cenho.

— Não, eu não gosto.

— Então por que você está tão nervosa?

— Eu não estou nervosa. — Eu bufo baixinho. Remexer nos arbustos não é a situação apropriada para explicar a dinâmica do meu relacionamento com Alex.

— Está, sim. Por qual motivo então você trombou em mim? — Um pequeno sorriso curva seus lábios, e me lembro do jogador de futebol arrogante que conheci na fogueira.

Eu olho de cara feia para ele.

— Não. E eu mal te conheço para contar essas coisas.

— Nós podemos mudar isso. — Ele ergue uma sobrancelha.

Oh.

Bem, se é assim...

— Eu não sou uma de suas groupies. Eu não faço esse tipo de coisa casual.

— Talvez eu esteja apenas tentando te conhecer.

Eu dou a ele um olhar que diz “cai na real”.

— Por quê? Mal nos conhecemos.

Seu olhar se volta para Alex, que também está procurando o celular a alguns metros de distância.

— Agora que você não está namorando com o Alex...

Solto um grito triunfante quando encontro o celular e o seguro acima da minha cabeça. Alex está olhando todo carrancudo para nós, e acho que ele está com essa cara desde que afastei sua mão. Porém eu apenas o ignoro.

— Encontrei e, felizmente, o café não caiu em cima dele. — Maverick e eu permanecemos lado a lado. Fazemos uma pequena troca na qual ele me dá o donut esmagado e eu lhe devolvo o celular. Nossos dedos roçam, me causando um arrepio quente. Imediatamente enfio a mão no bolso do casaco.

Alex toca meu braço, ainda com aquele mesmo olhar irritado que se alterna entre Maverick e eu. Ele está segurando meu copo de café vazio, recuperado dos arbustos; ele também resgatou meu pequeno calendário de mesa, que escorregou da minha mochila porque eu a deixei meio aberta na pressa de sair de casa esta manhã.

— Aqui, você não precisa disso? — Ele acena para mim.

Eu agradeço de maneira comedida e enfio na bolsa sem olhar para ele.

— Você está bem? Sem inchaços ou contusões? — Alex pergunta, passando as mãos pelos meus ombros.

— Sim, eu estou bem. — Eu me endireito e levanto um pouco no queixo para olhar para ele. Alex não é tão alto quanto Maverick, deve ter menos de 1,90 m.

Um suspiro acumulado que eu não sabia que estava segurando sai, longo e cheio de emoção reprimida. E daí se Maverick está aqui ouvindo? Não é como se o campus inteiro já não soubesse por qual razão terminamos. A fofoca se espalha como fogo.

— O que você quer, Alex? Eu tenho uma aula me esperando.

Ele enrijece enquanto olha brevemente para Maverick, que curiosamente *ainda* está de pé ao meu lado.

— Eu só queria te ver e... dizer oi. Agora que o futebol acabou, pensei que poderíamos nos encontrar e conversar sobre tudo. Eu nunca tive a chance de te dizer pessoalmente que sinto muito por... tudo.

Uma imagem dele e Martha-Muffin em sua cama pisca na minha cabeça.

— Você quer dizer por ter me traído.

Fala direito, cuzão.

Alex fecha os olhos brevemente, em seguida pega meu cotovelo e gentilmente me puxa de lado.

Com um suspiro, eu o deixo me guiar. Talvez se ele conseguir dizer o que precisa dizer, pare de me incomodar.

— Não faz assim, Delaney — ele diz em um tom baixo. — O que houve com Muffin foi só daquela vez. Eu juro que nunca te traí antes.

Meu coração dói pela lembrança. Eu apenas balanço a cabeça.

— Você... você não é a pessoa que eu pensei que fosse. Acabou, Alex. Ele morde o lábio, com um olhar suplicante.

— Só quero que as coisas voltem a ser como eram.

Respiro fundo, a vontade de sair correndo surgindo com intensidade.

— Eu tenho que ir para a aula agora.

Eu me viro, e Maverick ainda está de pé perto da cerca, o rosto preocupado enquanto nos observa. Ele me chama quando passo, mas continuo andando.

Eu só preciso ficar longe de ambos. Quero mais é que esses jogadores de futebol se fodam.

Imagino os olhos dos dois sobre mim, e é bem difícil resistir a jogar um dedo no meio no ar, mas esses atletas arrogantes não valem a energia para tal gesto.



CAPÍTULO 3

Delaney

Ser introvertida tem suas peculiaridades. Às vezes, eu dou risadinhas nervosas incontrolavelmente, mas, na maioria das vezes, começo a espirrar. Quando me deparo com uma situação que tira meu mundo do eixo, um formigamento começa no nariz, nasce uma coceira e a pressão aumenta, até que finalmente vem um espirro. No último ano do ensino médio, fui pega matando aula, e quando o diretor me chamou em sua sala, espirrei tantas vezes, que as lágrimas escorriam pelo rosto. Ele me liberou depois de enfiar uma caixa de Kleenex em minhas mãos. Às vezes, funciona a meu favor, e eu posso usar isso como uma desculpa para escapar, mas, em outros momentos, pode ser simplesmente irritante.

Como agora.

— Posso me sentar aqui? — Uma voz profunda soa atrás de mim.

Meu corpo sabe quem é antes que meu cérebro se dê conta, então imediatamente suprimo a sensação de pré-espirro inalando fortemente e

prendendo a respiração por cinco segundos.

Eu deslizo meus óculos para baixo enquanto me viro e vejo Maverick olhando para mim. Já se passaram alguns dias desde a tragédia da rosquinha, nós nos cruzamos no corredor algumas vezes nesse meio tempo. Uma vez, eu pensei que ele tinha dito algo, mas eu sou muito esquisitona para parar e perguntar “*Ei, você falou comigo?*”, então eu simplesmente o ignorei.

Estamos agora no auditório para nossa aula de psicologia, e minhas mãos se agitam ao redor da mesa ao meu lado.

— Faça o que você achar melhor. Mas esteja preparado, as luzes nessa parte estão bem fracas. Não seria legal se você pegasse no sono.

De alguma forma, ele consegue acomodar seu corpo grande no assento acolchoado e recliná-lo para trás; Maverick e suas longas pernas cobertas de jeans ocupando todo o espaço ao meu lado — ele parece sugar todo o ar.

— Ah, eu nunca conseguiria dormir aqui. — Maverick me lança um sorriso, e eu mentalmente levanto minhas defesas. *Não se deixe levar por esse tesão todo.*

Eu aceno, mantendo nossa interação como uma conversa casual.

— Sim, é uma aula interessante.

— E você está presente.

Meus cílios tremem, o que me impede de olhar para ele. Eu simplesmente não consigo. Uma pessoa normal perguntaria o que ele quis dizer com isso, mas, fala sério, sou eu. Eu apenas limpo a garganta e afasto minha perna um pouco para dar a ele mais espaço.

Fica tranquila, Delaney.

— O que você está desenhando? — Maverick pergunta, inclinando-se sobre meu ombro.

Eu paro de rabiscar no caderno. O calor de seu corpo é inebriante, então eu engulo em seco.

— Han Solo.

Seus lábios se contraem.

— Odeio dizer isso a você, Buttercup, mas Han Solo não é um gato. Ele é o capitão da Millennium Falcon.

— Ele também é um canalha e um contrabandista — eu acrescento. — E quem lhe deu permissão para me chamar de Buttercup?

Ele concorda e emenda:

— Eu sei que ele é um canalha, é isso o que o torna cativante. Ele é foda e tem o melhor amigo de todos os tempos, um Wookiee de dois metros de altura e armado. Ele é meu personagem favorito de Star Wars, ao lado de Yoda.

Maverick gosta de Star Wars? Eu apenas assumi que ele gostava de ficar o dia todo vendo gravações de jogos de futebol americano enquanto bebia cerveja, com uma garota de cada lado.

Eu balanço a cabeça e aponto para o meu desenho.

— Dei o nome dele ao meu gato, Han Solo Segundo.

— O que aconteceu com o Han Solo Primeiro? Foi morto por um sabre de luz?

Eu rio.

— Espero que ela tenha fugido com um gato. Ela provavelmente está morando em uma casa na árvore com seus gatinhos agora. — Não digo a ele que chorei por um mês quando ela desapareceu. Eu realmente não sei o que aconteceu com ela, mas imaginá-la com uma pequena família é a visão que eu gosto de manter no coração.

— Vivendo o sonho dourado — diz ele, e eu olho em sua direção. É difícil encarar Maverick de frente, mas eu o faço, deixando nossos olhos

se encontrarem, meu verde com seu azul. Quase iridescentes, como uma opala brilhante, contrastam de um modo vivo com sua pele bronzeada. Seu queixo é firme e quadrado, com um traço de covinha no meio, e seu cabelo é uma mistura de loiro-escuro com mechas douradas, queimadas pelo sol, por causa de todos aqueles dias de futebol americano. Não consigo ver a cicatriz desse ângulo, mas sei que está lá, do outro lado do rosto, aquela pequena imperfeição.

Um leve sorriso curva seus lábios enquanto seus olhos se aquecem, e eu me seguro firme na cadeira, percebendo que fiquei olhando por cerca de dez segundos a mais do que o normal. Esse tipo de olhar significa que você quer matar alguém ou dormir com a pessoa, e acabei de cruzar essa linha.

— Delaney?

Ele diz meu nome suavemente, e minha boca parece seca quando uma centelha de eletricidade dispara direto para o meu núcleo.

Estou ferrada. Ignore essa estranha reação hormonal que você tem na presença de Maverick.

Agora. Mesmo.

— Tudo bem? — ele pergunta.

Maverick deve achar que eu sou uma tapada.

— Tudo bem, totalmente bem. Como você está indo? Como está o futebol americano? Ah, sim, acabou a temporada... mas você ainda está praticando, certo? Para se preparar para o próximo ano e tudo mais, né? Não posso acreditar que seremos veteranos. Também não posso acreditar que você decidiu ficar mais um ano quando poderia ter sido draftado. — Estou divagando, e minha voz soa ofegante. Eu engulo em uma respiração profunda para me estabilizar.

Maverick coça a cabeça, uma expressão confusa no rosto.

— Você é engraçada.

— Não costumo falar muito, mas quando falo, aproveito ao máximo o momento.

Maverick ri.

— Fiquei porque ainda não teria sido uma escolha tão alta. Eu preciso subir mais meus números se quiser a melhor posição no draft. Eu tenho um amigo que foi para o profissional cedo demais, e o contrato foi péssimo. Eu tenho outro amigo que esperou e conseguiu um acordo de dois milhões de dólares.

— É tudo sobre dinheiro.

— Especialmente se você nunca teve dinheiro — acrescenta.

Interessante. Talvez Maverick não tenha crescido numa família abastada. Eu penso no que sei sobre ele e percebo que basicamente é quase nada, exceto que ele é de Magnolia. Eu olho para o meu desenho. Não sou rica como Alex, mas me viro com o dinheiro que vovó me deixou. Eu sou proprietária da casa em que Skye e eu moramos, e não preciso trabalhar em tempo integral. Felizmente, estou na WU com uma bolsa de artes.

Eu olho de volta para ele.

— Então... por que o grandão do campus está sentado no fundo do auditório comigo? Não há uma groupie de futebol americano em algum lugar chorando porque você não está ao lado dela?

— Porque eu posso. — Ele faz uma pausa. — E porque você não está mais namorando com o Alex.

— O que isso tem a ver? — Eu não posso acreditar que perguntei, mas algo em Maverick me deixa imprudente.

Ele me olha com um olhar tenso no rosto.

— Apenas uma observação. Você estava com ele desde o primeiro ano, todo mundo achava que vocês eram o casal perfeito.

— Eu não achei que você se importasse, você sabe, tendo as gêmeas com você e tudo mais.

— Você lembra da fogueira. — Não é uma pergunta.

— Meio difícil de esquecer.

Seus olhos encontram os meus.

— Eu te dei seu primeiro beijo na fogueira. A lenda diz que você nunca vai me esquecer.

Eu inclino a cabeça.

— Qual é o seu nome mesmo?

Ele ri, mas logo uma nuvem parece se instalar na expressão que estampa seu rosto esculpido.

— Alex não superou o término.

— Por que você diz isso?

Seus ombros se movem, o movimento quase imperceptível, mas dando uma impressão visceral de poder reprimido.

— Ele é meu companheiro de equipe, e eu vejo como ele olha para você. O cara não estava feliz em nos ver juntos na segunda-feira, e isso foi só um encontro acidental. Imagine como ele reagiria se realmente houvesse *algo* entre a gente. — Seus olhos deslizam para o meu rosto. — Ele provavelmente iria surtar e ficar chateado comigo, e isso definitivamente estragaria o jogo dele, e então, *puf*, lá se vai nossa chance de um campeonato no próximo ano. — Ele me dá um olhar provocante. — Os Kickers são bem emotivos...

Eu franzo o nariz.

— Independentemente de isso ser verdade ou não, eu posso fazer o que eu quiser.

Maverick me estuda atentamente.

— Então você voltou a sair com caras?

— Por que você se importaria com isso? — eu pergunto.

— Ei, Mav, você não vai sentar com a gente? — pergunta uma garota lustrosa, com cabelos escuros e muito batom rosa chamativo falando por trás da grade que se alinha aos fundos do auditório. Senhorita Morena arrasta o dedo ao longo do ombro de Maverick, fazendo uma carícia suave.

Ela dá um meio sorriso na minha direção, claramente nem um pouco preocupada que eu seja qualquer tipo de competição. Eu não retribuo seu sorriso.

Maverick lança um olhar para ela, mostrando até os dentes brancos enquanto sorri, mas não soa verdadeiro. Eles conversam sobre a aula, e eu fico fascinada, observando a reação dele a tudo que ela diz e percebendo a forma como ele concorda, o desinteresse em seu olhar. Seus olhos encontram os meus enquanto ela divaga sobre um grande encontro fora do campus entre as fraternidades, e ele sorri levemente.

Maverick não está a fim dela, e até eu sei disso.

Não sei como consigo entender completamente como Maverick funciona, é como se tivéssemos uma conexão e eu o *entendesse*.

Ela se afasta, os quadris balançando enquanto faz outro pequeno aceno por cima do ombro.

— Você costuma transar com ela? — eu pergunto casualmente.

Ele dá de ombros.

— Transei algumas vezes no ano passado.

Ah.

— Você é só um playboy, não é?

— Já tive relacionamentos sérios antes.

Eu estreito os olhos para ele, me sentindo arisca.

— É? Qual foi o mais longo?

Ele abre um sorriso.

— Namorei uma doce garota no ensino médio por um ano... — Sua voz desaparece. — Então as coisas ficaram confusas, e eu vim para Waylon. O futebol americano tem sido minha musa desde então.

— Não se sente, sei lá, meio solitário?

Ele me encara.

— Isso é uma entrevista?

— Não. Eu nem me importo em saber. — Que mentira. Estou morrendo de curiosidade de saber mais sobre Maverick.

Uma risada rouca escapa dele.

— Eu sei quando uma garota é para namorar e quando não é. Ela não era.

— Ah, “para namorar”, sei.

— Sim, você consegue saber quando uma garota faz seu coração bater como um louco toda vez que entra na sala. — Ele está olhando para mim com uma intensidade que me deixa sem fôlego.

Ele quer dizer que essa sou eu?

Não seja ridícula.

Nesse momento, o professor entra e começa a aula, e eu pego meu iPad para abrir o site da aula e começar a me organizar.

Eu tento realmente ignorar quão perto Maverick está sentado, como sua perna ocasionalmente roça na minha... E eu me lembro que me interessar por um jogador de futebol arrogante é a última coisa que eu preciso nesse momento.



CAPÍTULO 4

Maverick

É o mesmo sonho novamente. Eu tento me livrar disso, mas não adianta.

Talvez o desfecho seja diferente desta vez.

A chuva bate no carro e Def Leppard berra no rádio enquanto meu pai dirige nossa velha van. Minha mãe grita com ele, sua boca se movendo em câmera lenta, o som desencarnado, como se meu cérebro não quisesse ouvir suas palavras. Olho para minha irmãzinha e a abraço. Ela está com medo, e eu preciso protegê-la.

O pavor causa um calafrio na minha coluna quando a buzina de um caminhão a diesel soa por nossa causa enquanto passamos em alta velocidade por ele, nossos faróis refletidos na grade do seu para-choque.

Está se aproximando.

Meu corpo fica tenso... esperando.

Perto desta curva fechada.

Eu preciso pará-lo.

Eu grito para papai ir mais devagar.

Eu grito para mamãe calar a boca.

Mas eu não faço nada disso a tempo.

Há um cervo na estrada, seu rosto marrom se virando para olhar diretamente para os nossos faróis.

Há um som metálico horrível, como papel alumínio envolvendo um pedaço de carne, e depois um silêncio sufocante, denso, repleto de fumaça e mais fumaça. Gasolina... Sinto cheiro de gasolina e óleo, e isso me deixa frenético. Tenho apenas dezessete anos, mas já vi muitos filmes — sei que carros explodem. *Talvez fosse melhor se isso acontecesse*, penso comigo mesmo em meu sonho. Se todos nós apenas morrêssemos, tudo ficaria bem.

Não, digo a mim mesmo. Escape. Vivo.

Eu toco em minha pele e sinto o vidro. O sangue cobre meus dedos. Pendurado pelo cinto de segurança, de alguma forma eu luto para me libertar e consigo rastejar para fora da pilha de destroços. Mamãe está deitada na calçada, seu corpo torcido como um pretzel.

Eu ouço um gemido e encontro Raven parecendo uma boneca quebrada, seus olhos fechados enquanto eu a viro.

Deus, faça isso parar. Porra!

Eu acordo em um salto, o corpo completamente suado. Esfrego as mãos pelo cabelo, olho para o relógio e expiro pesadamente. São cinco da manhã, e de jeito nenhum vou conseguir voltar a dormir depois desse pesadelo.

A porta do meu quarto se abre, e é Ryker, um dos meus colegas de casa e meu melhor amigo. Vivemos em um apartamento tipo estúdio em Byrd Hall, também conhecido como dormitório esportivo. Ele aperta os olhos vermelhos e turvos.

— Cara? Ouvi você se debatendo, tá tudo bem?

Esfrego o rosto uma última vez e saio da cama, desejando que minha frequência cardíaca volte ao normal.

— A mesma merda de sempre.

— Acidente de carro? — Ele se inclina no batente da porta e me dá um olhar preocupado. Ryker é nosso quarterback, um cara grande, mas com um coração de ouro; ele sabe da minha infância fodida.

Eu concordo rapidamente.

— Toda vez que fevereiro chega, tudo isso ressurge. É como se eu estivesse em um pesadelo em que sigo pensando que posso impedir que aquilo tudo aconteça, mas nunca consigo.

Ele balança a cabeça, estudando meu rosto.

— Não ajuda que você esteja preocupado com Raven. Seu pai precisa dar um jeito na vida dele.

Um músculo treme na minha mandíbula. Só de pensar nele, sinto o sangue ferver. Ele perdeu o último emprego como mecânico... de novo.

— Como ela está? — Ryker me pergunta.

— O melhor que consegue ficar.

Meu amigo solta um suspiro, e eu sei que ele tem algo a me dizer sobre isso tudo:

— Você está se esgotando indo vê-la todas as tardes. Porra, você chegou em casa meia-noite. O treino e suas visitas... algo tem que ceder.

Minha boca se comprime.

— Eu não tenho escolha.

Raven sofreu uma lesão cerebral traumática, também conhecida como LCT, no acidente. Agora, aos dezenove anos, ela caminha arrastando a perna direita e tem problemas de fala, sem falar na perda de capacidade

cognitiva e nas explosões emocionais. A preocupação me joga no fundo do poço quando penso em tudo que ela perdeu.

Tudo que eu perdi.

Ela está morando com meu pai temporariamente nas últimas semanas, desde que a tiramos da casa de repouso financiada pelo governo onde ela ficou desde o acidente de carro, três anos atrás.

Eu nunca gostei daquele lugar, com seus quartos minúsculos e cheiro de morte, e quando ela apareceu com hematomas inexplicáveis na pele algumas semanas atrás, eu soube imediatamente que tinha de tirá-la de lá. Eu a deixei com meu pai, mas ela precisa ter *algum lugar* além do trailer dele. Minha irmã precisa de estabilidade, e uma rotina, e uma equipe de enfermagem regular para checá-la todos os dias, não apenas aquela que sua deficiência garante por lei e que só funciona três dias por semana.

Se ao menos eu soubesse sobre o abuso antes, quando não assinei a papelada do draft... Eu respiro fundo. Agora é tarde demais, e eu terei de esperar até o próximo ano.

— Você deveria falar com o treinador, talvez ele possa ajudar. — Ele diz o mesmo de sempre, mas Ryker não entende. Ninguém entende.

— Ajudar em quê? — Eu não posso deixar de ficar irritado com ele. — Ir para o trailer do meu pai e preparar o jantar? Ajudando-a a tomar banho? Colocando-a para dormir? Cai na real, cara. Eu preciso de *dinheiro*, e ninguém ligado ao futebol universitário ou a Waylon pode mudar isso, porque seria uma infração com a NCAA. Não posso aceitar nenhuma compensação financeira ou doação, lembra? O treinador não pode nem comprar uma porra de uma barra de chocolate. Se eles acharem que qualquer tipo de dinheiro ou benefício chegou até as minhas mãos, por menor que seja, vou perder a carreira na NFL. Essas são as drogas das regras.

— Regras estúpidas — ele murmura. — Se você não fosse um jogador tão bom...

Sim, fale mais sobre isso.

— Eu estou bem, ok? As coisas vão dar certo — eu digo com uma leveza que não estou sentindo, deixando para lá toda a minha preocupação. Eu mostro a ele meus punhos, que estão ásperos e vermelhos de bater no saco de pancadas na Carson's Gym, uma academia fora do campus em que tenho feito exercícios aeróbicos extras. — Eu resolvo minhas frustrações dessa maneira.

Ele balança a cabeça em reprovação.

— Você sempre fica todo esquisito nesta época do ano. Me faz um favor, vá transar ou convide aquela garota para sair.

— Que garota?

Ryker manda um *você está brincando comigo? com o olhar.*

— Cara, para de fingir.

Eu o ignoro, pego minhas meias na gaveta e as visto enquanto ele me observa como uma mamãe ganso.

— E precisamos conversar sobre essa coisa de luta, cara. Estou preocupado. — Sua voz desce um tom, Ryker está sussurrando, e eu suponho que ele não quer que a garota em seu quarto nos escute.

Imediatamente paro o que estava fazendo. Eu confessei a ele na semana passada que um dono de cassino, Leslie Brock, estava na academia onde eu treino e me ofereceu uma taxa fixa se eu lutasse contra outro jogador de futebol americano universitário em seu cassino. Ninguém jamais saberia, e seria dinheiro suficiente para instalar Raven em algum lugar.

— Se alguém descobrir, *isso* vai arruinar a porra da sua carreira. Olhe para Michael Vick, foi preso apenas por financiar um ringue de rinha de

cães.

Eu gemo. Já tivemos essa conversa.

— Ninguém vai ser preso, e Vick estava administrando uma operação de um milhão de dólares com jogos ilegais, além de matar os cães que se recusavam a lutar. Não estou jogando ou matando animais por esporte. Estou apenas lutando por dinheiro.

É aquilo, é arriscado para cacete, mas eu nem decidi se vou em frente com isso.

Seus lábios se afinam.

— Você realmente não sabe o que esse cara está planejando. Quem diabos vai saber se isso é de fato legalizado? Eu consigo até imaginar: você usando um macacão laranja *e tomando* no rabo.

Eu solto o ar pelo nariz.

— Outro cara seria minha piranha.

Ele bufa, soltando um suspiro de frustração.

— Esse cara é dono de um cassino, e essa merda vai explodir as regras da NCAA.

Eu paro de me vestir e lhe dou um longo olhar. Somos amigos desde o primeiro ano, quando nos conhecemos no campo, então agora eu o conheço o suficiente para ver que Ryker precisa ser tranquilizado, assim como quando eu dou um tapa nas suas costas e digo que seu braço é feito de ouro que ele vai trazer um campeonato pra gente no ano que vem.

Ryker pode ser o quarterback, mas eu sou a cola que mantém nossa defesa unida, a cola que ele precisa.

Eu abro um sorriso, embora não sinta vontade de sorrir.

— Cara, eu não vou ser preso. O ano que vem será o nosso ano, o do nosso campeonato, e não há chance de colocar isso em risco.

Exceto quando se trata da minha irmã.

Ele concorda com a cabeça, desfazendo a cara feia e revelando seu rosto absolutamente norte-americano, que geralmente está iluminado com um sorriso permanente.

— Eu sabia que você tomaria a decisão certa. Você sabe, se precisar de algum dinheiro, talvez eu possa ver se um dos meus parentes tem algum dinheiro extra. É um chute, mas...

Meu orgulho me faz levantar a cabeça. Eu fui o destinatário de muitas ajudinhas dessas enquanto crescia, e não quero nunca mais revisitar esses momentos.

— Não, tranquilo. Está tudo encaminhado.

— Ryker, pra onde você foi? — A voz sonolenta da maria-chuteira vem de sua cama.

Eu arqueio uma sobrancelha para ele, reconhecendo o gemido nasal mesmo com uma parede entre nós.

— É a Muffin? Sério? Não diga porra nenhuma disso a ela. Aquela língua é maior que a bunda dela. — Eu paro. — Eu pensei que ela estava pegando o Alex agora, não?

Eu nunca fiquei com ela, mas metade da equipe, sim. De um modo um pouco intrigante, ela nunca superou o fato de que eu a recusei de um modo frio no seu primeiro ano, quando ela entrou no meu quarto uma noite e tentou engatinhar até a minha cama.

Ryker balança a cabeça.

— Aparentemente, é coisa de uma noite só. Alex provavelmente ainda está apaixonado por você sabe quem. — Ele ergue uma sobrancelha, e eu sei que ele está esperando que eu comente sobre Delaney, mas não dou corda. Sim, estou interessado nela, sempre estive, mas ela é a ex do meu colega de time, e isso é delicado.

— *Rykeeeerrrrrr*, eu preciso de você, gato — ela murmura do outro quarto, sua voz fazendo um som estranho e gutural.

Eu reprimo uma risada.

— Parece que você está sendo chamado, mano, e para sua informação, ela está procurando por um salário, então em vez de se preocupar comigo indo lutar, talvez devesse se preocupar com Muffin tentando te amarrar. Usa camisinha quando for pra cima.

— Você está só tentando mudar de assunto — ele murmura.

Termino de me vestir, pego meus sapatos e os calço. Assim que fico pronto, coloco meu boné laranja e azul do Waylon Wildcats e passo por Ryker rumo à pequena área de estar que dividimos com dois outros jogadores. Uma rápida olhada me diz que suas portas ainda estão fechadas e que eu não os acordei. *Que bom.*

Ele me segue e fica me olhando, a preocupação nítida em seu rosto.

— Aonde você vai?

— Dar uma corrida. — Eu bebo uma garrafa de Gatorade da geladeira na cozinha.

— Às cinco da manhã? Ainda está escuro, você pode ser atropelado.
— Ele tem um olhar obstinado em seu rosto.

— Vou ficar nas calçadas e áreas com iluminação pública.

— Pelo menos use calças compridas. Está frio pra caralho lá fora.

Eu solto uma risada.

— Cara, você tem certeza que não é uma garota?

Ele dá de ombros.

— Só estou preocupado com você, só isso.

— Tchau, mãe — digo sarcasticamente enquanto saio pela porta.



CAPÍTULO 5

Delaney

He-Man: Você já superou seu ex?

Eu: Por quê?

He-Man: Estou curioso. Você sente falta dele?

Eu: Às vezes. Mas melhora a cada dia.

He-Man: Você precisa dar a volta por cima. Eu te desafio a ir à biblioteca e gritar que a Princesa Leia é fodona.

Eu: O quê? Não!

He-Man: Eu achei que você nunca recusaria um desafio.

Eu: Como você vai saber se eu topar?

He-Man: Ah, eu estarei lá assistindo. A que horas devo aparecer?

Eu: Droga. Amanhã às 20:00. Por sinal, eu te odeio. 😏

Sorrio, me sentindo bem ao pensar na conversa de hoje com He-Man. Trocamos mensagens na semana passada, apenas pequenas mensagens aqui e ali. Ele agora sabe que eu sei cantar *Baby Got Back* todinha, e eu sei que ele pode dar um nó em uma haste de cereja com a língua. Eu admito, passei algumas horas imaginando essa cena na minha cabeça ontem à noite.

Ele não trouxe à tona todo o comentário do *eu te desafio a sonhar comigo*, nem eu.

É domingo à noite quando estaciono meu Prius no Piggly Wiggly local e atravesso o estacionamento. Eu escolhi ir até o segundo mercado depois do campus, principalmente porque não quero esbarrar em ninguém enquanto estou usando calças de ioga e moletom e sem maquiagem. Estou prestes a me dar um tapinha nas costas por não ver ninguém, mas tudo vai por água abaixo quando chego quase na porta e

vejo Martha-Muffin com uma de suas amigas da fraternidade no caixa perto da entrada.

Parte de mim considera dar meia-volta e ir embora. Sempre posso voltar mais tarde. Mas quando chega segunda-feira, costumo ficar sobrecarregada com as aulas e meu trabalho na biblioteca.

Não deixe que ela te afete, Delaney.

Com a cabeça baixa, lendo a lista de compras no meu celular, eu me motivo mentalmente e passo pelas portas de vidro automáticas.

Não faça contato visual, digo a mim mesma, mas antes que eu perceba, estou olhando diretamente para ela. Ela olha para cima, vê que eu estou a encarando, abre um sorriso malicioso e bate os cílios.

Nossa antipatia uma pela outra é palpável, e sempre foi assim. Skye afirma que ela se sente intimidada e ameaçada por mim porque, de alguma forma, eu arrumei um namorado jogador de futebol no primeiro ano, e tudo o que ela arrumou foi uma DST.

Ela está usando seus trajes costumeiros, algo ridículo e inadequado para o tempo frio: Uggs altas e um short jeans forrado de renda. Claro, seu rosto está habilmente maquiado, até as sobrancelhas arqueadas, as quais ela provavelmente assistiu a um vídeo de duas horas no YouTube para aprender a fazer.

Ela termina de pagar suas compras e empurra seu carrinho direto para mim, seu narizinho atrevido praticamente se contorcendo de excitação.

— Ora, ora, se não é a Delaney Shaw. — Seu olhar desliza por mim, demorando no meu moletom largo de Waylon. — Veio saquear o freezer de sorvete? Só tome cuidado para não comer tudo que há lá dentro.

Eu fico rígida. Na verdade, eu botei sorvete de chocolate na minha lista, mas o inferno vai congelar antes que eu admita isso para ela.

— Não se atrase para seu encontro na Mensa^{*} — eu digo antes de me mover para caminhar ao redor dela.

Eu me afasto alguns metros, até que ela me chama novamente, de forma quase provocativa.

— Eu não posso acreditar que você está sendo tão rude, até porque eu não te vejo há semanas. — Eu me encolho, sabendo que ela está se referindo à noite em que a peguei com Alex.

Eu me viro, sabendo que não deveria, mas simplesmente não consigo me conter.

Ela coloca a mão no quadril.

— Olha, você não precisa ficar tão chateada com o lance do Alex. Ele é um *atleta*. Eles saem trepando por aí... é isso que eles fazem.

Meu estômago se revira com as imagens que suas palavras trazem, sinto o sangue sumir do meu rosto.

Uma amiga puxa o braço de Martha-Muffin, conduzindo-a para fora do mercado, e eu fico parada por cinco segundos inteiros apenas respirando, tentando me controlar.

Entro pelos corredores do mercado e ando sem rumo, sem realmente ver nada, meu coração pesado ao pensar em Alex e tudo o que perdemos.

Em um impulso, pego meu celular da bolsa e envio uma mensagem para o meu homem misterioso.

Atenção, He-Man. Eu estou com saudades. Cadê você? Não que você se importe, mas estou olhando para as cerejas do Piggly Wiggly e pensando em você. Foi um dia de merda. Uma semana de merda. Um mês de merda. Acabei de encontrar a garota com quem meu ex me traiu. Preciso desabafar. Preciso de um cigarro... ou eu precisaria, caso fumasse.

Ele responde imediatamente, e eu quero gritar de alegria.

Constrangedor. Quer que eu chute a bunda dela?

Sim.

Feito. Estarei aí em cinco minutos.

Uma risada escapa de mim, e por alguma razão, pensar em Martha-Muffin não tem nem de longe o impacto que teve um minuto atrás.

Não! Estou brincando. Além disso, ela já foi. Ei, posso te fazer uma pergunta pessoal?

Manda ver

Por acaso VOCÊ dorme com aquelas groupies que ficam em cima de atletas? Você sabe quais: aquelas mais rodadas que um pratinho de micro-ondas, mas que são gostosas, então todos os caras do mundo querem dar um rolê nelas.

Uh... de quantas rodadas você está falando?

Claro que ele dorme com elas. Ele se autodenomina um Atleta Fodão, e que macho de sangue quente vai recusar o que é oferecido?

He-Man, você está me decepcionando.

Verdade: não fico com uma garota há meses. Estou desviando de todas como se fossem balas em um tiroteio.

Você é tão metido.

Verdade.

Mas eu sou o melhor.

Melhor em quê? Futebol americano? Voleibol? Beisebol?

Por que você está recusando essas garotas?

Estou esperando por você.

QUÊ?

Ele está brincando? É a verdade? Ele não responde, e eu fico parada perto de algumas mercadorias, esperando para ver aqueles três

pontinhos que significam que ele está respondendo.

Eles não aparecem, e mais uma vez fico envergonhada por minha carência e falta de atenção masculina. *Foda-se*. Eu guardo o celular na bolsa e vou para a seção de revistas para escolher uma nova Cosmo. Eu sigo em frente e chego ao departamento de carnes. Vários minutos depois, estou colocando um grande recipiente de carne moída no meu carrinho quando ouço uma voz masculina profunda atrás de mim.

— Não sabia que você gostava tanto de carne, Delaney.

Eu fico imóvel por um momento.

Eu me viro e vejo Maverick de pé atrás de mim, vestindo jeans de cintura baixa, uma camiseta apertada e um sorriso. Temos sentado juntos a semana toda na aula, e isso tem sido pura tortura. Nós conversamos sobre o clima e futebol americano, mas no fundo há uma corrente de eletricidade que eu faço o meu melhor para ignorar. Talvez ele esteja ignorando também.

Seu olhar passa por mim como se estivesse me despindo, e uma sensação de formigamento faz meu nariz coçar. Não consigo me controlar, espirrando uma, duas, três vezes antes de apertar as mãos e me acalmar.

Estou procurando um lenço de papel na minha bolsa quando ele diz em seu sotaque sulista:

— Tudo bem por aí?

Respirando fundo para conter o próximo espirro, eu levanto um dedo, pedindo que me dê um minuto, e ele parece entender. Seria melhor se ele simplesmente se afastasse.

Ele tira a embalagem da minha mão e a coloca no meu carrinho. É um gesto atencioso, e acho que Maverick faz isso porque sabe que me deixa zuretinha.

Em seguida, ele para e fica me olhando, esperando pacientemente que eu fale algo.

— Você me faz espirrar — eu finalmente digo.

— Espero que você possa encontrar um remédio para isso, ou não vamos poder curtir juntos.

— Acontece quando sou surpreendida por alguém, e você está sempre brotando perto de mim do nada. — Não é exatamente verdade, mas estou pensando em um monte de desculpas para dar.

— É porque você me acha gostoso, Delaney?

— E não é assim sempre, todo mundo te achando incrível, maravilhoso e gostoso? Já fiz todo o lance de me envolver com um jogador de futebol americano e não vou fazer de novo porque tudo o que me restou foi um coração partido.

Ele esfrega a barba em sua mandíbula lindamente esculpida.

— Não somos todos traidores, Delaney.

— Eu não acredito nisso.

Maverick me dá um olhar sério.

— Desafio aceito.

— Que desafio?

— Provar para você que eu sou diferente de todos que você já conheceu.

— E como você vai fazer isso? — Eu inclino meu quadril e me apoio contra o carrinho, tentando ser indiferente, mas é difícil para cacete com esse monte de músculos sólidos te dando atenção.

— Você pode começar passando um tempo comigo.

— Nós passamos... na aula.

— Não, mais do que isso. — Ele pensa sobre o assunto, seus dentes superiores mordendo um pouco o lábio inferior. — Definitivamente em algum lugar com muitas outras pessoas.

— E por quê?

Ele varre seu olhar sobre mim.

— Acho que nós dois sabemos o que vai acontecer se estivermos sozinhos.

Oh. Meu. Deus. Maverick é tão irritantemente arrogante, que eu nem...

— Eu não estou interessada em você assim. — Que mentirada. Meu corpo definitivamente está; é minha cabeça que está se rebelando.

— Uh-hum. — Ele sorri amplamente.

Meus olhos brilham.

— Não estou.

— Você nega o que está acontecendo entre nós? — Seus olhos azuis estão quentes enquanto ele olha para mim, e talvez eu precise entrar no freezer dos sorvetes em breve.

Eu engulo em seco.

— Sim. Nego totalmente.

Ele balança a cabeça e ri um pouco, a expressão em seu rosto é tão segura e insanamente confiante, que eu quero gritar... ou beijá-lo. *Quê?* De onde veio esse pensamento?

Ele move o peso sobre os pés.

— Talvez eu tenha esperado dois anos para que você ficasse livre para poder convidá-la para sair.

O quê?!

Seus olhos voltam para os pacotes de carne moída. Ele limpa a garganta.

— Você não respondeu minha pergunta: qual é o lance com essa carne toda?

Ele está mudando de assunto. *Graças a Deus.*

— Eu cozinho para a semana toda nas noites de domingo. É noite do taco na segunda-feira, noite do nacho na terça-feira, e nas quartas faço quesadillas.

— Ela é linda *e* cozinha?

— Pare de flertar — eu corto. — Eu não sou linda.

— É, sim.

Meu corpo formiga quando ouço suas palavras simples.

Maverick se inclina e invade o meu espaço pessoal, e eu sinto seu perfume, sombrio e exótico, com um toque de puro macho. Seu dedo inclina meu queixo para cima até que estejamos nos encarando.

Eu me lembro da conversa sexy com He-Man, sobre nós dois em um banheiro apertado fazendo sexo contra a parede, só que agora He-Man tem um rosto, e é o de Maverick. Ele está me segurando, agarrando minha bunda enquanto desliza em mim, e eu estou ofegando seu nome...

Eu paro, de coração disparado, um calor se espalhando em minhas bochechas. Olho para baixo e percebo quão perto estamos. Mais uns centímetros e todo o meu corpo estará colado ao dele, e eu me esforço ao máximo para ficar perfeitamente imóvel.

A tensão crepita no ar enquanto seus olhos penetrantes encaram os meus.

— Caso você ainda não saiba, eu gosto da sua aparência. — Seus olhos lentamente me absorvem, vagando pelo meu rosto e demorando em meus seios. — Esse cabelo loiro e seus olhos verdes. Eu curto quão alta você é... e suas curvas.

Ai, Senhor. Não sou nem de longe tão peituda quanto a maioria, mas até que preencho bem um sutiã.

Estou de volta àquela fantasia de banheiro, e ele está me beijando, sua mão no meu seio...

Eu não consigo respirar.

Uma voz suave nos traz de volta ao presente.

— Mav? Finalmente te... encontrei.

Olho por cima do ombro para ver uma criatura delicada, com longos cabelos castanhos esvoaçantes e um rosto em forma de coração. Com a pele cremosa e perfeita de porcelana, ela me lembra as lindas bonecas que vovó costumava colecionar. Ela inclina a cabeça e olha para nós dois com interesse.

Meus lábios se comprimem quando me viro e murmuro baixinho:

— Você está aqui com uma garota e está dando em cima de mim?

Ignorando meu comentário, ele dá um passo para trás e simultaneamente estende a mão para ela.

— Ei, eu me perdi de você no corredor de doces. Encontrou o que queria?

Ela acena com a cabeça, mostrando a pequena cesta de supermercado que está enganchada em seu braço. Ela mostra a ele um punhado de Snickers e um pacote de seis Dr. Pepper.

— Posso... comprar... esses? — Suas palavras são arrastadas.

Eu olho de volta para Maverick, e vejo uma expressão suave em seu rosto.

— Você pode, mas conhece a regra: apenas um por dia. Se comer muitos doces...

Ela acena.

— Meus... dentes... vão... cair...

Olho de um para o outro, completamente confusa. *Quem é ela?*

Ele olha de volta para mim.

— Delaney, gostaria que você conhecesse Raven, minha irmã.

Oh. Ela pisca lentamente e então vem em minha direção, noto que sua perna manca um pouco enquanto ela se move. Ela pega minha mão em um aperto flácido, sua expressão insegura, como se não tivesse certeza de qual etiqueta seguir nessa situação.

— Namorada? — ela pergunta, seus olhos indo de mim para ele.

Maverick grunhe.

— Muito pessoal, Raven.

Ela dá de ombros e solta minha mão, quase me avaliando.

— Precisa... de... uma... namorada... para... que... pare... de se preocupar... tanto.

Hmmm. Com o que Maverick precisa se preocupar?

— Prazer em conhecê-la — digo. — E Maverick e eu somos apenas amigos.

Ela aperta os olhos, parecendo desapontada.

— Oh.

— Nós fazemos uma aula juntos — digo a ela.

— E ela me ignora na maior parte do tempo — acrescenta Maverick.

Eu rio.

Raven me estuda e dá um tapinha na têmpora com o dedo indicador.

— Prazer em conhecê-la. Minha... cabeça... é... meio... avariada. Eu... conto... para... todo... mundo... para... evitar... surpresas.

Ela encolhe os ombros com indiferença.

— Oh, sinto muito — eu digo, não muito certa de como responder.

— Não... sinto. — Ela sorri docemente para nada em particular, seu olhar se desviando. — Mav... azeitonas... por favor?

Ele concorda.

— Claro, pegue o que quiser. Me encontra no caixa, ok?

Ela concorda com a cabeça, e sem olhar de novo para mim, se move pelo corredor.

Assisto à cena, fascinada. Maverick tem uma irmã... uma irmã com necessidades especiais... e ele a adora, é óbvio na suavidade de seus olhos enquanto eles a acompanham.

Maverick se vira para mim.

— O quê? — ele pergunta, e acho que está lendo algo em minha expressão.

Eu balanço a cabeça.

— Você é surpreendente.

— Ah, é?

Eu concordo.

— Ela é a razão pela qual o jogador defensivo mais bem-cotado do país decidiu ficar no interior e jogar na faculdade local? — Não é nenhum segredo que Maverick recebeu as classificações mais altas da ESPN e foi cortejado para bolsas de estudo de grandes universidades como a Universidade do Alabama e a da Geórgia. Até ouvi dizer que ele prometeu ir para um grande time da SEC, mas no último momento decidiu ficar em Magnolia e jogar pelo Waylon – que, reconhecidamente, não é um time horrível, mas não tem o mesmo prestígio que o Crimson Tide tem.

— Sim. Houve um acidente de carro no meu último ano que também levou minha mãe. Isso... mudou muitas coisas para mim.

Seu semblante está cheio de melancolia, uma emoção que reconheço porque tenho a mesma escuridão dentro de mim. Quem já perdeu um ente querido sabe o que é isso. Eu concordo.

— Perdi meus pais aos dez anos em um acidente de carro. Entendo.

Ele se endireita e me dá um olhar surpreso, quase como se estivesse atualizando a forma como me vê.

— Eu não fazia ideia disso. Você parece tão... ajustada.

Eu solto uma risada.

— Obrigada?

— Você entendeu o que eu quis dizer — retruca com um pequeno sorriso. — Você é uma pessoa boa, Delaney. Você é sempre gentil, doce e... — Ele para de falar e balança a cabeça. — Esquece. Estou falando demais.

Eu limpo a garganta, aliviando o constrangimento.

— Enfim, minha avó me acolheu e me criou. Eu tinha acabado de me formar no ensino médio quando ela faleceu por conta de um coração fraco. Às vezes, acho que ela esperou até que eu tivesse idade suficiente e então simplesmente me deixou voar. — Eu não sei o que esse cara tem, mas de repente estou me abrindo para ele.

Maverick concorda.

— Isso deve ter sido difícil.

Eu dou de ombros, fingindo que não foi nada, mas quando olho para cima, vejo um olhar em seu rosto, como se ele me entendesse... Como se tivesse estado nessa mesma situação um milhão de vezes antes...

Deus.

Pare, Delaney. Apenas pare. Chega de jogadores de futebol americano.

Lembro das palavras que Martha-Muffin acabou de me dizer: *Atletas saem trepando por aí — é isso que eles fazem.*

Eu limpo a garganta e me aproximo do meu carrinho, segurando na barra, me ancorando, porque Maverick me faz sentir como se eu pudesse jogar de lado tudo o que penso sobre jogadores de futebol americano e dar a ele uma chance.

— Olha, você é um cara legal, e obrigada por me chamar para sair, mas é melhor se a gente ficar do jeito que está mesmo.

Ele me estuda.

— Você vai mudar de ideia.

Meu peito sobe rapidamente, e antes que eu possa formular uma resposta sarcástica, a voz de sua irmã surge em nossa direção do corredor, chamando por ele. Maverick apenas acena de volta para ela.

— Acho que tenho que ir. Até — ele diz, e rápido assim, se vira para ir embora — e *caramba, que bunda boa*.

Deixo escapar um suspiro e empurro meu carrinho para a frente, rumo ao caixa.

* Sociedade britânica de pessoas com QI alto.



CAPÍTULO 6

Maverick

— Ela é... bonita — diz Raven assim que entramos na minha caminhonete prata, uma Toyota de dez anos que comprei com meu próprio dinheiro quando tinha dezesseis. Ela já teve sua parcela de arranhões e amassados, mas ainda funciona como se fosse uma máquina bem lubrificada. Algum dia, quando eu estiver jogando na NFL, comprarei algo novo, mas, por enquanto, não posso pensar nisso. Um dia de cada vez é tudo com que posso lidar.

— Quem? — eu pergunto, ajudando-a com o cinto de segurança. Seus olhos me seguem enquanto ajusto a fivela.

— Você... já... beijou... ela?

Os olhos de Raven estão voltados para mim, e a luz do poste ilumina seu rosto doce. A emoção bate no meu peito, me lembrando que ela não é a mesma, nem perto disso.

— Não — eu digo concisamente enquanto ligo a caminhonete e saio do estacionamento.

— Você... gosta... dela?

— Aparentemente, ela é apenas uma amiga. — Eu reviro os olhos. — Este não é um dos seus programas da Disney em que tudo tem um final feliz.

Ela dá de ombros e olha pela janela.

— Você... deveria... chamar... ela... para... um... encontro.

Eu balanço a cabeça, sem dizer que eu praticamente tinha chamado.

— Obrigado pelo conselho sentimental, mana.

Delaney... *por onde eu começo?* Claro, nós nos encontramos na fogueira, mas eu armei aquela situação, e quando tentei encontrá-la, ela já estava com Alex. Quando um jogador de futebol tem uma garota, você não pode mexer com ela. É o código de *bróder*, sem mencionar o fato de que Alex é o kicker do time, e qualquer coisa pequena pode assustá-lo.

Lembro da primeira vez que a vi depois da fogueira: em uma festa de futebol, nos braços de Alex, parecendo que ela tinha acabado de sair das páginas de uma revista de garotas geek, com seus óculos, jeans apertados e uma camiseta de *The Walking Dead* que ela customizou de alguma forma. O que eu gostava nela era como nunca me olhava diferente por eu ser quem sou. Ela nunca me colocou em um pedestal ou puxou meu saco. Na verdade, ela sempre me ignorou.

Mas agora ela não está mais com Alex.

A questão é... o que eu vou fazer sobre isso?

Eu chego à casa de meu pai, desejando para cacete ter dinheiro para tirar Raven daqui e a colocar no Pineview Retreat, uma clínica de última geração perto de Jackson, Mississippi. Estou de olho desde que ela saiu da casa onde estava hospedada.

Guardo as compras no armário e acordo meu pai. Ele adormeceu assistindo a um dos meus velhos jogos de futebol da escola. Isso traz de

volta memórias de quando mamãe estava viva e éramos uma família. Claro, nós nunca tivemos muito, não com um pai que não conseguia manter um emprego e uma mãe que o criticava constantemente, mas, para mim, era melhor do que *isso*.

Ele se mexe em sua poltrona e olha para mim com os olhos turvos. Menor do que eu, com ombros finos e rosto abatido, meu pai está na casa dos cinquenta, mas parece mais velho.

— Você andou bebendo? — eu pergunto bruscamente, sentindo-me mais como o pai do que o filho.

Ele se levanta e se estica.

— Não, estou apenas cansado. Trabalhei no Bill's hoje, troquei o óleo de alguns carros lá.

Eu expiro, olhando para ele. Isso é bom. Enquanto ele trabalha, está tudo bem. Eu concordo.

— Mantenha tudo desse jeito.

Papai se levanta para nos fazer o jantar: sobras de bolo de carne e batatas da noite passada. Enquanto ele termina, espero do lado de fora do banheiro enquanto Raven toma um banho, para que possamos conversar pela porta. Fico paranoico, com medo de que ela caia, mesmo que seu equilíbrio tenha melhorado. Eu gostaria que pudéssemos pagar mais de três dias por semana para uma enfermeira vir fazer essas coisas.

Depois do jantar, papai carrega a máquina de lavar louça e eu coloco Raven em sua cama. Conforme solicitado, inventei uma história aleatória sobre uma princesa e seu amor verdadeiro.

Ela suspira enquanto eu me levanto para desligar a luz, garantindo que sua luminária em forma de borboleta ainda esteja acesa.

— Mav?

Eu paro na porta e seguro um suspiro, não querendo que ela veja quão cansado estou. Estou na atividade desde as oito da manhã, quando fui ao ginásio para lutar boxe.

— Obrigada.

— Você não precisa me agradecer toda vez que eu venho te ver, sua pateta.

Ela suspira.

— É... difícil... para... você. Faça-me um favor? — A voz dela é baixa.

— O que você quiser.

— Beija... a Delaney.

Não era isso que eu esperava. Achei que ela pediria outro biscoito do armário ou outra história.

— Por que eu faria isso?

Ela encolhe os ombros sob as cobertas enquanto cobre o queixo, os olhos caídos.

— Só... vai... lá... e... faz.

— Não tenho certeza se Delaney quer que eu a beije.

— Ela... quer — diz ela. — Eu... tenho... sequelas... mas... eu... não sou... estúpida.

Eu solto uma risada.

— Ok.

— Promete?

— Eu prometo.

Acho que isso significa que vou beijá-la, sendo uma boa ideia ou não. Quer dizer, eu faria qualquer coisa pela minha irmã.



CAPÍTULO 7

Delaney

— *O* que você precisa é acabar com essa sua ressaca sentimental —
Skye diz, jogando seu longo cabelo ruivo de lado enquanto nos sentamos dentro do Buffalo Bills, um bar e restaurante barulhento perto do campus. Estamos nos fundos, em uma poltrona tipo cabine de couro, comendo amendoins de um balde enquanto esperamos por Tyler e meu — *que nervoso* — encontro às cegas aparecer. Chegamos um pouco mais cedo do que os caras para que pudéssemos conversar e para que eu pudesse me animar com um drinque. Eu não saio com ninguém além de Alex desde o primeiro ano, e isso me parece estranho.

Eu respiro fundo.

— Conte-me mais sobre esse tal de Bobby Gene... que é um nome muito estranho, a propósito.

Enérgica e empolgada, ela acena para mim e começa:

— Ignore o nome dele. Você vai amá-lo. Ele está no time de beisebol, mas não é um canalhão. Ele é legal, como você pediu. Nenhuma groupie

de atleta atrás dele, nenhum fetiche que eu conheça.

— Ênfase no “*que eu conheço*”. — Eu sorrio.

— Você está totalmente contrária a homens agora. Pelo menos ele não é um jogador de futebol.

Isso é verdade.

Ela endireita a blusa vermelha, que combina com seu cabelo.

— Além disso, Bobby Gene é amigo de Tyler, então isso é importante.

— Claro — murmuro, mas não estou convencida. Quero dizer, ela se esforçou muito para organizar isso tudo, então não quero ser negativa, mas... Tyler é um pouco babaca. Eu o notei olhando para outras garotas quando eles estão juntos e depois fingindo que nada aconteceu quando ela o chama. Talvez não seja nada. Talvez eu esteja apenas rabugenta porque *meu* namorado me traiu.

Enfim.

Só espero que Bobby Gene seja legal.

Skye fica com um olhar pensativo no rosto.

— Sabe, eu queria te dizer que eu vi Alex no campus hoje, e ele parecia... eu não sei... triste. — Ela vê meu rosto e levanta as mãos. — Quero dizer, sim, ele é um grande babaca e eu vou odiá-lo até o fim dos tempos por você... — Sua voz desaparece enquanto ela faz uma careta, como quem diz, *por favor, não fique brava comigo*. — Mas, eu não sei, será que talvez algum dia vocês não possam ser amigos novamente?

Eu olho para a minha bebida. Esse é o problema — nós éramos grandes amigos, nós três. Eu também adoro a família de Alex, que mora no Texas, e agora nunca mais vou vê-los. *Ugh*. Não quero pensar nele agora.

Um encolher de ombros evasivo é a minha resposta.

Ela suspira.

— Desculpa. Eu nem deveria ter mencionado isso.

Eu concordo. Eu sei que Skye sente falta dele também, já que Alex ficava muito lá em casa. Antes de ela conhecer Tyler, passamos muitas noites saindo, cozinhando e assistindo filmes juntos. Houve até momentos em que eu estava com um pouco de inveja da camaradagem que ela e Alex tinham, mas eu sabia que ela não estava interessada nele dessa maneira, e ele me amava. *Ah. Certo.*

Chamando Princesa Leia. Onde está você?

Meu nível de felicidade sobe um pouco enquanto leio o texto e rapidamente digito uma resposta. Skye não percebe enquanto pede outra rodada de bebidas para nossa garçonete, que parou ao lado da mesa. Eu não sei por que eu quero manter o He-Man em segredo, mas acabo fazendo isso, como se ele fosse todo meu e eu precisasse desse mistério por algum motivo.

Em um encontro às cegas.

Oh. Onde?

Vou dar duas dicas: há cervejas e amendoins na mesa.

Ah, Buffalo Bills. Você quer que eu te resgate? Posso ligar e fingir que sou sua tia que está terrivelmente doente.

Eu rio.

Que horrível! Estou desapontada por você encorajar uma mentira.

Ok. Ei, eu te vi na biblioteca ontem à noite – belo desafio completo. Eu adorei seu cabelo.

Ai, meu Deus. Ele estava lá.

Meu coração bate forte, e eu lembro de todos os rostos que vi.

Lembro-me de como, às oito em ponto, fiquei no meio da área de estudo e gritei:

— A princesa Leia é fodona! — Eu até arrumei meu cabelo loiro em pequenos coques fofos nas laterais da minha cabeça. Eu também tinha escolhido bem minhas roupas, estava com uma camisa branca justa e um par de jeans brancos – em fevereiro! O batom bem vermelho completou o look. Se eu aceito um desafio, eu faço tudo direito. A menina tímida em mim adora se soltar e saber que é um desafio, o que me dá coragem para fazê-lo. Meus olhos percorreram o lugar, mas eu estava tão nervosa, que era difícil fazer um bom inventário de quem estava lá. Havia provavelmente a maioria do time de futebol, já que eles fazem sessões de estudo lá às segundas-feiras, e vários jogadores de beisebol viram a cena junto de alguns caras com camisas de fraternidade.

Todos olharam. Alguns bateram palmas. Alguns assobiaram.

Ele então pergunta:

Foi bom cumprir o desafio?

E eu respondo:

Sim.

Foi empoderador para caralho, especialmente quando Alex olhou para mim com um olhar desamparado em seu rosto, obviamente sentindo minha falta.

Eu vi Maverick lá também, cercado por um grupo de garotas em uma mesa. Sua resposta à minha explosão? Um simples sorriso e um aceno de cabeça.

Eu mordo o lábio, me perguntando mais uma vez quem é He-Man.

Ei, você não é o cara magro e hipster que fica na seção de romance procurando por encontros, é?

Ele envia uma série de emojis rindo/chorando.

Se eu estivesse na seção de romance, nunca sairia vivo. Eu já sou irresistível, mas coloque Crepúsculo em minhas mãos e as garotas vão explodir.

— Por que você está rindo? — Skye pergunta, e eu levanto a cabeça. Seu olhar vai para o meu celular.

— Foi um meme que alguém me enviou — digo enquanto tomo um gole da cerveja nova que a garçonete aparentemente serviu sem que eu percebesse.

— Deve ter sido engraçado.

— Sim, era um gato.

Qualquer menção ao meu amor por gatos a faz revirar os olhos. Ela e Han têm uma relação de amor/ódio. Skye se levanta e ajeita a saia.

— Eu vou ao banheiro feminino dar um tapa no visual. Você fica de boas aí até que eu volte?

Eu concordo.

— Fico.

Ela sai, e eu olho de volta para o meu celular quando ele apita.

Aonde você foi? Seu encontro já está aí? Você já montou em um touro mecânico? Não monte ainda, porque eu quero estar presente quando você fizer isso.

He-Man, estive pensando... preciso saber quem você é.

Por quê? Você não gosta de ser anônimo? Você não acha que estamos nos abrindo mais um para o outro assim?

Sim. Pode ser. Não sei.

Não recebo nada além de silêncio em troca. Minhas mãos apertam o celular, esperando para ver aqueles pequenos pontos reveladores, mas ele não responde nada.

Por que ele não quer me contar? É alguém que eu odeio? É Alex com outro celular? É Maverick?

Respiro fundo e mando uma mensagem:

Você é jogador de futebol?

Sim.

Meu coração pula. He-Man é mesmo Maverick? *Deus*, eu quero que seja.

Eu não faço mais nada com jogadores de futebol.

Você faria algo comigo. Vai fazer um dia.

Eu me contorço no meu assento quando um raio de eletricidade passa por mim e meu corpo inteiro se aquece. Minha pele fica arrepiada, e eu sei que é porque estou imaginando Maverick do outro lado dessa conversa.

Você é metido.

Eu envio, meus dedos suados.

Eu sei quando uma mulher me quer, e eu também quero você, princesa Leia. Eu quero há muito tempo.

Eu quero perguntar mais, mas estou com medo de... *caramba*, eu nem sei.

De me machucar?

Ser enganada?

Passo o minuto seguinte olhando fixamente para o celular, tentando pensar em uma resposta, e ainda estou olhando para o aparelho quando Skye volta do banheiro. Eu finalmente guardo o celular quando Tyler chega, junto com meu encontro às cegas.

UMA HORA DEPOIS, CONHECI BOBBY GENE e terminamos uma rodada de cervejas e um prato de batatas fritas com queijo. Bonito, com um sorriso de lado e cabelos castanhos curtos, ele é bastante envolvente. Ele me fez rir com sua conversa sobre crescer em uma fazenda de porcos em Iowa, mas eu só consigo pensar no He-Man.

Cada minuto que passo com Bobby Gene parece uma hora, e estou ansiosa para chegar em casa e mandar uma mensagem para ele, para que possamos descobrir as coisas.

Mas há realmente algo para descobrir?

Como posso confiar em um jogador de futebol novamente?

Meu celular toca, me surpreendendo, e luto contra um espirro quando vejo o nome de He-Man na tela.

— Quem é He-Man? — Bobby Gene pergunta, inclinando-se e olhando para o meu celular sobre a mesa.

— Apenas um amigo — eu digo.

— Bem, você vai atender? — ele pergunta com um sorriso. Ele é obviamente descontraído e não parece incomodado por ter alguém me ligando enquanto estou em um encontro.

Pego o celular, a excitação quase me dobrando ao meio.

— Olá?

— Ei, eu pensei que talvez você precisasse de um telefonema de resgate. — Não consigo distinguir a voz porque ele está sussurrando,

mesmo assim aquece cada centímetro da minha pele.

Estou falando com o He-Man! Eu quero gritar para todos, mas isso seria estranho, então fico quieta. Em vez disso, limpo a garganta, injetando preocupação em meu tom.

— Sim, o que há de errado?

— Eu caí e não consigo me levantar.

Mordo o lábio para não rir.

— Ai, não. O que aconteceu? — Eu adiciono muito drama à voz.

— Vou te dizer a verdade: eu estava estudando e fiquei pensando em você no seu encontro. Está chato? Ele é feio? Um cuzão?

Olho para Bobby Gene, que sorri.

— Não — eu digo, e recebo silêncio do outro lado.

— Quer dizer que você gostou dele? — Há um tom incrédulo em sua voz.

Eu gosto de Bobby Gene – como amigo –, mas não posso responder algo tão específico com os detalhes necessários. Muitas pessoas estão me ouvindo.

Skye está me lançando um olhar interrogativo, e Tyler está me olhando desconfiado.

— Ah, sim? É ótimo — eu respondo.

Há vários segundos de silêncio, e acho que estou sentindo sua infelicidade daqui.

— Alô? — chamo, mordendo meu lábio inferior.

— Oi. Eu não deveria ter ligado para você. Obviamente eu interrompi um bom momento. Divirta-se no seu encontro.

Clique.

Ele termina a ligação sem sequer se despedir, e estou surpresa.

— Eu sinto muito. Que coisa terrível! — eu digo para o silêncio, segurando o celular com mais força enquanto me inclino sobre a mesa. — Sim, claro, eu vou para casa e ligo para ela imediatamente e aviso você.

Desligo o celular e envio um olhar arrependido para Bobby Gene.

— Desculpe, minha tia ficou doente...

— Mas você não é de Charlotte? — Tyler pergunta, uma ligeira curva em seus lábios. Skye está me dando um olhar aguçado, e eu sei que ela sabe que estou tentando escapar do encontro.

Eu pisco. *Ai, meu Deus*. Mentiras realmente têm perna curta.

— Sim, mas eu só preciso ver como ela está, não pegar um avião para ir vê-la. — Eu tento consertar a mentira. — Eu preciso ir para casa e ligar para ela. — Pronto, é definitivo: sou uma pessoa terrível.

Bobby Gene, que Deus o abençoe, me dá um aperto no ombro e me sinto ainda pior.

— Eu te entendo. Eles não precisam ser parentes muito próximos para serem importantes para você. Talvez possamos tomar um café e comer umas rosquinhas um dia desses?

Café e rosquinhas?

Bobby Gene subiu mais um degrau na minha lista de curtidas.

Eu concordo, e nós trocamos nossos números de celular. Com um adeus apressado e um olhar de Skye, saio de Buffalo Bills e vou para casa.

Só quando já estou em casa, deitada no sofá, com Han no meu peito ronronando no meu ouvido loucamente, que eu decido mandar uma mensagem para ele.

Estou em casa.

Eu digo.

Sozinha?

Sim. E você?

Sempre.

Você ficou com ciúme?

Sim.

Eu olho para a resposta, uma única palavra, meu estômago agitado de excitação, embora minha cabeça esteja gritando comigo que ele é jogador de futebol.

Mordendo o lábio, mudo de assunto.

Isso é aleatório, mas você gosta de gatos?

Gosto mais de cachorros.

Não podemos mais conversar.

Ok, tudo bem, eu gosto deles - só por você, princesa Leia.

Uma pontada atinge meu coração. Ele é simplesmente... perfeito. Tudo o que ele diz me faz tremer por dentro, e mesmo que minha cabeça esteja me avisando, meu coração quer colocar um rosto no codinome da pessoa com quem estou trocando mensagens.

Mas, por enquanto... eu espero.

Boa noite, He-Man.

Como quiser.



CAPÍTULO 8

Delaney

Eu: Se você tivesse um par de óculos de raio-X, qual parte do meu corpo olharia primeiro?

He-Man: A clavícula.

Eu: MENTIROSO.

He-Man: Tudo bem, tudo bem, você venceu. Eu gosto de peitos grandes e não posso mentir. Mas também gosto de clavículas.

Eu: Ah-ha. Todos os caras são iguais.

He-Man: Tudo bem. O que VOCÊ olharia?

Eu: Eu olharia para a espada do He-Man, claro.

He-Man: Confie em mim, é magnífica pra caralho.

Eu: Quer me mandar uma foto?

He-Man: Só para esclarecer, a quieta e reservada Delaney Shaw está me pedindo uma foto de pau?

Eu: Parece ruim quando você diz desse jeito...

He-Man: Prefiro mostrar a você pessoalmente, Princesa Leia.

Eu: Ah.

Nunca diga nunca, minha vó sempre diz, e estou dizendo isso mentalmente várias vezes enquanto guardo livros no terceiro andar alguns dias depois. Estou cansada depois de um longo dia de voluntariado no abrigo de gatos e agora estou presa na Zona Morta da biblioteca, onde poucos vagam, a menos que estejam fazendo uma pesquisa séria. Pelo menos eu tenho a mensagem da noite passada com o

He-Man para pensar. Uma conversa que ficou muito sexy antes que eu a finalizasse.

O próximo livro a ser guardado na estante é um enorme atlas com quase dez centímetros de espessura que pesa uma tonelada. Eu arrasto a escada da parede até as prateleiras de metal, para que eu possa alcançar o topo da estante. Assim que subo e limpo a prateleira, tenho uma visão clara da maior parte do pavimento.

Estou prestes a me virar e descer, quando dois caras sobem as escadas e vem para o terceiro andar, os ecos de suas vozes abafadas chegando até mim. Meu coração salta — *maldito coração* — quando vejo Maverick andando ao lado de Ryker, o quarterback de Waylon.

Os olhos de Maverick olham para cima e capturam os meus – ele deve ter algum tipo de poder secreto que detecta a atenção feminina; Maverick me observa pairando acima da prateleira como uma louca. Ele me dá um aceno, e eu sorrio.

Ryker bate em seu ombro e o leva em direção uma das áreas de estudo à esquerda, mas Maverick acena com a cabeça para mim e caminha na minha direção. Ryker o segue.

Merda! Eles estão vindo.

Meu cabelo está preso em um rabo de cavalo, meus óculos, tortos, e eu rapidamente aliso os fios soltos e ajeito a armação. Eu gostaria de ter tempo para pegar o batom, mas, é claro, está na minha bolsa no primeiro andar.

— Oi — Maverick diz assim que vira a esquina. Ele está segurando um livro e sorrindo, parecendo muito satisfeito em me ver, e isso me tira um pouco o fôlego.

Eu pisco para ele, observando o queixo esculpido e os lábios mordíveis.

Eu... *Droga*.

Maverick é lindo e me irrita que isso me faça derreter todinha.

Deixo esse pensamento de lado e encolho os ombros, indiferente, mantendo minha expressão tranquila, e não como se eu tivesse quase quebrado o pescoço ao descer da escada.

— Oi.

— Você está trabalhando?

— Obviamente.

Seus lábios se contraem.

— Você parece animada.

— Não é o caso. O que você está fazendo aqui? — eu pergunto.

— Apenas vagando pela biblioteca.

— Por quê?

Ele inclina a cabeça, me estudando.

— Por que não?

— É um pouco tarde para joguinhos, Maverick. — Olho para o carrinho cheio de livros que ainda preciso guardar nas estantes. — E eu tenho trabalho a fazer.

— Talvez eu estivesse procurando por você. Posso ajudar, quer?

Meus olhos brilham. *Droga*. Por que ele tem que ser tão doce às vezes?

— Tudo bem.

Ele olha para as prateleiras, observando as mesas vazias, e depois se concentra em mim.

— Este seria um ótimo lugar para dar uns pegas. Já considerou isso?

Eu reviro os olhos.

— Planejando futuros lugares de amassos? Por favor, pelo bem dos livros, deixe a biblioteca fora do seu itinerário pela Transolândia.

Ele ergue uma sobrancelha arrogante.

— Gosto da iluminação fraca e de todas essas prateleiras. Boa cobertura caso alguém apareça.

Meu rosto se colore, imaginando-o com uma bela parceira de estudo.

Ele sorri.

— Você ficaria com ciúmes se eu ficasse com alguém aqui?

— Não, não seja ridículo — eu digo.

Sim.

Ele me estuda, olhos semicerrados.

— Tudo bem, Delaney. Eu nunca vou ficar com ninguém na biblioteca... a menos que seja você.

Minha boca se abre, e estou prestes a dizer algo *realmente* espirituoso e inteligente – embora não consiga pensar em nada – quando Ryker vira a esquina. Acho que algo deve ter chamado sua atenção no caminho, por isso ele ficou para trás.

Obviamente, Maverick tem um timing impecável.

O quarterback me dá um aceno de cabeça.

— Ah, Delaney. Que surpresa.

Ele está sendo irônico?

Porque ele não parece surpreso. Ryker soa enigmático e um pouco satisfeito consigo mesmo, se é que isso faz sentido. Eu olho para ele, lembrando de reproduzir essa conversa mais tarde na minha cabeça.

— Ei, Ryker — eu digo, o cumprimentando com um aceno de cabeça.

— Nós raramente recebemos pessoas no terceiro andar, então... bem-vindo? — Eu estendo as mãos.

Ryker olha ao redor.

— Sim. É meio morto aqui. Ótimo lugar para um encontro.

Eu balanço a cabeça.

— Ai, meu Deus. Caras só pensam nisso?

— Sim — eles dizem em uníssono.

— Típico — eu digo com uma risada.

Quase como se ele soubesse que estou erguendo minhas defesas internas, Maverick dá um passo para a frente e pega algo na manga da minha camisa preta. Borboletas voam dentro de mim quando seu dedo indicador e polegar agarram um fio branco.

— O que é isso? — ele pergunta.

Engolindo em seco, olho para sua mão e limpo a garganta.

— Pelo de gato. Eu entrei na área onde os filhotes de gatinhos ficam no abrigo, e eles subiram em cima de mim. Muito fofo. Eu adoraria levar um para casa, mas Han surtaria.

Ryker dá dois passos completos para trás, de olhos arregalados.

— Você agarrou gatos?

— Bem, não literalmente, mas sim. É muito terapêutico. Você é alérgico?

Ele concorda.

— Que horrível. — Eu faço uma careta.

Ele acena para mim.

— Sem problemas. Vou ficar aqui sem respirar. Assim vocês podem conversar.

Ele encontra um lugar a cerca de três metros de distância e finge olhar para um livro. Digo *fingir* porque é um livro sobre rios da América do Sul e não consigo imaginar por que ele se interessaria no assunto, mas sei lá.

É quase como se eles planejassem me ver...

Eu me viro para Maverick, que não tirou os olhos de mim.

— Eu sou completamente não alérgico a gatos — ele me diz.

— Por que eu deveria me importar? — Estou sendo rude, mas é isso que sua arrogância desperta em mim.

Maverick não se incomoda e arranca outro fio de mim, desta vez ao redor do decote da minha camisa. Seus dedos roçam minha clavícula, e eu inalo bruscamente, lembrando da conversa sobre clavículas com He-Man.

— Você está mesmo coberta de pelos. — Meu peito sobe rapidamente, e Maverick sorri, me convencendo de que ele é um demônio.

Escuto Skye falando, salva pelo gongo. Tínhamos combinado de nos encontrar depois do meu turno para irmos beber alguma coisa no Buffalo Bills antes de voltarmos para casa. Ela provavelmente está vindo me fazer companhia até que eu termine.

Eu a ouço falando com alguém, depois chama meu nome timidamente, o que é estranho, e eu me pergunto quem está com ela. Parece um cara, mas não é o Tyler...

Alex e Skye aparecem no canto da prateleira, e eu enrijeço.

O que diabos ela está fazendo com ele?

Com uma expressão tímida no rosto, ela limpa a garganta e acena.

— Olá, pessoal.

Estou franzindo a testa, meu olhar vai de Skye para Alex.

Ela balança a cabeça, lendo minha expressão.

— Ah, sim. Alex me viu na escada quando estava subindo e queria conversar... — A voz dela desaparece.

Ah, eu completo a informação que falta. Ela não podia dizer a ele para ir pastar. Ela é muito legal e provavelmente fez o possível para dissuadi-lo.

Os olhos de Alex estão medindo o espaço entre mim e Maverick, que é de apenas alguns centímetros.

— O que você está fazendo aqui? — ele pergunta a Maverick.

Maverick se endireita, as costas ficam rígidas.

— É *a* biblioteca. As pessoas vêm aqui para estudar. O que *você está* fazendo aqui?

Alex bate a mão nas coxas e projeta a mandíbula.

— Estudo. Igual a você.

— Eu não vejo nenhum livro, Kicker — diz Maverick.

Uma mancha vermelha aparece nas bochechas de Alex.

— Eu os deixei no primeiro andar, já que você está tão interessado.

— Hm. Talvez você devesse ir buscá-los.

O rosto de Alex endurece.

— Por quê? Estou interrompendo alguma coisa entre você e Delaney?

Jesus, apaga a luz. Ambos são loucos.

Eu ergo a mão.

— Espera aí...

— Sim — Ryker diz, me interrompendo. Ele largou o livro sobre rios e se juntou a nós, sua testa franzida em uma cara feia enquanto nos olha.

— Nós não precisamos de nenhum problema aqui, pessoal.

Skye pega Alex pelo braço.

— Por que não voltamos para o andar inferior?

Alex tira o olhar de Maverick e olha para ela, a expressão suavizando um pouco.

— Certo. Pode ser. — Ele dirige a mim uma expressão resignada. — Tchau, Delaney.

Eles se viram para ir embora, e Skye me dá um olhar de *desculpa* por cima do ombro enquanto se afastam.

— Mano. Nem um pouco sutil da sua parte — Ryker diz a Maverick assim que estão fora do alcance da voz dos dois. — Você precisava ser um idiota?

As narinas de Maverick se alargam.

— Ele foi um idiota primeiro.

— Sim, mas você é um líder — Ryker diz a ele. — A equipe precisa de você para mostrar a todos como agir.

Maverick solta um longo suspiro, sua mão esfregando a nuca.

— Eu sei.

Espera um minuto. Maverick está com ciúmes de Alex? Estou prestes a comentar algo sobre isso, mas ele passa por mim, seu corpo alto se afastando. Parte de mim quer chamá-lo de volta, mas tenho meu orgulho e tudo mais.

Olho para Ryker e levanto as mãos.

— O que está acontecendo?

— Se você não consegue ver o que está bem na sua frente... — Ele dá de ombros. — Até mais tarde, querida.

E então ele faz menção de ir embora, mas não antes de se virar para soltar mais um comentário.

— Apenas me faça um favor, ok? Não o machuque. Ele já passou por muita coisa.

Meu coração se aperta só com o pensamento de machucar Maverick. Claro que eu não faria nada disso.



CAPÍTULO 9

Delaney

O refeitório do centro estudantil é barulhento, cheio de sons de pratos e vozes de alunos. Não estou aqui para comer, só para pegar um refrigerante antes de ir para minha primeira aula de salsa.

Chego à caixa registradora, pago minha Coca-Cola e sigo para a saída. Meus olhos não podem deixar de vagar pela mesa do canto esquerdo, perto das janelas, onde os jogadores de futebol geralmente se sentam amontoados. Eu paro quando olhos azuis encontram os meus. Um flash de consciência passa por mim enquanto Maverick me olha de cima a baixo.

Um pequeno sorriso se inclina na lateral de sua boca, me enfurece que ele pareça *saber* que causa reações doidas em meu corpo. Ele pareceu estar com ciúmes de Alex na biblioteca alguns dias atrás, mas não tocamos mais nesse assunto desde então. Acho que decidimos deixar tudo para lá.

A Senhorita Morena – aquela mesma da aula – se aproxima da mesa de Maverick e se joga no assento ao lado dele. Suas mãos serpenteiam em torno dos bíceps dele enquanto olha para Maverick com adoração.

Eu sinto o revirar de olhos chegando, e em vez de me impedir, eu permito que ele me veja fazendo isso.

Aí está, pessoal: mais uma prova de que os jogadores de futebol são ímãs de vadias.

Aponto meu refrigerante para ele, que sorri, como se dissesse: *não posso evitar se as mulheres me amam.*

Você é tão idiota, meu rosto diz de volta.

Ele me dá um sorriso completo antes de olhar para ela com aquele sorriso distante, aquele que eu sei que não é autêntico. Ele se inclina e diz algo para ela, e a garota parece cabisbaixa.

Ele se vira para mim e se levanta.

Em seguida murmura alguma coisa que parece um *“me espera”*.

Olho em volta para ter certeza de que está falando comigo e vejo que a única pessoa perto de mim é um funcionário do refeitório em um macacão branco. Olhando para ele, eu aponto para mim mesma, só para confirmar.

Ele concorda com a cabeça e caminha pelas mesas, dando a volta entre jogadores e garotas, avançando pelo labirinto que é nosso refeitório.

Meu corpo se contrai em ansiedade. Não estou pronta para lidar com Maverick e sua intensidade, então faço o que sei fazer de melhor.

Eu fujo.

De qualquer maneira, tenho compromissos.

Dando a volta rapidamente, meu rabo de cavalo girando no ar, eu me dirijo para a saída em uma caminhada rápida, que é praticamente uma corrida. Eu abro a porta e corro para o elevador, para o terceiro andar.

Assim que saio, me aproximo da porta do estúdio de dança. De dentro, ouço os tons baixos de um tambor de conga e maracas, então sei que estou no lugar certo. Na porta está pendurada uma placa que diz *Bem-vindo à Salsa 101! Não sabe dançar? Podemos mudar isso!* Espero que não seja mentira. Sou fascinada por música e comida latinas, e aprender salsa é um item da minha lista de desejos... Daí a vontade de finalmente aparecer na aula, mesmo que eu ainda nem tenha um parceiro.

Abro a porta do estúdio, que na verdade é apenas uma sala no terceiro andar do centro estudantil. Estou segurando o panfleto que lista os horários e requisitos das aulas junto com os vinte dólares para cobrir o custo das aulas.

Estou tentada a mandar uma mensagem para He-Man e dizer a ele o que estou fazendo, para ver se ele ficaria orgulhoso de mim por ter vindo sozinha. Faço uma nota mental para tirar uma selfie e mandar para ele mais tarde.

É uma grande sala quadrada, com um sistema de som no canto e uma parede inteira coberta de espelhos. Meus olhos examinam o espaço e pousam em um homem alto e magro vestindo calças pretas muito apertadas e uma camisa vermelha de lantejoulas. Ele está sentado a uma pequena mesa no canto, ao lado do sistema de som. O cabelo escuro com gel está escovado para trás, e acho que vejo um brilho de sombra cintilante em suas pálpebras. Vejo um pequeno crachá branco preso à sua camisa onde se lê *Ricardo, Instrutor de Dança*.

Com certeza estou no lugar certo.

Ele ergue os olhos de sua prancheta e passa o olhar sobre mim.

— Veio para salsa? — Ele olha para o espaço atrás de mim. — Sozinha? — Eu posso ouvir a surpresa em seu tom.

— Ahn, sim — eu digo, forçando convicção e confiança em minha voz. Eu realmente quero isso. — Tudo bem?

Um olhar duvidoso cruza seu rosto.

— Normalmente, funciona melhor se você tiver um parceiro. Todo mundo tem um parceiro. Eu talvez possa dançar com você, mas geralmente estou muito ocupado.

Legal. Nem o professor quer dançar comigo.

Um grupo de pessoas ao lado de uma mesa de refrescos a alguns metros de distância gira a cabeça enquanto sua voz chega até eles.

— Certo, eu vi isso no panfleto. Normalmente minha colega de quarto toparia fazer isso comigo, mas bem, ela está com um novo namorado. Quero dizer, quem não quer aprender salsa...? — Minha voz se esgota, e eu suspiro quando percebo que estou divagando.

Ricardo me dá um sorriso irônico, mas gentil.

— Normalmente, você aprende como funciona o ritmo do corpo quando tem alguém para espelhar os movimentos com você.

Eu empurro meus óculos no nariz e arrasto os pés no chão brevemente, pensando que deveria ter ficado em casa vendo um filme.

O instrutor se distrai quando outro casal passa pela porta, e eu me afasto para o lado, procurando a saída mais próxima.

Eu consigo sair sem que ninguém perceba?

Faço uma pausa, cerrando os punhos.

Por que eu me importo tanto? E daí se eu estiver sozinha?

Onde estão seus culhões, Delaney? ONDE ELES ESTÃO?

Eu me desafio a encarar essa.

Eu coloco meu dinheiro na mesa, e Ricardo se vira para mim, uma expressão de surpresa no rosto quando vê meus braços cruzados.

— Estou aqui para me divertir com ou sem parceiro, e vai que eu não crio uma nova tendência: salsa sem parceiro. Nunca se sabe, pode ser a próxima grande novidade na dança de salão.

O rosto de Ricardo se abre em um sorriso enquanto ele se move ao redor da mesa para me entregar um crachá para que eu prenda na camisa.

— Gosto da sua vibe — ele diz enquanto eu rabisco meu nome e prendo o crachá na minha camiseta *de Game of Thrones*. Cheguei e estou pronta para arrasar.

Bobby Gene aparece na minha frente.

— O quê? Você está brincando comigo? Delaney Shaw faz aulas de salsa? — Ele sorri amplamente, e eu automaticamente lhe dou um abraço. Com seu cabelo castanho e olhos suaves, ele tem uma personalidade contagiante que me deixa à vontade.

— Estou aqui apenas pela boa comida cubana — ele sussurra conspirativamente enquanto acena com a cabeça para a longa mesa cheia de vários pratos e pequenas garrafas de água. — E por causa de uma garota com quem trabalho no jornal da faculdade. Ela me meteu nessa, e eu não pude dizer não. — Ele aponta para uma ruivinha alegre com sardas, e ela acena para mim com entusiasmo. — Quem é seu parceiro? — ele pergunta.

— Não tenho um — eu digo.

— Sério? — Ele parece confuso. — Mas como você vai...?

— Eu sou o parceiro dela — diz uma voz profunda atrás de mim, e eu sei quem é antes mesmo de me virar.

Um espirro sacode meu corpo, é claro.

Eu luto contra o próximo e me viro para encará-lo.

Maverick está diante de mim como uma espécie de deus grego, com seus lábios exuberantes, corpo magnífico e cabelo loiro perfeitamente penteado para trás. Minha boca seca quando observo a camisa preta justa

que se agarra aos seus músculos esculpidos. Esse homem já acordou com o cabelo todo cagado ou *algo do tipo*?

— O que diabos você está fazendo aqui? — eu sussurro, embora eu realmente não precise, porque Bobby Gene deu uma olhada na expressão de Maverick e voltou para sua parceira.

— Honestamente, eu estava te seguindo. Não tinha ideia de que era para uma aula de dança... mas agora que estou aqui, posso muito bem te ajudar. Ouvi dizer que você não tem um parceiro. — Ele inclina a cabeça, esperando pela minha resposta. — Mas eu preciso te avisar... eu não sei dançar.

Eu dou de ombros, tentando parecer blasé quando por dentro estou uma bagunça, tremendo de excitação por Maverick estar aqui... comigo.

— Bem, eu estou sozinha, e você também, e aparentemente a comida daqui é ótima. Quer dar uma olhada antes de começarmos?

Ele sorri.

— Você está perguntando a um jogador de futebol se ele quer comer? Acabei de comer, como você sabe, já que fugiu mim, mas pode ir na frente, milady.

Ele me dá o braço e eu o pego.

Vamos até a mesa, que está repleta de pratos com pequenos papéis indicando o que são ao lado de cada um. Eu vejo as azeitonas marinadas, os queijos extravagantes, a banana frita e o pudim.

— Uau. Se eu soubesse que tinha isso tudo aqui, eu teria vindo antes — eu digo.

Maverick pega um potinho de cerâmica com pudim e me entrega.

— Vamos experimentar esse aqui.

Ele pega o seu, e damos uma bocada ao mesmo tempo, nossos olhos se fechando em êxtase simultâneo.

— Droga, que delícia — diz ele, seus olhos no meu rosto em vez de no caramelo do pudim.

— É — eu respondo enquanto o vejo saborear a mordida.

Fico aliviada quando o instrutor bate palmas e gesticula para que nos movamos para o centro da sala.

Deixando as cerâmicas na mesa, seguimos suas instruções.

Os olhos de Ricardo se arregalam quando vê Maverick, e então ele olha para mim, um pequeno sorriso no rosto.

— Vejo que você acabou arrumando um parceiro, srta. Shaw. Boa escolha.

— De fato — eu digo.

Maverick sorri e dá de ombros.

Ricardo continua explicando que a atitude da salsa vem da música, a dança é algo que você sente com seu corpo e, ao mesmo tempo, seu cérebro pode memorizar a mecânica do método de oito contagens. Ele está entusiasmado, andando de um lado para o outro dentro do círculo que formamos. Tento prestar atenção, mas é difícil com Maverick ao meu lado, nossos braços roçando um no outro.

— Primeiro, devemos começar com o abraço — diz Ricardo, puxando o braço de uma pequena mulher, que suponho ser sua parceira, em um vestido vermelho combinando com seu figurino. Ele a puxa para perto com um movimento giratório e olha profundamente em seus olhos. — Você abraça seu parceiro com intensa emoção. Você está embarcando em uma jornada de amor e deve transmitir isso em todos os seus movimentos, em seus olhos, na sensualidade de seus músculos enquanto segura seu parceiro com força.

Eu preciso me abanar só por ouvir suas palavras. Ricardo é bastante romântico.

Ele demonstra, inclinando-se e colocando a mão esquerda no ombro dela. Ele a abraça apertado, em seguida envolve o braço direito em torno de suas costas, centrando-o logo acima da bunda. Sua parceira então levanta a mão direita para espelhar seus movimentos.

— Mantenha a cabeça erguida, a coluna reta, o centro forte e o peito erguido. Transborde confiança, meus amores! — Ricardo demonstra com um movimento, deslizando os pés enquanto gira a parceira. — Mova para a frente com o pé esquerdo, depois com o direito, para a frente com o esquerdo e depois com o direito. Então, pés juntos, movendo-se para a esquerda para encontrar a direita. Taram! É isso, e repita! — Ele para e faz uma pequena reverência junto com a parceira, que, claro, espelhava seus movimentos enquanto se movia para trás. Ele bate palmas. — Agora, vamos nos unir e nos abraçar com profunda sensualidade.

Sensualidade?

Eu me viro para encarar Maverick, e uma pequena risada me escapa.

— Você está tão desconfortável quanto eu estou agora?

— Eu não tenho a menor ideia do que diabos ele acabou de fazer ali.
— Ele sorri de uma forma autodepreciativa, as bochechas rosadas.

— Isso te envergonha? O fato de que você não consegue fazer alguma coisa?

— Não, mas eu quero causar uma boa impressão em você.

Meu coração dá uma cambalhota.

— Por quê?

Maverick ignora esse comentário e me puxa para seus braços, sua mão esquerda no meu ombro e a direita indo para a base da minha coluna. Arrepios sobem em meus braços quando ele me puxa para mais perto.

— Coloque seus braços em volta de mim.

Eu obedeço, minha boca completamente seca, meu corpo pronto para pegar fogo quando seu peito roça contra mim e sua perna se encaixa suavemente entre as minhas. O calor engole minhas regiões inferiores, e eu ignoro essas reações olhando para seu queixo. Não consigo olhar naqueles olhos.

— Eu faria qualquer coisa por algumas pessoas... Você vai descobrir isso sobre mim — Maverick diz suavemente, e de repente parece que estamos sozinhos, e não em um estúdio lotado cercado de pessoas.

— Então eu sou uma dessas pessoas? Mal nos conhecemos.

Uma risadinha vem dele, e nossos olhos se encontram.

— Você finge que não me conhece, Delaney, mas há algo entre a gente.

Eu mordo meu lábio e gaguejo:

— Eu não tenho ideia do que você está falando. Além disso, eu não gosto de jogadores de futebol.

— Então você continua dizendo isso, mas aqui estamos... dançando.

— Você se ofereceu, e eu não tinha mais ninguém.

Ele ri.

— Você adora estar em meus braços e sabe disso.

Eu estreito os olhos para ele.

— Você é chato demais.

Maverick apenas dá de ombros.

— Não vou mudar de ideia.

Ele se inclina e sussurra no meu ouvido.

— Seu corpo já diz *sim*.

Ai, Deus! Ele é tão irritante, mas, caramba, sua proximidade está acabando comigo por dentro, e eu me esforço para não montar em sua

perna que nem um cachorrinho. Felizmente, sou salva quando ele começa a movimentar os pés para frente e dou um passo para trás, para espelhar seus passos.

É pura tortura a maneira como Maverick me guia pela pista de dança, seu aperto firme, mas relaxado ao mesmo tempo, seus movimentos fluidos e graciosos. Ele não é um dançarino tão horrível quanto disse que era, e eu sinto que ele só disse isso para me deixar confortável.

Mais tarde, depois do fim da aula, estamos parados perto da porta conversando enquanto os alunos circulam e Ricardo conduz todos para fora.

Bobby Gene nos dá um aceno quando passa pela gente no corredor. Ele parece querer dizer mais, mas dá a Maverick uma olhada e diz por cima do ombro que a gente se vê depois.

Decidimos pegar as escadas em vez do elevador, já que está lotado. Maverick caminha ao meu lado, com seu corpo sólido e duro, e estou me sentindo mais poderosa do que há muito tempo não me sinto.

— Quer que eu te acompanhe até o seu carro? — ele pergunta quando chegamos ao andar de baixo.

— Ahn, sim, claro.

Embora haja muitos postes de luz e câmeras de segurança, está escuro.

Caminhamos em direção à saída, mas então vejo Martha-Muffin nos observando de uma confortável área de estar à direita. Seus olhos estão em Maverick, e então eles saltam para mim, um leve rosnado se formando em seu rosto. Creio que desacelerei ou fiquei rígida, porque Maverick faz uma pausa e olha para mim.

— Você está bem?

Respiro fundo e balanço a cabeça.

— Não é nada.

Uma ruga se forma em sua testa enquanto ele examina o espaço aberto do saguão, seu olhar pousando em Martha-Muffin, que colocou a mão no quadril, olhando abertamente para nós.

— Ah, ela... — Ele para e olha para mim com uma careta. — Se serve de consolo, não a suporto. Ela tentou se jogar na minha cama uma vez, e a expulsei. Ela me odeia desde então.

Não consigo imaginar ninguém odiando Maverick, e fico feliz que ele nunca tenha estado com ela. Mas vê-la apenas me lembra a infidelidade de Alex e o fato de que, embora Maverick não tenha estado com ela especificamente, ainda é um jogador de futebol bem popular.

Saímos do prédio e atravessamos o estacionamento. Estou me perguntando se ele vai me convidar para sair novamente. O que vou dizer? Eu ainda estou na vibe de *apenas amigos*?

Alcançamos meu Prius prateado, e ele sorri.

— O tipo de carro que você tem diz muito sobre você.

— É agora que você diz que sou pragmática e previsível?

Ele olha para mim.

— Pode ser. Eu gosto disso sobre você. Você é quieta, mas profunda. Eu também. Quero dizer, sou popular, mas, no fundo, sou um cara quieto.

Eu mordo meu lábio, querendo saber mais.

— O que você faria se não jogasse futebol? — eu pergunto.

Ele enfia as mãos nos bolsos e olha para o céu enquanto pensa.

— Medicina, provavelmente viraria um neurologista.

Ah.

— Por causa de Ravena?

Ele sorri com tristeza, um olhar contemplativo em seu rosto.

— Sim. Li tudo o que encontrei sobre a lesão dela, todas as últimas descobertas. É uma condição complexa e muito... individual. Não há dois casos iguais. Seus ferimentos foram bastante graves. Ela teve de aprender a falar e andar do zero.

— Você é um bom irmão.

Ele dá de ombros.

— Ela é tudo que eu tenho. Quer dizer, tem meu pai, mas às vezes acho que ele já desistiu.

Eu respiro fundo quando vejo sua vulnerabilidade. Há muito mais em Maverick do que todos pensam.

Nós nos encaramos em silêncio, e não é estranho ou desconfortável, e...

Estou morrendo de vontade de beijá-lo.

Seu olhar demora em meus lábios.

— Quer fazer esse lance da salsa novamente na próxima semana?

— Sim.

Deus.

Eu realmente quero que ele me beije.

O que é uma loucura. Ele não é uma boa escolha... certo?

Maverick se inclina e roça os lábios sensuais nos meus, e por três segundos não consigo respirar.

Meu corpo arde. Meu coração flutua no peito. Nós nos sentimos conectados, como se seus lábios nos meus sempre fizessem sentido, mas só agora estivéssemos descobrindo isso.

— Nosso segundo beijo — ele diz suavemente, se afastando para olhar para mim.

— Sim.

— Não será o último — diz ele com a voz rouca, me deixando arrepiada.

Então Maverick pega minhas chaves de mim, abre minha porta e me ajuda a entrar. Ele aguarda enquanto eu ligo o carro e vou embora.

A viagem inteira para casa é um borrão, porque tudo em que consigo pensar é nele.

O que vou fazer com Maverick Monroe e com o modo como fico perto dele?



CAPÍTULO 10

Delaney

Eu: Você viu o episódio de hoje de Game of Thrones? AI, MEU DEUS.

He-Man: Sim. Agora eu quero um dragão de estimação.

Eu: Você se contentaria com um gato?

He-Man: Só se você vier com ele.

— Eu não posso acreditar que você me convenceu a vir para esta festa — eu murmuro para Skye na sexta à noite, enquanto sigo ao lado dela pela calçada a caminho da casa de fraternidade do pessoal do beisebol perto do campus. Não é realmente uma fraternidade, apenas uma

enorme casa colonial de tijolos doada por um dos ex-jogadores de Waylon que passou a jogar beisebol na liga principal.

— Bem, você precisa sair de casa um pouco. Além disso, essa roupa é incrível e não podemos desperdiçá-la. — Ela olha para o minivestido preto assimétrico que estou usando. Passei meu tempo livre esta semana costurando. Feito de malha, é justo, com uma bainha de renda creme grossa na parte inferior, como um babado. O decote tem pequenos corações vazados no tecido enquanto as costas são cortadas em tiras, criando fendas no modelo.

— Você é tão talentosa — ela murmura. — Em vez de virar designer, você deveria considerar fazer moda.

Eu ri.

— Ha. Eu?

— Você arrasaria com uma linha para garotas nerds. Pense nisso: vestidinhos fofos e customizados, camisas com estampas de livros... as possibilidades são infinitas.

Eu dou de ombros. É gentil da parte de Skye, mas não tenho certeza se sou muito conectada com moda. Eu só gosto de ser diferente e usar algo que ninguém mais tenha.

— Ai, meu Deus, estou tendo tantas epifanias esta noite. — Ela agarra meu braço e para de andar. — Mande uma mensagem para o seu He-Man e veja se ele não quer te encontrar lá!

Sim, acabei contando a ela sobre ele uma noite esta semana, quando bebi algumas taças de vinho.

Eu cerro os lábios.

— Eu meio que gosto de não saber quem ele é. É... libertador.

Ela pensa.

— É verdade, mas não seria ótimo ter um cara com você caso Alex esteja na festa?

— Ele provavelmente vai estar. — Os atletas tendem a ficar juntos.

Meu cérebro reflete sobre isso, parte de mim com medo. He-Man e eu temos ótimas conversas. E se não for Maverick – a pessoa que eu realmente quero que seja –, mas algum garoto cheio de espinhas?

Skye suspira.

— Quer saber, pare de pensar nos motivos para não fazer isso. Vai lá e faça.

— Tá. — Pego meu celular e digito:

Preciso de você, He-Man.

Dez segundos se passam, e ele não responde, então envio outra mensagem.

Eu ainda estou solteira, caso você esteja se perguntando.

Nada ainda.

Estou indo para a festa do pessoal do beisebol. Quer me encontrar lá?

— O que ele está dizendo? — Skye pergunta.

Eu balanço minha cabeça.

— Nada. Ele está fazendo doce.

Ela pega meu celular, lê as mensagens, e antes que eu possa impedi-la, ela está digitando outra.

Estou um pouco bêbada, com muito tesão e sozinha. Venha comigo para a festa, e estou falando de OUTRO tipo de festa.

Ela o devolve para mim, em triunfo.

— Nem um pouco *piranhuda*, essa mensagem — eu digo com um sorriso.

Skye ri e grita quando os três pontinhos aparecem.

— Bem, funcionou: ele está respondendo!

Já estou aqui, Princesa Leia. Lembra da primeira noite em que trocamos mensagens? Da fantasia em uma festa de fraternidade?

Meu coração palpita.

Lembro.

Eu mando de volta. Nunca esqueci.

Me encontra lá em cima, no banheiro, daqui a uma hora, e faremos isso se tornar realidade. Eu te desafio.

Fico tão excitada porque vou encontrá-lo de verdade, que me falta o ar. Mas nós realmente vamos nos pegar? Eu engulo em seco.

Como vou saber que é você?

Só vai ter um atleta fodão esperando por você no banheiro.

Minhas mãos estão tremendo quando coloco meu celular de volta na bolsa e olho para Skye.

— Merda. Ele está aqui, e vamos nos encontrar no banheiro.

Skye aplaude, entusiasmada por mim.

— Você vai fazer sexo — ela cantarola.

— Não é bem assim — eu digo, tentando silenciá-la enquanto nos aproximamos da porta da casa, mas devo admitir que a alegria está me fazendo flutuar enquanto entramos.

Vou ver o He-Man!

A sala está cheia de grupos de pessoas conversando e bebendo ou se beijando nos cantos. Uma música alta toca no sistema de som, e eu estimo que a escala de bebedeira já está no nível cinco de dez.

Tyler nos chama do corredor onde está conversando com alguns outros jogadores de beisebol, sua mão acenando para que nos aproximemos. Skye me dá um olhar questionador.

— Quer vir comigo?

Eu balanço a cabeça.

— Pode ir. Vou ver onde está o bar.

Ela vai em direção a Tyler, e eu a observo pulando em cima dele. Ele a pega nos braços, apoiando um sobre ela.

Bobby Gene chama meu nome, e eu olho para cima e o vejo no andar de cima. Ele está bonito de boné, com um braço jogado ao redor da ruiva

da aula de dança.

— Delaney! — Ele ergue sua cerveja para mim.

Eu inclino a cabeça em direção a sua cerveja.

— Eu preciso de uma dessas, e preciso agora.

Alguém tromba em mim por trás, e me viro e vejo Maverick. Ele me analisa, demorando-se no meu decote.

Arrepios aparecem na minha pele. Estou hiperconsciente de cada terminação nervosa do meu corpo quando ele está perto.

— Então você está sempre esbarrando nas pessoas ou é só comigo? — ele diz.

— Você trombou em mim — eu retruco com um sorriso. — É como se você estivesse esperando por mim.

Era ele?

Ele dá de ombros, os ombros largos se movendo com uma graça animalisca. Maverick está vestindo uma camisa justa laranja e azul dos Wildcats que abraça seu peito, as mangas apertadas em torno de seus bíceps rígidos.

Eu me distraio, olhando para trás dele, e vejo Alex com Martha-Muffin o seguindo. Ele parece irritado, e seus olhos estão vermelhos como se ela estivesse chorando. Eu os estudo mais atentamente, observando a expressão triste que ela usa enquanto olha com certa ansiedade para Alex. Eu realmente não quero saber o que está acontecendo entre eles, mas é evidente que ela realmente gosta dele.

Eu me aproximo de Maverick, precisando ficar longe daqueles dois.

— Por que você não me mostra onde está o bar neste lugar? Não está na sala dos fundos?

Como se estivesse lendo minha mente, ele lança um olhar por cima do ombro e vê Alex. Ele olha para trás e me dá um aceno de cabeça.

— É para já.



CAPÍTULO 11

Maverick

*E*stamos sentados em um sofá na sala dos fundos. As pessoas vêm e passam por nós, principalmente quando estão saindo da casa rumo à fogueira, mas parece que estamos sozinhos. Eu só penso nela agora, tenho contado os dias até que possa fazer mais uma droga de aula de salsa com ela. *Foda-se, eu quero Delaney Shaw.*

Eu nunca imaginei que seria tão... *intenso* o desejo por uma garota, mas cá estou eu. Algo sobre ela me excita, me faz querer tudo o que nunca pensei que desejava.

Delaney sorri para mim, seus lábios de rubi se curvando.

— Então, vamos voltar ao primeiro ano: por que exatamente você me beijou?

— Por causa da lenda. A primeira pessoa que você beija em sua primeira fogueira em Waylon é aquela que você nunca esquecerá.

Ela se inclina para mim.

— Mas você *se esqueceu* de mim. Você foi para casa com um par de gêmeas.

— De quem eu mal me lembro. — Eu expiro, pensando em como eu era aos dezoito anos. — A verdade é que eu não sabia o que queria naquela época. Além disso, o acidente era recente. Minha cabeça não estava no lugar certo.

— E está agora?

— Não sou perfeito, mas sei o que quero. — Meus olhos ficam pesados enquanto analiso seu corpo, observando a forma como seus seios se destacam contra o tecido do vestido. — Você é a única que não ficou comigo, Delaney, a oportunidade que eu perdi.

Toco a pele nua de seu ombro. Sua pele parece seda, macia e aveludada.

— E você acha que pode me convencer a dar uma chance a outro jogador de futebol?

Eu sorrio.

— Sim.

Uma pequena risada vem dela.

— Às vezes, eu gostaria de apenas dar um tapa em você.

Eu sorrio.

— Isso significa que eu exerço algum efeito sobre você.

— Você me deixa louca — ela murmura, abaixando os olhos.

Nossos rostos estão mais próximos agora, e seu cheiro me invade, leve e fresco, como limões.

Eu toco seu rosto, traçando a linha de sua mandíbula.

— O que você está fazendo? — ela pergunta, com a voz suave.

— Eu vou provar que esse calor que há entre nós... tem que ser tratado — eu digo.

— Por quê?

— Porque eu não posso sentar com você na aula mais um dia sem fazer nada.

Pouco antes de encostar a boca na dela, alguém rosna meu nome.



CAPÍTULO 12

Delaney

*E*le vai me beijar... Ou ia. Sua cabeça se vira bruscamente assim que escutamos seu nome.

A raiva nubla seu rosto, e eu olho para Alex e Ryker e vários outros jogadores de futebol caminhando em nossa direção. De repente, a sala parece cheia de pessoas virando a cabeça em nossa direção. Maverick se levanta, e eu faço o mesmo. Martha-Muffin está aqui também, encolhida no canto com algumas de suas irmãs da fraternidade, os olhos correndo de mim para Alex.

Eu endureço meus ombros e ergo o queixo quando ele para na nossa frente, seus olhos se alternando entre mim e Maverick. Ryker vem logo atrás, uma expressão preocupada no rosto enquanto olha para Maverick.

— Tudo bem aqui? — Alex diz, seu peito subindo rapidamente. Um músculo treme em sua mandíbula.

Maverick se eleva sobre Alex, o corpo tenso como uma cobra, o rosto rígido.

— Ela está bem. Por que pergunta?

— Um dos calouros disse que você estava se engraçando com a Delaney — ele retruca. — Isso não é legal. Não mesmo.

Maverick faz uma careta e dá vários passos para longe de mim, forçando Alex a se mover para trás. Em questão de segundos, o espaço entre nós foi preenchido por outros jogadores, que esperam para ver o que vai acontecer.

— Vocês não estão mais namorando. Qual é o problema? — Maverick reclama.

— O problema é que eu sei *que você* não é o tipo de Delaney, e eu queria ver como ela estava. Além disso, você é um fodido que dá em cima da ex de um colega de time.

Abro caminho pela multidão e vejo Alex cruzando os braços. Seu rosto está vermelho de raiva.

Merda. Isso está tomando proporções grandes rapidamente.

Maverick inala uma respiração profunda, os punhos cerrados.

— Isso é com ela. Ela pode decidir sozinha.

Ryker se interpõe entre eles, a voz baixa.

— Ei, ei, olhe, é só um pequeno mal-entendido. Ninguém está com raiva aqui. Está tudo bem.

Alguns dos outros jogadores resmungam um acordo, mas nenhum dos dois parece estar ouvindo.

Os olhos de Maverick se estreitam em Alex.

— Não há mal-entendido. Eu estava aqui com a Delaney. Estava tudo bem até ele aparecer.

Alex estufa o peito.

— Ela ainda gosta de mim, você só está no meio do caminho.

Maverick se eriça e encosta o rosto no de Alex. Seu dedo indicador empurra o peito de Alex, forçando-o a dar um passo para trás. Se uma luta está prestes a acontecer, está claro quem vai vencer.

— Fique fora do *meu caminho*, Kicker, ou você vai se arrepender.

Alex empalidece, procurando uma resposta, quando Maverick gira nos calcanhares e sai pela porta dos fundos para o quintal. Eu expiro, observando-o ir.

Eu deveria deixá-lo se acalmar.

Mas eu não deixo. Eu saio pela porta, perseguindo-o até o portão dos fundos que se conecta à entrada da frente.

— Maverick! Espera.

Ele para e se vira para mim, sua mandíbula tensa de raiva reprimida. Há algo próximo de três metros de distância entre nós, mas posso ler sua expressão perfeitamente. Ele está em posição de ataque como um tigre, pronto para saltar.

Seu olhar passa por mim, e acho que vejo um lampejo de arrependimento em seu rosto.

— Delaney... Volte para dentro.

Eu ergo as mãos.

— Por quê? Aonde você está indo?

Ele exala lentamente e enfia as mãos nos bolsos.

— Eu só preciso de um pouco de ar, ok? — Seus olhos voltam para a casa. — Eu não posso voltar agora. Estou prestes a chutar o traseiro de Alex, e não posso fazer isso.

Oh.

Eu entendo – ele quer flertar comigo, mas não sou importante o suficiente para ir contra seus companheiros de equipe.

Certo. O futebol é o mais importante, e nada mais importa.

A decepção me atinge.

— Então você está desistindo?

Seus lábios se apertam, e ele não me olha nos olhos.

— Mais tarde — diz ele, então se afasta.

Eu caminho de volta para a casa, as mãos cerradas, a decepção crescendo dentro de mim. Parte de mim está... ferida. Justo quando eu estava começando a lidar com a ideia de um jogador de futebol, ele vai e me dispensa.

Já se passou quase uma hora, então decido subir e conhecer He-Man. Com cuidado para evitar Alex, subo as escadas para o corredor para esperar do lado de fora do banheiro enquanto uma miríade de pessoas entra e sai.

Estou ansiosa para ver o He-Man, mas quando ele está quinze minutos atrasado, estou começando a parecer uma perseguidora de banheiro. Eu pego meu celular.

Eu estou aqui, você não. Está me dando bolo?

Sem resposta.

Envio outra mensagem.

Seu bosta.

Ele responde.

Eu não vou conseguir chegar até aí.

Desculpe. Surgiu um imprevisto.

Meu estômago se contrai, e eu sorvo uma respiração rápida. Por que todo mundo está me deixando de lado hoje?

Sentindo-me mais devastada do que deveria por um cara com quem só troquei mensagens, enfio meu celular de volta na minha bolsa.

Alex é um traidor, Maverick me abandonou, e agora He-Man me deu bolo.

Todos os homens são idiotas.



CAPÍTULO 13

Maverick

— *D*esculpa ter ligado para você vir buscá-lo — Mick diz enquanto eu marcho até o balcão de um bar local, apropriadamente chamado de *Mick's*. É um lugar meio decadente e empoeirado que toca músicas country antigas, e é o favorito do meu pai, embora ele tenha sido expulso daqui pelo menos meia dúzia de vezes, que eu saiba.

Aperto as mãos em punhos. Só ouvi as mensagens de voz de Mick duas horas depois, por causa do treino de futebol.

— O que aconteceu? — pergunto, olhando ao redor e avaliando, mas não vendo papai ou Raven. É noite de segunda-feira, e há somente um ou outro gato pingado.

Sua cabeça acena para uma mesa aos fundos, e meus olhos o seguem, pousando em meu pai.

— Ele está aqui bebendo desde as seis. Ele caiu feio e machucou a mão. Nada muito sério, eu acho, mas Jackie fez o papel de enfermeira no

escritório. — Eu vejo o grande curativo branco. — Ele me implorou para não ligar para você, mas eu sabia que você ia querer saber disso.

A raiva se amplia dentro de mim.

— Onde está Ravena? — pergunto, procurando pelo salão mais uma vez.

— No escritório com Jackie. — Mick me envia um olhar solidário. — Olha, eu sei que as coisas andam atarefadas na faculdade, mas algo precisa ser feito.

Meu corpo inteiro aperta.

— Estou fazendo o melhor que posso.

O que eu não digo a ele é que estou me deslocando para o trailer várias vezes por semana, a fim de cuidar dela, mesmo que fique a meia hora do campus. Em um mundo perfeito, eu voltaria a morar com papai e Raven, mas o treinador Al exige que a gente fique nos dormitórios.

Eu lido com meu pai primeiro, indo até sua mesa e balançando seu ombro.

— Pai!

Ele cheira a bourbon e cigarros velhos, o que faz a bile subir na minha garganta. É um cheiro que me faz lembrar dos meus primeiros dias de criança, quando voltava da escola e o encontrava desmaiado no sofá de casa.

— Mav — ele murmura, levantando a cabeça enquanto a saliva escapa de sua boca. — Desculpe... não queria... É tudo culpa minha. — As palavras são baixas e parcamente decifráveis pelo uísque.

— Eu não acredito que você trouxe Raven para cá — rosno, meu olhar passando pelos clientes no bar. — *Um monte de coisas* poderia ter acontecido com ela.

— Não tinha dinheiro para uma babá. — Seus olhos piscam para mim, injetados de sangue, escorrendo uma umidade que não quero decifrar o significado. *Eu não estou nem aí*, digo a mim mesmo.

— Você é um filho da puta — murmuro enquanto me inclino e o puxo para a beirada da cabine para que eu possa pegá-lo em meus braços.

Seu queixo cai no peito.

Passo pelo bar e o carregio pela porta da frente. Ryker está esperando por mim, os braços cruzados contra o peito. Assim como eu, ele está vestido com roupas de treino. Ele se endireita, encostado na minha caminhonete. Normalmente eu não teria pedido a ele para vir comigo, mas Ryker estava comigo quando ouvi as mensagens de voz. Faço um gesto para que abra a porta e eu possa colocar papai no banco traseiro.

Ele me observa com um rosto sombrio, olhando meu pai.

— Que porra é essa? Merda — ele murmura.

Com um olhar fulminante para a cabeça baixa de meu pai, volto para dentro, com Ryker logo atrás.

Mick me leva ao escritório dos fundos. Raven está sentada em uma poltrona assistindo *Family Feud*, o rosto pálido e suas bochechas úmidas de lágrimas. Jackie está sentada à mesa, trabalhando em um laptop, e ela me dá um aceno suave e um tapinha no ombro.

— Ela está bem, meu amor, apenas se sentindo um pouco mal.

— Mav! — Raven se ilumina e corre até mim.

Ela explode em lágrimas ao pular em minha direção, seus braços finos envolvendo meus ombros. *Deus, eu preciso fazer mais por ela.*

— Eu sinto muito. Eu nunca nem imaginei que ele traria você aqui.

Segurando meu rosto, ela procura meus olhos, em seguida, dá um pequeno golpe em sua cabeça.

— Estou... com... dor... de... cabeça.

Eu beijo sua cabeça.

— Vamos, Rav. Estou aqui. Vamos te levar para casa.

AINDA NA MESMA NOITE, RYKER E eu voltamos para o campus. Minha cabeça está uma bagunça só, cheia de preocupações, cansada de buscar uma solução. Só uma coisa é certa: quero Raven longe do trailer do meu pai.

O problema é que não tenho dinheiro para financiar essa mudança. Não posso pedir um empréstimo ao treinador ou a *ninguém* da escola, e não posso ter um emprego que pague mais de dois mil dólares; essas regras existem para evitar subornos e pagamentos paralelos. Meu pai não tem crédito algum na praça, então ele não é uma opção.

Ryker continua me dando olhares discretos, e eu sei que ele está preocupado comigo, o que é engraçado, considerando que no fim de semana passado ele estava preocupado que eu estivesse causando problemas para a equipe com Delaney. Obviamente tenho problemas maiores agora.

Assim que voltamos para os dormitórios, desejo um brusco boa noite, em seguida vou para o meu quarto e procuro na minha mesa de cabeceira o número que o dono do cassino me deu.

Lembro-me de sua oferta de me pagar dinheiro – muito dinheiro – para lutar contra outro jogador de futebol.

Ele atende no primeiro toque.

— Olá?

— Senhor Leslie Brock?

— Sim? Quem é?

Limpo a garganta, imaginando o homem gordo e de dentes afiados que estava na Carson's Gym.

— Aqui é Maverick Monroe, de Waylon. Você me fez uma oferta alguns meses atrás, quando nos encontramos na Carson's Gym, lembra?

— Ah, sim, o famoso jogador de futebol. Você tem uma fama e tanto, meu jovem.

Que seja. Eu sei que ele é todo cheio de lábia.

— Você ainda está interessado?

— Hmmm — diz ele, como se estivesse pensando muito, e eu aperto o celular com força. Quero dizer, ele deveria estar *animadíssimo* por eu ter ligado. Eu sei o negócio que ele está fazendo, e é lucrativo para cacete. Eu sou um ótimo jogador, e ele seria louco...

— Você pode vir ao Carson na próxima semana? Podemos finalizar os detalhes lá, e posso contar mais sobre a luta.

Eu expiro.

— Pode ser. Me manda uma mensagem com o dia e a hora, e estarei lá.

Há um tom de satisfação quando ele responde:

— Excelente. Você não vai se arrepender, Maverick.

Toco na tela para encerrar a chamada.

Já estou me arrependendo, mas não vejo outras opções.



CAPÍTULO 14

Maverick

No dia seguinte, Raven e eu dirigimos para Pineview Retreat, uma droga de um lugar mágico para residentes que precisam de cuidados extras.

A instalação de 23 hectares fica fora de Jackson, e há gramados e flores bem-cuidados em todos os lugares até onde a vista alcança, embora ainda não seja primavera no Mississippi. Aqui me parece um lugar o qual uma estrela de cinema poderia vir se precisasse de um spa para se recuperar.

É bem distante do parque de trailers em que crescemos.

Raven e eu fazemos um tour pelo local, que possui também academia, piscinas interna e externa, sauna, quadras de tênis, estúdio de cerâmica, estábulo e cinema. Caramba, o lugar ainda tem um espaço de artesanato, em que você pode fazer suas artes com várias cores diferentes e dar de presente.

Eu quero que Raven venha morar aqui, mas perco o fôlego toda vez que olho para a quantia que aparece no final da papelada que a sra. Watson, a secretária responsável pelas admissões, me deu.

Ela está sentada à minha frente em seu escritório, a enorme janela de sacada atrás dela mostrando os cavalos que vagam no pasto extenso.

A indenização por invalidez de Raven só abateria um pouco a taxa mensal de seis mil dólares, mas para entrar na lista, preciso de cinquenta mil, que funcionam como um depósito para manter a vaga e pagar os primeiros meses adiantados.

Eu acho que vou vomitar.

Estou agradecido por Raven estar na sala de espera.

— Está tudo bem, Maverick?

Olho para o rosto gentil da sra. Watson. É uma senhora mais velha, com seus cinquenta e poucos anos, sinto que ela pode ver direitinho meu pânico.

De novo, estou arrependido de não ter entrado no draft mais cedo, mas agora é tarde demais. Depois de mandar sua decisão ao conselho, ela é definitiva, e você não pode voltar atrás.

— Sim. Obrigado pelo tour e pelas informações. — Eu boto um sorriso no rosto. Não há a menor possibilidade de eu conseguir pagar por esse lugar.

Ela acena com a cabeça, seu cabelo cuidadosamente penteado e puxado para trás na nuca.

— Além do apartamento totalmente mobiliado de sua irmã, ela terá três refeições nutritivas servidas todos os dias em nosso refeitório, ou ela pode escolher ir a um de nossos restaurantes com amigos ou visitantes. Temos atividades diárias em grupo e excursões a museus e outros locais de interesse. Na semana passada, levamos um grupo ao Museu dos

Direitos Civis em Memphis. — Ela ri. — Nós até vamos a Graceland uma vez por ano, pense em uma excursão interessante. — Ela olha para o histórico de saúde de Raven e folheia os papéis. — Vejo que ela sofreu uma lesão cerebral traumática em um acidente de carro há alguns anos, certo?

Eu limpo a garganta.

— Sim, ela sofre de perda de memória, convulsões esporádicas, que podem ser evitadas com medicação, pequenos atrasos cognitivos e dores de cabeça frequentes, que são fáceis de controlar se ela fizer bastante exercício. Ela ficou em uma cadeira de rodas por um ano e ainda anda de um modo um pouco hesitante.

Suas sobrancelhas se erguem.

— Você sabe muito da saúde de sua irmã. Isso é impressionante.

— Eu fiz algumas pesquisas.

Ela acena.

— Também oferecemos terapia, além de serviços médicos e exames. Uma enfermeira em tempo integral fica em seu andar vinte e quatro horas por dia.

Droga. Parece o paraíso. Isso significaria que eu poderia ficar tranquilo sabendo que ela seria bem-cuidada.

Suspiro, chegando ao cerne da questão.

— Acho que você não oferece nenhuma opção de ajuda financeira, não é? O custo é... mais alto do que eu esperava. Quer dizer, eu sabia o que esperar com base na pesquisa que fiz sobre suas instalações, mas não tinha certeza se há bolsas de estudos ou algum tipo de assistência.

Eu só estou esperando que talvez eu tenha perdido alguma coisa.

Ela me dá um sorriso suave.

— Não, mas eu entendo sua reticência. É um valor e tanto.

— Em quanto tempo você poderia admiti-la se eu pagasse o depósito?
Ela olha para o calendário e bate a caneta na mesa.

— Se você pagar nas próximas semanas, eu posso garantir a entrada dela no dia primeiro de maio.

Merda. Isso se resume a apenas alguns meses de espera.

Vou me encontrar com Leslie em alguns dias, e estou ansioso para saber qual é a oferta dele e quando vou poder lutar.

A sra. Watson me traz de volta ao presente.

— Eu odeio ser uma pentelha, mas você se importaria de me dar um autógrafo? — Ela cora. — Meu filho vai enlouquecer com isso. Nossa família acompanha sua carreira desde que você estava no ensino médio.

— É claro. — Sentindo-me um pouco perdido e ainda me recuperando do esforço de tentar resolver tudo, autografo o pedaço de papel que ela deslizou para mim e o devolvo a ela.

— Excelente. Algum dia, quando você estiver na NFL, isso será inestimável. Não que eu vá vendê-lo.

Certo, mas como estudante universitário, não tenho dinheiro nenhum e ninguém pode me dar dinheiro. Não faz nenhum sentido, porra.

Eu assinto e fico de pé. Mais do que tudo, eu só quero sair daqui, falar com Leslie sobre a luta e resolver essa merda. Eu aperto a mão dela e murmuro um agradecimento pela reunião apressada que ela concordou em fazer.

Raven anda o mais rápido que pode quando me vê sair pela porta, seu rosto ainda vermelho do vento forte.

— Podemos... ver... os... apartamentos... de novo? Por favor? — Ela odeia o trailer do papai, e eu não a culpo. Não posso continuar viajando para lá, tentando juntar dois mundos exigentes em um.

Estou faltando aula hoje só para estar nesta reunião. Deus sabe que papai não viria. Quando apareci hoje para buscá-la, ele ainda estava dormindo. Fui eu que fiz o café da manhã, ajudei-a a escolher suas roupas, coloquei um monte de roupas para lavar e a conduzi porta afora.

Eu baguncei seu cabelo, forçando uma tranquilidade na voz. Ela às vezes é rápida em perceber como eu me sinto, e eu gosto de pensar que são flashes da velha Raven, aquela que tirava nota dez na escola e era uma garota normal de dezesseis anos.

— Só podemos fazer um tour. Que tal tomar um sorvete no Buster's? Você ama o de framboesa com chocolate.

Seus ombros se movem de forma vulnerável, como se ela estivesse se preparando.

— Pineview... não vai... me deixar... entrar?

Eu rio e cruzo nossos braços enquanto caminhamos pelo corredor e nos dirigimos para o estacionamento.

— É que leva tempo para você se inscrever, só isso.

Ela suspira.

— Gostaria... que... eu... pudesse... estalar... meus... dedos... e fazer... tudo... ser... como... costumava... ser...

Eu engulo o nó na garganta.



CAPÍTULO 15

Delaney

He-Man: Sinto muito pela festa de beisebol, Princesa Leia. Me perdoe?

Eu: Por que eu deveria?

He-Man: Porque somos amigos.

Eu: Somos?

He-Man: Espero que sim. Deixei um presente para você na recepção da biblioteca. Você pegou?

Eu: Sim.

He-Man: E aí? Você gostou?

Eu: Como não gostar de um pôster em tamanho real de A Princesa Prometida? Obrigada.

He-Man: Talvez eu não mande tantas mensagens para você quanto antes. Há algumas coisas pessoais acontecendo comigo, mas isso não significa que não tenho pensado em você.

Eu: O que está acontecendo?

He-Man: Apenas... espere por mim.

— Ei. — Ouço uma voz rouca, então me viro, deixando cair o livro que estava tentando colocar na estante.

É Maverick, e meus olhos o absorvem. Seu rosto parece cansado, sua expressão está sombria; ele me observa como se me analisasse. Já faz quase uma semana desde a festa, e as coisas estão estranhas. Quando ele apareceu na aula na segunda-feira, eu tinha trocado de lugar, optando por sentar na primeira fila. Talvez fosse um teste para ver se ele me seguiria. Ele não seguiu. Seus olhos vasculharam a sala e me encontraram, e embora eu visse decepção ali – ou talvez alívio – ele

sentou em seu assento habitual. Na quarta-feira, foi a mesma coisa. Ele se sentou nos fundos, e eu fiquei na frente.

— Nós não conversamos desde a festa — diz Maverick, abaixando-se para pegar o livro e entregá-lo para mim.

— Sim — eu murmuro.

Ele enfia as mãos nos bolsos e se inclina contra uma das prateleiras, seu olhar me estudando atentamente.

— Olha, me desculpe por não ter aparecido na salsa esta semana. As coisas estão em suspensão para mim agora. Meu pai está passando por algumas coisas, e estou passando muito tempo com minha irmã.

Eu dou de ombros, tentando ser o mais indiferente possível, quando realmente fiquei arrasada quando Maverick não apareceu. Fiquei do lado de fora da porta até o último minuto, esperando que ele aparecesse. Eu nem tinha seu número de celular para mandar uma mensagem.

— Tudo bem. No entanto, você perdeu umas bananas-da-terra ótimas. — Eu desvio meus olhos dele, porque Maverick é muito bonito, e foco no carrinho repleto de livros que eu preciso colocar nas prateleiras. — Eu preciso voltar a trabalhar... então, se você não se importar, podemos conversar mais tarde?

Ele exala e dá um passo se aproximando de mim.

— Delaney, me desculpe... Eu preciso me concentrar no futebol... — Sua voz desaparece.

Suas palavras doem, e isso me deixa com raiva por ter baixado a guarda e permitido que ele se aproximasse tanto.

— Tenho certeza que você tem grandes coisas acontecendo... futebol e provavelmente uma garota diferente a cada noite. — Não é uma suposição justa, mas não posso impedir que as palavras saiam.

Maverick franze a testa.

— Não é nada disso. Estou cuidando da minha irmã, fazendo malabarismos com as aulas e os treinos, e trabalhando em algumas outras coisas.

— Que coisas?

Ele enrijece e fecha o rosto, sem revelar nada, mas essa garota nerd aqui consegue interpretar sua expressão: ele está se retraindo. Maverick não quer compartilhar nada comigo. Ele não *me quer*.

Solto um suspiro.

— Boa sorte na vida — digo enquanto seguro o carrinho e o empurro pelo corredor.



CAPÍTULO 16

Maverick

*E*stou na Carson's Gym, e resmungo meu descontentamento quando levo um golpe direto no rosto do meu parceiro de treino. Rio, o cara com quem Leslie me emparelhou, dança para longe de mim, sorrindo mesmo usando aquele protetor bucal grande para cacete. Seus golpes são sorrateiros, e ele tem um gancho de esquerda médio, mas eu sou maior, mais rápido e tenho pés mais leves. Estar em sintonia com o meu corpo e com o modo como ele funciona são coisas em que sempre fui bom. O boxe também é uma segunda natureza para mim, algo que aprendi no ensino médio, já que meu pai costumava trabalhar meio período aqui como zelador.

Minha habilidade é a razão pela qual Leslie está interessado em mim – bem, isso e meu nome no futebol. Ele está de pé nos observando, um olhar frio no rosto, vestindo um terno sob medida. Já me encontrei com ele esta semana, e ele deixou claro o que quer de mim: uma briga com outro jogador de futebol da SEC. Sem regras, apenas eu e outro cara em

um ringue de boxe. Meu intestino se agita com a perspectiva de colocar tudo em risco – minha carreira, minha vida inteira.

Um flash de cabelo louro-claríssimo e uma camisa rosa de ginástica saindo de uma das salas de aula de ioga chama minha atenção – bem quando Rio dá um golpe direto no meu olho.

— Merda! — reclamo e recuo para o canto. Nesse ritmo, eu realmente precisarei aprimorar minhas habilidades, se formos considerar que uma garota de top apertado está me fazendo perder o foco.

Olho de volta para o corredor, e meu coração bate forte quando percebo que é Delaney — reconheço pelos coques da Princesa Leia que ela gosta de usar. Não falo com ela desde aquele encontro na biblioteca, e isso foi há alguns dias.

Ela caminha em direção ao saguão do ginásio, e parece estar chorando.

— Delaney! Espera!

Ela faz uma pausa e olha por cima do ombro para mim, e mais uma vez fico chocado com quão linda ela é. Vestindo calças pretas de ioga e uma regata rosa, ela está incrível, mesmo com o rosto úmido de lágrimas. Suas bochechas estão vermelhas, e ela rapidamente as limpa enquanto eu pego uma toalha e pulo da plataforma de boxe.

Seus olhos se arregalam.

Eu grito por cima do ombro, dizendo a Rio que vou pegá-lo mais tarde, e dou um aceno rápido para Leslie. Já fiz sparring suficiente hoje.

— Por que você está chorando? — pergunto e paro na frente dela, ainda respirando com dificuldade pelo treino de boxe.

— Eu não estou. — Ela funga e vira a cabeça, me dando uma visão de seu longo pescoço, as linhas suaves de sua mandíbula. Meus olhos a devoram avidamente. Eu senti muita falta dela na aula, sou um idiota

por não tentar explicar tudo para ela, mas com a luta vindo, acho que é melhor manter distância. Mesmo assim, isso não significa que eu não tenha pensado nela uma centena de vezes.

— Por que você saiu correndo da aula de ioga? — É uma atividade que eu nem sabia que ela participava.

Ela parece se recompor lentamente.

— Eu sei que parece bobo, mas Han Solo desapareceu há dois dias. Com certeza você não vai entender... — Sua voz se apaga.

— O que aconteceu? — Eu a pego pelo braço e a levo até um amontoado de cadeiras no saguão. Agarrando uma caixa de Kleenex da mesa, eu os pressiono em sua mão enquanto ela se senta.

Delaney limpa o rosto.

— Alguns dias atrás, eu o deixei sair para dar uma voltinha, como ele gosta de fazer, e ele nunca mais voltou. Chamei por ele e coloquei atum na varanda dos fundos — nada. Não é algo que ele normalmente faria.

— Talvez ele tenha encontrado uma namorada, não?

Ela balança a cabeça.

— Ele foi castrado. E se ele estiver em uma vala em algum lugar e eu não conseguir encontrá-lo?

— Então por que você está saindo correndo? — Eu olho de volta para a sala de ioga. — Eu nem sabia que frequentava essa academia.

— O centro de recreação do campus tem as piores aulas de ioga que eu já participei. Aqui é muito melhor, e eu precisava sair de casa para espairer.

Eu concordo.

— De qualquer forma, minha vizinha, sra. Wells, acabou de me ligar. Ela acha que o viu no campus hoje perto do prédio de Belas Artes, e é a primeira lasquinha de esperança que eu tenho. Estou indo até lá para

procurá-lo. — Ela se levanta e estende a caixa de lenços. — Obrigada por perguntar. — Sua voz está trêmula, mas fria, e eu suspiro. Eu não a culpo por ser distante comigo.

— Eu vou com você — eu digo, e ela pisca.

— O quê? Por quê?

Eu ignoro sua pergunta. Estou no modo de assumir o controle, e quando vejo o casaco que ela usa para a aula pendurado perto da porta, vou até lá para pegá-lo. Tirando-o do gancho, eu a envolvo nele e o abotoo com cuidado.

Delaney fica parada, me observando, enquanto eu corro de volta para a área de boxe e pego minha bolsa de ginástica.

Eu corro de volta para ela.

— Agora vamos encontrar Han Solo.

Um sorriso aparece brevemente em seu rosto, e ela me dá um olhar estranho.

— Tem certeza? Você está... — Ela limpa a garganta, seu olhar demorando no meu peitoral. — Você está seminu, e está frio lá fora.

Pego minha North Face de um gancho e a coloco sobre o peito nu.

— Tá tudo bem, Buttercup.



CAPÍTULO 17

Delaney

Maverick me leva direto para sua caminhonete, uma Toyota que parece ter tido dias melhores. Ele abre a porta do passageiro para mim e me oferece uma mão para que eu entre. Ele entra do outro lado, olha para mim e aperta minha mão, me surpreendendo. Maverick está sendo tão... doce e prestativo.

— Você está bem? — ele pergunta.

Eu concordo. Estou preocupada com Han, mas também estou desconcertada ao ver Maverick na academia, embora Skye tenha mencionado casualmente esta semana ter ouvido falar que muitos jogadores de futebol vão até lá durante o *off season* para aproveitar seus programas de treinamento.

Parte da minha razão para fazer a aula de ioga aqui era que eu esperava encontrá-lo – o que é muito estúpido, mas não posso evitar.

— Por que você estava lutando boxe? — eu pergunto.

Ele dá de ombros.

— Meu pai costumava trabalhar lá e me ensinou algumas coisas quando eu estava crescendo. Eu sou muito bom nisso.

— Existe alguma coisa em que você não seja bom?

— Não. — Ele me abre um sorriso, e eu tento retribuir, mas falho. As coisas ainda estão estranhas entre a gente. Suspiro e olho pela janela.

Nós paramos no prédio de Belas Artes, e eu saio pela porta antes mesmo que Maverick estacionasse. Meu olhar varre o horizonte, passando por árvores, paisagismo e prédios, tentando pegar um flash de pelo preto e branco. Parece inútil, e não vejo nada que se pareça com ele. Pelo menos é fim de semana e o campus está às moscas, então não há cem corpos me obstruindo as vistas.

— Han, cadê você, pequeno? — Maverick grita, indo para o lado norte do prédio enquanto eu vou para o sul. Dez minutos de busca infrutífera se passam enquanto faço mais uma passagem e depois duas pelo pátio em frente aos prédios ao redor. Não há nada aqui, exceto alguns esquilos e melros malucos.

Eu me sinto perdida. Han #1 foi embora, e agora Han #2 também.

— Vem cá! — É a voz de Maverick, e me viro rapidamente, vendo que ele está segurando Han, que está se contorcendo, a cerca de cinquenta metros. A alegria pura me preenche, e eu saio correndo em direção a eles. Respirando com dificuldade, paro, pego o Han briguento e o acaricio até que ele se acalme.

— Maverick! Ai, meu Deus, onde você o encontrou?

Ele dá de ombros.

— Você acredita que ele estava na lixeira atrás do prédio? Ele deve ter se esgueirado até lá para comer alguma coisa, mas não conseguiu sair. Eu ouvi um miadinho, abri e lá estava ele.

Eu faço carinho em sua cabeça do jeito que ele gosta, e Han mordisca minha mão, então ronrona.

Olhando para cima, noto que a jaqueta de Maverick está rasgada e seu short parece torto. Minha boca se abre.

— Você entrou na lixeira?

Ele sorri.

— Mergulhador de lixeiras, a seu dispor.

Eu jogo meus braços em volta dele, de alguma forma conseguindo não esmagar Han no processo. Meus lábios roçam sua bochecha por um segundo, e ele vira a cabeça para encontrá-los, mas eu me afasto antes que isso aconteça.

Eu reajo olhando para o meu gato fugitivo.

— E se ninguém o tivesse visto durante todo o fim de semana? Você provavelmente salvou uma de suas vidas.

— Sem dúvida. Espero que ele valha a pena.

Eu suspiro.

— Ele é tudo que eu tenho.

— Bem, você me tem agora. — Maverick limpa a garganta. — Ele parece um pouco arrebitado. Vamos levar vocês dois para casa.

Paramos na minha casa quando já quase escureceu totalmente. O carro de Skye não está aqui, e eu me lembro de uma mensagem dela mais cedo dizendo que ficaria na casa de Tyler esta noite.

Ainda estou segurando Han em meus braços, e ele está ansioso para descer, então chego à porta da frente com pressa. Maverick me segue, pegando minhas chaves da minha bolsa e destrancando a porta.

Assim que ele abre, eu coloco o gato no chão e Han vai embora.

— Você não me fuja de novo — eu o repreendo enquanto ele corre em direção à cozinha, onde estão seus potinhos de comida e água.

Eu olho para Maverick, que está me observando.

— O que foi?

Ele dá de ombros enquanto se inclina contra o batente da porta e passa aqueles olhos lindos sobre mim.

— Gosto de te olhar. Estou feliz por termos encontrado o gato.

— Eu também. — Eu suspiro. — Bem, obrigada por me levar até lá e por ter encontrado Han.

Maverick começa, se endireitando:

— Ah, acabei de perceber que não fomos buscar seu carro na academia.

Eu dou de ombros.

— Não se preocupe com isso. Não vou a nenhum outro lugar esta noite, e Skye volta amanhã.

Ele morde o lábio.

— Você não tem planos?

— Não. Você tem?

— Não.

Ele me observa, me estudando, e antes que eu possa me impedir, eu deixo escapar:

— Você quer ficar para o jantar? Eu posso cozinhar, sabe, como forma de te agradecer por me ajudar a encontrar Han. Eu não acho que seria capaz de tirá-lo daquela lixeira mesmo se eu o tivesse ouvido lá.

— Eu adoraria. — Uma expressão quase tímida cruza seu rosto. — Eu acho que ninguém cozinha para mim... você sabe, desde minha mãe.

— Ah, isso é muito ruim. Entra. — Estou nervosa, sentindo-o andando atrás de mim. Entramos em casa, e ele olha ao redor. Não é

nada chique, mas é minha, foi construída no final dos anos 80 e fica a apenas um quarteirão do campus.

Antes de eu chegar à cozinha, Maverick pega minha mão, me parando. Sua expressão mostra seu conflito.

— Ei, me desculpe por ter sido um escroto ultimamente, Delaney. Eu juro que não há mais ninguém. Eu estou apenas...

— Está tudo bem — eu digo. — Entendo. Você está ocupado.

Parece que Maverick quer dizer mais, mas ele solta minha mão, tira o casaco e o joga nas costas do sofá. Eu vejo seu peito... seu peito nu... e engulo em seco.

Sem fôlego, eu digo:

— Dê uma olhada na geladeira e me diz o que você quer comer. Tenho um pouco de tudo.

— Você mencionou nachos uma vez — diz ele enquanto pega um pacote de carne moída.

Eu aceno, e ele sorri, fazendo meu rosto esquentar.

— Mencionei. Agora mova sua bunda daqui, para que eu possa fazer minha mágica.

— Posso assistir? — ele diz baixinho, cruzando os braços sobre o peito enquanto se inclina contra a minha geladeira, mostrando perfeitamente os bíceps e as linhas dos músculos em seus antebraços.

Eu respiro fundo.

— Certo. Me passa meu avental? — peço, ligando o fogão e colocando a carne em uma panela. Eu inclino a cabeça para os ganchos ao longo da parede dos fundos, e ele se aproxima para pegar o avental preto. Maverick o sacode e o traz para mim, e espero que ele o entregue, mas ele não o faz; em vez disso, o desliza sobre meu cabelo, suas mãos roçando levemente sobre meus ombros enquanto me gira para amarrar

nas costas. O sangue pulsa nas minhas veias pela maneira como ele me trata, como se estivesse perfeitamente sintonizado com cada traço da minha pele.

Maverick me gira de volta.

— *Que a Faca esteja com você?* — Ele balança a cabeça enquanto lê as palavras brancas impressas no avental.

Eu me afasto dele para mexer a carne.

— Você é tão nerd, Delaney.

— E o que é que tem?

Seus olhos se iluminam.

— Eu gosto disso. Eu gosto de garotas com cérebro.

— Bom. Eu também gosto de você — eu digo as palavras levemente.

Ele está mais perto agora, encostado na geladeira e me observando enquanto eu cozinho. Seu cheiro me atinge – masculino com uma pitada de suor –, e estou tendo dificuldades em manter meus olhos longe de seu peito.

Apenas mantenha-o à distância, digo a mim mesma, mas a verdade é que estou fraca e cansada de lutar contra esse sentimento. Maverick Monroe está na minha cozinha, sem camisa, me vendo cozinhar como se quisesse devorar a mim em vez da comida que estou preparando.

Ele coloca uma mecha de cabelo atrás da minha orelha, sua mão descendo pelo meu braço, e se afasta.

— Você é possivelmente a garota mais bonita que eu já conheci — ele diz suavemente enquanto seu polegar alisa meu ombro, e eu não o impeço, não me afasto. — Você está nervosa — conclui, inclinando-se para mais perto. — Está tentando não espirrar?

Eu limpo a garganta.

— Na verdade, meus espirros parecem ter melhorado ultimamente.
— É verdade, e quanto mais fico perto dele, mais atrevida eu me torno.

— Que bom.

Eu brinco com a panela.

— Uh, você quer escolher um filme enquanto eu cozinho? — Eu gesticulo para a tela grande na sala, que é facilmente visível da cozinha, visto que é uma planta aberta.

— Certo. Que tal *A Princesa Prometida*?

Eu deixo cair a espátula na panela e me viro para olhar para ele. Um pequeno sorriso curva sua boca.

— Por que você escolheu esse?

Seus olhos baixam.

— Eu vi o pôster que você tem na sala.

Oh, certo. Eu olho para o presente que He-Man deixou para mim no trabalho. Eu já o emoldurei e coloquei na parede, e toda vez que olho para ele, penso no homem misterioso que me deu.

— É um dos meus favoritos — eu digo.

— Meu também.

Eu inalo rapidamente, meu coração flutuando. Eu quero perguntar se ele é o He-Man... mas eu não pergunto.

— Sim, claro, *A Princesa Prometida* parece uma ótima escolha. Está de graça na Netflix.

Eu fico cozinhando e escutando Maverick mexer no controle remoto, procurando o clássico icônico. Acabo de preparar a carne e a coloco de lado, cozinhando de forma precisa e metódica e tentando impedir que meu cérebro junte as peças do que sei que é real.

Com certeza deve ser ele. Há muita coisa em comum entre os dois, e eu me sinto conectada com ambos.

Estou cortando tomates no balcão quando ele volta para a cozinha, seu olhar penetrante sobre mim.

— Se importa se eu tomar um banho antes de comermos?

— No meu chuveiro?

— Não, do seu vizinho. Sim, no seu.

— E você vai usar meu sabonete? — Eu o imagino usando minha bucha também, esfregando-a naquele peito magnífico.

Outro sorriso.

— Isso é um problema? Você está preocupada com as pessoas usando suas coisas?

— Não. — Como eu explico que a imagem dele em minha casa com água escorrendo por seu corpo... Eu sacudo a cabeça mentalmente. — Sim, claro que você pode tomar banho. E-eu só... o que você vai vestir?

Ele passa a mão pelo cabelo loiro e coça a mandíbula, que eu noto que adquiriu um pouco de barba. Eu me pergunto como seria a sensação dela entre minhas...

— Eu posso usar uma toalha — diz ele, um brilho de alegria em seus olhos.

— Não.

— Uma de suas camisas? — Seus olhos roçam meu peito.

— Muito pequenas.

Ele dá de ombros.

— Eu sempre posso ficar só pelado. — Eu jogo um pano de prato nele, que o pega no ar. — Uso isso aqui?

— Não, idiota! — Eu solto uma risada. Maverick realmente é impossível. — Espere aqui, acho que tenho alguma coisa.

Eu me viro para ir em direção ao meu quarto e o ouço gritar:

— É melhor não ser uma das camisas de Alex.

Eu rio enquanto pego a roupa que tenho em mente, uma camisa larga com um gato branco usando óculos estampados. Volto para a cozinha, deixo em suas mãos e o empurro em direção ao banheiro. Ele anda para trás, deixando-me guiá-lo, minhas mãos em seus antebraços.

Maverick está no banheiro, e eu estou aqui esperando que ele feche a porta, mas ele não o faz imediatamente. Ele está olhando para mim como se quisesse dizer alguma coisa.

Eu também.

Eu engulo em seco, sentindo-me sem fôlego.

— Eu... eu tenho que te perguntar uma coisa.

— O quê?

Meu peito trava quando nossos olhos se encontram. Eu mordo meu lábio.

— Você é... o He-Man?

Seu queixo sobe, e seus olhos semicerram.

— Droga, Buttercup, há semanas eu espero que você me pergunte isso.

MAVERICK – *OU DEVO DIZER, HE-MAN* – está tomando banho enquanto eu ponho a mesa furiosamente e termino de fazer uma limonada.

Ele está na porra do meu chuveiro... *pelado*.

Verifico o relógio na parede. Parece que ele está lá há milênios, embora na realidade tenha passado apenas quinze minutos. Sentindo-me perturbada pelas imagens que minha mente está evocando, ando pelo corredor e vou bater na porta para avisar que a comida está pronta.

Assim que eu levanto a mão, Han vem atrás de mim e coloca suas patas dianteiras na porta do banheiro, que é claro que não está totalmente fechada, então ela se abre. *Maldito gato.*

Não quero espionar Maverick. Realmente foi apenas um acidente eu ter espiado pela fresta da porta e visto o espelho, que mostra o boxe de vidro do chuveiro... e sua forma nua. Eu engulo em seco ao ver seu peito largo, seus braços grossos enquanto ele esfrega o cabelo, as gotas de água que escorrem pelo peitoral até aquele V deliciosamente tentador, até seu...

Nossos olhos se encontram no espelho, e eu dou um passo para trás, para fora de suas vistas.

Merda.

A água desliga.

Eu limpo a garganta.

— Está tudo pronto — eu digo, projetando minha voz.

Ouço a porta do chuveiro abrir e fechar.

— Você acha que o jantar pode esperar? — ele diz.

Não consigo ver seu rosto, e isso está me matando, então dou um passo à frente para podermos conversar. Antes que eu perceba, meus pés me levaram direto para o banheiro, e não por acidente. Meu corpo sabe o que quer.

— Esperar pelo quê? — pergunto.

Ele está parado na minha frente, e eu pisco rapidamente, meus olhos traidores rastreando uma gota de água rebelde que desce por seu pescoço tenso e passa por seus ombros até suas pernas.

— Buttercup, eu acho que você sabe o quê.

O ar está quente e úmido, atingindo meu rosto quando paro a poucos metros de Maverick. Minhas mãos coçam para tocá-lo, para acariciar essa

perfeição absoluta, esse corpo que foi moldado por anos de esforço e treinamento.

— Delaney — ele diz, e eu ouço o comando em seu tom, a pura confiança de quem sabe que eu o quero.

— Você está pelado — eu digo, olhando para o teto.

— E você não... Por quê?

Eu respiro fundo.

— Delaney. — Seu tom é sedoso. — Olhe para mim.

Eu obedeço, e meu corpo estremece com necessidade acumulada, tomando-o. *Deus*, eu quero ficar pelada. Eu quero me jogar em cima dele e satisfazer esse desejo, mas...

— Eu quero você, Delaney, e isso está me matando lentamente.

Eu inalo rapidamente quando sua mão se move e começa a acariciar seu pau duro. Ele não parece nem um pouco arrependido, pelo contrário, parece estar orgulhoso de si enquanto bombeia da cabeça à base, as palmas das mãos trabalhando sobre a pele aveludada de seu membro duro e longo.

— He-Man tem uma grande espada — eu digo sem fôlego.

— E como. — Ele rola os dedos sobre a cabeça em forma de cogumelo enquanto morde o lábio, *me fazendo* morder o lábio. Sua respiração aumenta à medida que seu peito sobe, e eu estou louca de vontade de ser a única pessoa capaz de fazer esse som sair dele.

O desejo é explícito em seu olhar.

— Isso tudo é para você... *você*.

Ele solta seu membro, e eu choramingo, sentindo falta da visão dele dando prazer a si mesmo. Maverick dá um passo em minha direção e passa as mãos pelo meu cabelo, puxando os grampos que prendem os

coques. Com um toque tão leve, que me faz estremecer, ele passa os dedos pelas laterais do meu pescoço e pelos meus ombros.

— Você está molhado — digo, observando a água escorrer pelo seu peito.

— Você está?

— Sim.

Ele murmura sua aprovação baixinho, e mil pensamentos surgem de uma vez, me dizendo para parar, para não chegar tão perto de outro atleta, mas eu não me importo.

— Isso é loucura — murmuro.

— Uma loucura boa — é sua resposta.

— Provavelmente um erro — acrescento.

— Melhor erro de todos os tempos — diz ele antes de tomar minha boca, seus lábios carnudos e sensuais deslizando sobre os meus, separando-os até que eu afundo neles e me deleito com a sensação de seu corpo contra mim.

Mãos fortes seguram meu rosto enquanto sua língua se emaranha na minha, eu coloco as mãos em cima da dele, então gemo de desejo.

— Delaney — Maverick sussurra em meu ouvido enquanto sua boca explora a curva macia do meu pescoço e do meu pescoço. Ele mordisca minha pele, e eu gemo seu nome.

Com uma destreza que não me surpreende, Maverick tira meu top de treino rosa e meu sutiã esportivo. Ele me apoia contra a parede e me beija, suspirando em minha boca enquanto minhas mãos serpenteiam em torno de seus ombros e se agarram a ele. Seu pau está preso entre nós, me pressionando, e eu remexo meus quadris contra ele.

Sua mão desliza pelo meu peito provocantemente, e sua boca a segue, capturando meu mamilo e me fazendo gemer.

É possível chegar ao orgasmo só com isso?

Por que estou surpresa? É *ele*.

Sua mão se enrola em volta da minha bunda, e minha perna se prende ao redor de seu quadril, precisando de fricção. Com um gemido, Maverick puxa minha calça de ioga para baixo, coloca minha perna de volta ao redor de seus quadris e desliza os dedos por baixo da minha calcinha. Estou grata por ter escolhido uma de renda rosa esta manhã, mas esses pensamentos desaparecem quando seus dedos roçam para frente e para trás, provocando meu clitóris e a entrada do meu centro. Maverick me toca devagar e depois rápido, seus lábios sugando minha clavícula enquanto eu jogo a cabeça para trás e absorvo o ar tão necessário. Seu perfume, fresco do banho, a umidade de sua pele, a pura beleza dele – tudo me deixa tonta.

Minha pélvis se move com ele, enquanto sinto a pele formigar, a energia crescendo e aquecendo minhas entranhas. Fico mole em suas mãos quando Maverick me toca, sua testa pressionada contra a minha.

— Você está encharcada — diz ele, e eu gemo. Eu não posso fazer nada além de estar à sua mercê enquanto ele me manipula. Nossas respirações se misturam, e quando nossos olhos se encontram, eu entro em combustão.

Fogos de artifício explodem quando gozo, meu corpo vibrando contra sua mão, minhas paredes internas reverberando de felicidade. Eu coloco as duas mãos em seus ombros, a fim de me segurar, as réplicas do terremoto fazendo meu corpo tremular contra o dele. Ele observa atentamente, seu olhar penetrante tão aberto, e honesto, e necessitado, que eu o alcanço e o beijo.

— Isso foi... — Eu não sei o que dizer. Incrível parece tão clichê; “maravilhoso” também.

Maverick parece entender que não sei o que dizer e parece tão confuso quanto eu com nossa química explosiva.

— Eu não planejei isso. Eu estava tomando banho e vi você... — Ele engole em seco, seus olhos procurando meu rosto. Seus braços enrolam em volta da minha cintura. — Você quer mais?

Eu sinto seu pau roçando minha calcinha, que agora está de volta ao lugar. Bastaria que ele empurrasse o tecido para o lado e deslizasse para dentro de mim.

— Eu serei a bainha da sua espada — murmuro, e ele me dá um sorriso, em seguida me pega em seus braços.

— Você é doida — diz enquanto eu aponto para o meu quarto em meio a risos.

Maverick nem fica sem fôlego enquanto me carrega, e eu mergulho em sua pele, querendo me enterrar nele.

Ele ri enquanto me coloca na minha cama e me empurra, até que estejamos debaixo das minhas cobertas, cara a cara.

— Você está bem? — ele pergunta.

Faço uma pausa, meu cérebro girando. Tive um momento para pensar entre sair do banheiro e vir para cá, e já não tenho mais tanta certeza.

E é como se Maverick lesse minha mente.

— Eu não sou como ele, Delaney. Eu nunca vou te trair.

Eu engulo em seco.

— Então isso não é apenas uma conexão de momento?

Sua mão na minha cintura me puxa para mais perto.

— É necessário um milhão de conexões para tirar você da minha cabeça.

Meu corpo se enrola ao dele enquanto Maverick me puxa contra seu peito e me beija de novo, mais forte desta vez.

Ele desce pelo meu corpo em um ritmo vagaroso, seus lábios brincando com meus mamilos, os dentes mordiscando a pele.

Já estou gemendo enquanto ele desliza mais para baixo, sua boca encontrando lugares secretos na minha pele, na dobra do meu joelho, no interior da minha coxa. Quando sua língua desliza em meu clitóris, meu corpo se curva e se contrai, e eu estou à beira do precipício mais uma vez.

Sua mão segura meu peito, me mantendo firme no lugar enquanto ele trabalha em mim com a dança de sua boca. Maverick me devora, me dando tudo e sem se conter. Estou ofegante, e ele finalmente recupera o ar. Meu corpo treme, pronto para explodir.

— Maverick. — Provo seu nome em meus lábios, e é tão bom. Minhas mãos o puxam para mais perto ainda de mim, acariciando seu peito e seus quadris, sentindo sua pele. Nós nos beijamos profundamente, e o calor entre a gente é o mais quente que já senti por outra pessoa na vida. Seu pau implora para que eu o pegue em minhas mãos, e eu o faço, correndo meus dedos sobre seu comprimento, provocando levemente a ponta.

— Você tem camisinha? — ele pergunta entre beijos.

Eu aceno em direção à mesa de cabeceira. Ele estende a mão, abre a gaveta e pega uma. Estou impaciente, acariciando-o com as palmas das mãos enquanto Maverick a rasga com os dentes e a desliza no pau.

Ele se posiciona e entra em mim lentamente, aliviando sua espessura dentro da minha entrada e depois saindo, me fazendo gemer.

— Mais — eu digo a ele.

Ele bombeia para dentro, suave e lento, indo quase até o fundo e me deixando louca.

— Por favor — eu imploro.

Ele encosta a testa na minha e me beija enquanto ajusta meus quadris para um ângulo melhor, e então entra com tudo, sua circunferência me preenchendo enquanto se move dentro de mim. De joelhos, ele me pega, forte e rápido, sua respiração ofegante.

— Toda minha, Delaney. — Suas palavras soam quebradas, e dá para ver que Maverick está no clima. Há uma intensidade emanando dele, e ele está olhando para mim como se nunca fosse me deixar ir.

Arqueando as costas, seus dedos esfregam minha boceta, me tocando em um ritmo sincronizado com suas estocadas. E eu me desfaço toda.

Maverick me observa com as pálpebras pesadas, seus olhos devorando cada detalhe do meu orgasmo.

— Isso é o que eu estava esperando, Buttercup.

Com um grito, ele goza também, seu corpo se tensionando e se alongando enquanto o pau endurece dentro de mim, bombeando até extrair a última gota de desejo.

— Droga — diz ele depois de alguns momentos, deitado em cima de mim. Seu peito está arfando, e ele desliza para fora e se deita ao meu lado.

— O quê? — eu pergunto.

— Isso foi... isso foi...

— A melhor de todas? — eu pergunto.

Ele sorri.

— Eu sei que foi para você.

Eu bato nele com um travesseiro, e ele ri, me puxando para seus braços para um abraço.

MAIS TARDE, ESTAMOS ABRAÇADOS E CONVERSANDO no escuro.

— Eu não posso acreditar que você é o He-Man — eu digo, olhando para ele. — Ainda estou processando isso.

Ele sorri para mim.

— Eu sei. Eu ia te contar na festa, mas depois rolou aquilo lá com Alex. — Ele brinca com uma mecha do meu cabelo. — Foi o Ryker quem mandou a primeira mensagem para você.

— Ele sabia quem eu era?

— Ele só sabia que eu encontrei o número de celular de uma garota, da propaganda sobre a aula de salsa que você colocou. Não contei a ele *quem* era porque sabia que ele ficaria preocupado com a coisa toda com Alex. Você deveria ter visto o rosto dele quando eu disse que era Delaney Shaw. Ele surtou.

— Falando em Alex... o que vai acontecer agora?

Maverick olha para mim.

— Alex não tem nada a ver com a gente. — Ele suspira. — Droga, só ouvir você dizer o nome dele já me irrita.

Oh. Eu mordo o lábio.

— Quero dizer, eu sei que tem muita coisa acontecendo com você, e eu não quero estragar o jogo para você... ou para ele.

Mas esse sentimento não vale a pena? Não digo isso, mas penso. Meus sentimentos por Maverick se fundiram com aqueles que desenvolvi através das mensagens que troquei com He-Man, e estou profundamente envolvida, mesmo sabendo que é perigoso para o meu coração.

— Os jogos não começam até o outono. Ele tem tempo para se acostumar com a gente.

Com a gente?

Eu sorrio, e Maverick se inclina para me beijar.

— Pronta para a terceira rodada?

Eu rio.

— Você acha que está pronto para isso?

— Estou pronto para qualquer coisa com você.

Meu coração transborda.

A voz de Taylor Swift cantando “Shake it Off” vem de outra sala. Parece um toque de celular, mas não é meu.

Ele solta um suspiro e esfrega o rosto esculpido.

— Droga.

— Esse é o seu toque?

— Sim, da minha irmã. Eu preciso ir. Esqueci que deveria ir visitá-la hoje.

— Ah, tudo bem.

Ele se levanta, sua cabeça parecendo já estar em outro lugar, e eu também, enquanto pego um roupão atrás da porta do quarto para me vestir. Ele já correu para o banheiro, pegou o short de ginástica e o vestiu.

— Gostaria de não ter que sair correndo, mas vou ficar lá esta noite porque meu pai está trabalhando na oficina de um amigo. — Ele faz uma careta. — É dinheiro extra para eles, então...

Eu fecho meu roupão, seguindo-o pelo corredor.

— Você faz muito isso quando ele sai de casa?

Ele dá de ombros.

— Às vezes, nos finais de semana. Aí a Raven não precisa ficar sozinha.

Como ele consegue ter uma vida?

— Como você faz isso tendo a faculdade e o futebol?

— Na maioria dos dias, eu mal consigo dar conta de mim mesmo. — Uma risada áspera escapa de Maverick enquanto ele rapidamente

verifica sua aparência no espelho do corredor e arruma o cabelo. — Mas, oficialmente, ela começou a morar com meu pai depois da temporada de futebol americano. Se isso tivesse acontecido durante a temporada, eu estaria ferrado. — Ele esfrega a barba por fazer.

— Onde ela estava antes de ficar com seu pai?

Maverick trava a mandíbula, e eu vejo que atingi um ponto sensível.

— Ela estava em uma instituição financiada pelo estado, paga pelo plano de saúde, mas não estávamos felizes com aquela situação. Apareceram nela uns hematomas que ninguém conseguia explicar de onde vieram.

Eu inalo.

— Que horror. O que aconteceu quando você perguntou?

— Nada. É uma merda de lugar, e eu não podia deixá-la lá, então a deixei com meu pai temporariamente, mas ele tem seus problemas para resolver antes.

Uau. É muito para absorver.

Maverick deve ter notado pela minha expressão.

— Não se preocupe comigo. Eu posso lidar com isso.

Eu limpo a garganta.

— Você quer que eu vá com você? Quer dizer, eu não me importo de passar um tempo com vocês. Podemos assistir TV ou jogar um jogo ou algo assim, o que acha?

Ele esfrega a mão nos lábios e considera a opção, uma expressão retorcendo seu rosto enquanto considera o que dizer.

— Talvez na próxima. — Ele me beija nos lábios, a mão em minha bochecha. — Eu te mando uma mensagem, ok?

Eu concordo.

Mas...

Eu sei que ele não me contou tudo.

Há um olhar cauteloso em seu rosto, uma expressão cautelosa que dói em mim.

Pare de se preocupar, Delaney.

Adoraria, mas agora que a diversão acabou, minha cabeça está me lembrando de proteger meu coração.

Se você vai fazer isso com ele, tome cuidado.

Vou para a cozinha embalar a comida.

— Ok, pelo menos leve isso com você. Tenho certeza de que vocês precisam jantar.

Eu me ocupo pegando recipientes para colocar pelo menos metade dos nachos, deixando alguns para mim.

— Delaney... — Sua voz é suave enquanto Maverick olha em volta, vendo a mesa que coloquei enquanto ele estava tomando banho. Piquei tomates e alface e tirei queijo e guacamole da geladeira. Eu até servi em pratos de verdade, quando normalmente só uso os de papel. Eu coro.

— Eu não fiz nada, só uns nachos.

— Você é incrível. — Ele pega os recipientes de comida que eu entrego a ele, me dá uma última olhada, então sai da cozinha e vai embora.

Eu o vejo ir embora, torcendo para cacete que eu não me machuque no futuro.



CAPÍTULO 18

Delaney

*E*stou pronta para a aula de segunda-feira com pelo menos uma hora de antecedência. Parte disso acontece porque eu não dormi bem no fim de semana, pensando em Maverick e Raven e em quanta pressão deve haver em cima dele, mesmo sendo tão jovem e tendo um futuro tão grande pela frente.

Como não o vejo desde sábado, tomo cuidado redobrado com o cabelo, secando-o e alisando-o até ficar uma cortina loura grossa. Ontem à noite, eu cuidadosamente vasculhei meu guarda-roupa e encontrei um suéter lilás justo e uma calça jeans skinny e cinza, que se ajusta bem sobre meu bumbum. Agora, cuidadosamente, estou retocando o batom vermelho.

Vou atrás de um café e encontro Skye sentada em uma das banquetas da ilha, com a cabeça inclinada enquanto inala sua bebida matinal.

— E aí, garota? — digo, e ela apenas resmunga. Skye não é uma pessoa matinal como eu. — Eu fiz biscoitos de chocolate neste fim de

semana, se você quiser — digo a ela enquanto passo ao seu lado para pegar uma caneca do armário. — Receita da vovó.

Ela me dá um pequeno resmungo.

Eu sirvo meu café e coloco uma quantidade saudável de creme francês de baunilha da geladeira.

— Eles são os seus favoritos, certo?

Ela acena com a cabeça, suas mãos segurando a caneca enquanto dá um longo gole.

— Skye? Você está bem?

Ela balança a cabeça.

— Não muito.

Eu suspiro. Deveria ter percebido que algo estava acontecendo quando ela entrou ontem à noite e nem brotou no meu quarto para dizer boa noite. Normalmente ela botaria a cabeça para dentro do meu quarto no domingo, só para que pudéssemos recapitular o fim de semana.

— Você e Tyler brigaram?

Ela levanta a cabeça, e vejo círculos escuros sob seus olhos pela noite insone. Ela faz uma careta.

— Eu sei, estou um cocô. Eu dormi muito mal. Estou surpresa por não ter te acordado, de tanto que me mexi na cama.

Eu já estava inquieta na cama de qualquer forma.

— O que Tyler fez? — questiono.

Ela solta uma risada.

— Engraçado como você já sabe que ele está envolvido no assunto. — Ela suspira. — Nós estávamos na casa do time de beisebol assistindo a um filme com um monte de gente, e ele começou... a ser escrotão e me dar ordens, como se esperasse que eu fosse agir como sua empregada ou algo assim. Ele me pediu para limpar seu quarto e eu o mandei se foder.

Então fui ao banheiro e quando voltei, tinha uma garota estúpida sentada no colo dele.

Meu estômago se contrai. *Que babaca!*

Ela morde o lábio.

— Então eu fiquei chateada, e discutimos, então ele me chutou para fora de casa e me disse para não voltar até que eu estivesse *pronta para me desculpar*. — Ela faz aspas com os dedos.

— Eu sinto muito. — Eu sempre soube que ele era um escroto, mas, é claro, eu não digo nada.

Uma lágrima desce por seu rosto e imediatamente paro ao seu lado e a abraço de lado, enquanto ela se inclina para mim.

— Ei, não chore.

Suas mãos se apertam em torno da caneca de café.

— Eca. Não acredito que passei os últimos meses namorando com ele. Eu faço um carinho em seu braço.

— Quer saber? Vamos planejar nossa viagem de férias de primavera hoje à noite. Ir para a praia sempre te faz se sentir melhor. Vamos nos deitar ao sol e esquecer nossos ex-namorados.

Ela assente, enxugando o rosto.

— Como foi o seu final de semana?

Quase conto a ela sobre Maverick, mas decido esperar.

— Foi ótimo. — Eu entrego a ela o pote de biscoitos e abro a tampa, deixando o cheiro de açúcar e chocolate flutuar ao nosso redor.

Skye solta um longo suspiro.

— Deus, que cheiro bom.

— Quinhentas calorias cada um, mas quem se importa?

Ela pega um e sorri.

MAIS TARDE, CHEGO À AULA E vou até meu lugar no fundo do auditório. Quando nosso professor aparece, mas Maverick não, fico tensa. O professor é inflexível quanto à frequência, e não há desculpa para se perder um teste, a menos que você esteja praticamente hospitalizado. Mas é aquilo: ele é um atleta, e eu sei por experiência própria que eles matam aulas o tempo todo. Ainda assim, essa não é realmente a vibe de Maverick. Aquele homem tem um cérebro junto de todos aqueles músculos.

Então onde ele está?

Eu me sinto estranha quando releio minhas mensagens com He-Man. Tenho uma perspectiva diferente agora que sei que é Maverick. Foi Maverick quem me resgatou do meu encontro às cegas, apareceu no supermercado e me desafiou a dizer o lance sobre ser fodona na biblioteca. Eu mudo o nome dele no meu celular para Mav-Man e envio uma mensagem para ele.

Onde está você? Temos um teste hoje.

Não vou hoje. Te explico mais tarde.

O professor se aproxima de mim para me dar uma pilha de papéis que fazem parte do teste, e eu deslizo meu celular na minha bolsa depois de colocá-lo no modo silencioso.

Seja lá o que Maverick esteja fazendo, espero que esteja tudo bem.



CAPÍTULO 19

Maverick

— Deve haver pelo menos trezentas pessoas neste salão — Ryker murmura ao meu lado na segunda-feira à tarde, examinando a multidão. — E eles são todos uns cuzões riquinhos.

Eu aperto as mãos, sentindo as luvas de couro sem dedos, e me concentro em respirar fundo. Em vez de ir para Waylon hoje, nós dois matamos aula para vir até Tunica, Mississippi, para a luta. Estamos em um ringue, debaixo de um lustre brilhante, dentro de um barco-cassino de propriedade de Leslie.

De pé no meu canto enquanto esperamos, Ryker faz uma careta.

— Este lugar cheira a fumaça de cigarro. Deus, eu odeio cassinos.

Forço uma risada, tentando me livrar do nervosismo dando uns socos no ar e uns saltos.

— Não é a primeira vez que você vem a um?

Ele dá de ombros.

— Não gosto deles mesmo assim. Este lugar é um problema.

E como, mas cá estamos nós.

Eu olho ao redor da sala, observando a multidão de ricos vestindo ternos sob medida e vestidos sob medida. Apenas para passar pela porta, essa multidão precisou da aprovação pessoal de Leslie, bem como investir uns bons mil dólares. O problema é que tenho de *ganhar* para conseguir os cinquenta mil que negocieei.

Meu estômago parece estar cheio de chumbo, e estou fazendo o meu melhor para manter meus olhos longe dos olhares das mulheres e homens que estão me encarando enquanto bebem taças de champanhe.

— Não olhe para eles — Ryker diz com firmeza. Sua boca está contraída em uma linha fina e reta, e seu rosto está mais rígido do que nunca. Ele odeia que eu tenha tomado essa decisão, e não me aprova, mas é o tipo de amigo que não vai sair do meu lado mesmo assim.

— Eu só quero que isso acabe.

Ele gira a cabeça enquanto meu adversário entra no salão por uma porta lateral. É um homem imenso, que entra fazendo um showzinho. Ele tem mais ou menos a minha idade, está acompanhado por duas garotas usando vestidos decotados. Ele para no meio do corredor, deixando os holofotes dançarem sobre seu peito largo enquanto bufa e se pavoneia até o ringue.

Ele é enorme, alguns centímetros mais alto que eu, provavelmente com uns dois metros de altura. Redemoinhos de tatuagens coloridas cobrem quase cada centímetro de sua pele musculosa. Parece ser descendente de polinésios, com um rosto largo e esculpido e uma trança de cabelo comprido. O homem sorri para a multidão, apertando a mão de alguns dos participantes.

Eu ouço uma inalação aguda de Ryker.

— É Kai Willis, o linebacker de Ole Miss? Porra, ele é enorme.

Eu expiro, o chumbo no meu estômago ficando cada vez mais pesado.

— Merda. — Ole Miss é nosso maior rival na SEC e “Killer” Kai é a estrela, então faz sentido que Leslie queira que lutemos.

Ryker balança a cabeça e assobia enquanto seu olhar varre a multidão.

— Que bando de gente doente.

Eu concordo.

— As pessoas se divertem com isso. Eles gostam de ver sangue.

Aquele olhar duro volta ao seu rosto enquanto ele se concentra em mim.

— Sim, mas você está colocando tudo em risco.

Pode ser.

Ryker faz uma careta.

— E por que não há celulares? Por que tivemos que ser revistados antes de entrarmos na sala?

— Leslie está protegendo seus lutadores. Ele me garantiu que isso não chegaria à imprensa.

Ele exala.

— Todo o estado do Mississippi vai despedaçá-lo pedaço por pedaço se ele foder com o menino dos olhos da cidade.

Um músculo flexiona em minha mandíbula. Pois é, sou o menino dos olhos da minha cidade natal, mas não tenho nada além das roupas do corpo.

O rosto de Kai está impassível enquanto ele me estuda do outro lado do ringue. Grande, malvado e ácido, ele é um dos jogadores de sua categoria mais formidáveis do país. Ele se aproxima de nós, com os olhos baixos enquanto observa cada parte do meu físico.

Ele para na minha frente e fica ali parado, uma curva no lábio.

— Nunca vi você sem o equipamento de proteção — ele me diz, um tom astuto em sua voz. — Não estou impressionado.

Eu dou de ombros.

— Vai ficar quando eu chutar teu rabo rumo a Oxford.

Ele joga a cabeça para trás e solta uma risada estrondosa antes de rapidamente ficar sóbrio e me encarar com um olhar frio.

— Você vai voltar para Waylon em um saco de cadáver. Eu tenho feito isso há muito tempo, e você é o garotinho perfeito para mim hoje. — Ele flexiona os braços, dobrando os cotovelos e flexionando os músculos enquanto faz um movimento de pés na minha frente. — Você não vai vencer, menino bonito. Eu vou te matar. — Há um brilho selvagem em seus olhos, e parte de mim acredita que ele quer mesmo fazer isso.

Eu forço um encolher de ombros, entrando no jogo com calma. Ele está tentando me irritar, e eu não posso permitir isso.

— Nós vencemos você no campo este ano, Kai, e eu vou vencer você nesse ringue. — Eu toco em minha cabeça. — Veja, você pode ter esses grandes músculos bombados, mas eu sou mais inteligente.

Ele solta o ar em um gesto zombeteiro, se aproximando mais. Alguém da multidão ofega quando chamamos a atenção.

Eu arqueio uma sobrancelha, sem vacilar.

— Que medo. Agora cai fora e espere a campainha tocar.

Ele solta a risada retumbante de novo, vira-se e se afasta.

Eu o estudo, tentando descobrir quais são seus pontos fortes e fracos. Ele me ganha no tamanho, mas isso pode ser uma vantagem se eu for mais rápido.

Eu me estico e começo a rotina de pequenos socos. Olho Ryker, que está fazendo cara feia.

— Deixa comigo, mamãe Ryker. Só esteja aqui quando eu terminar.

Ele solta uma longa exalação enquanto me analisa, passando a mão no queixo.

— Sempre, cara. Não vou a lugar nenhum até que essa merda acabe.

KAI ESTÁ ME MATANDO.

Eu levo um soco direto na mandíbula e isso me faz cambalear. Caio de bunda no chão e pisco, olhando as luzes competindo com os pássaros que estão voando ao redor da minha cabeça.

Levanta, ouço Ryker dizer.

Eu olho para ele com um olho só, porque o outro está completamente fechado por causa de um golpe que levei no último round. O sangue escorre e nubla minha visão enquanto eu viro o rosto.

Kai está de pé sobre mim e dá um chute direto na minha caixa torácica.

Eu ofego, perdendo o foco. *Porra*. Estou divagando, minha mente divagando porque fui atingido muitas vezes.

Eu levanto e me afasto das pernas enormes de Kai para descansar contra as cordas. Ele se aproxima com as luvas levantadas, o bocal cheio de saliva misturada com sangue. Eu dei alguns bons golpes em seu rosto largo, mas foi como bater contra o concreto.

Seu punho atinge meu quadril, e eu tropeço para trás novamente.

Ryker está gritando comigo do lado de fora, mas não consigo ouvir o que ele está dizendo. A multidão aplaude e balança as mãos, alguns para mim e outros para Kai. Um rock alto soa dos alto-falantes, e todas as luzes estão apagadas, exceto o holofote que se estreita no ringue.

Ofegante enquanto ainda uso o bocal, eu me impulsiono das cordas, me afastando de Kai. *Droga*. Eu preciso de uma porra de um minuto para me recompor.

Raven.

Pineview.

Cinquenta mil dólares.

Eu me alongo brevemente e estalo o pescoço, mal parando antes de correr para ele, meu primeiro golpe acertando seu ombro, não o peito, como eu queria, mas com força suficiente para que ele tropece um pouco. Ele se lança de volta para mim, suas pernas manobrando um chute circular que me atinge direto na lateral.

Ele salta para longe.

— Faixa preta de segundo dan, idiota. Vale tudo nessa luta... Você não sabia disso?

Eu estreito meu olho bom para ele, meus punhos se curvando.

— Gente do Mississippi aprende a lutar de verdade até dormindo. Caratê não vai te ajudar.

Limpo o suor dos meus olhos, endireito-me novamente e olho para ele, procurando brechas em sua armadura. Ele é proficiente no MMA, mas meus pontos fortes são do boxe, e é nisso que eu foco.

Gingando em torno dele, de punhos para cima enquanto corro para o lado, me aproximo e me afasto, provocando-o e saindo de seu alcance. Eu acerto um pequeno uppercut de direita em sua mandíbula, e ele vem para cima de mim com um rápido jab de duas mãos. Eu bloqueio com meus antebraços e devolvo com um uppercut em seu estômago.

Uff. Ele resmunga e se abaixa para recuperar o fôlego, mas logo se levanta.

Em seguida, vem atrás de mim, e desta vez estou pronto antes que ele chute, conseguindo bloqueá-lo com um soco na coxa.

Ele rosna um xingamento e recua, mancando levemente, perdendo sua pose atual, e meu punho dói dentro da luva – foi um belo de um

golpe.

Ele se vira, me olhando. Acha que eu já deveria ter caído.

Forço um sorriso, sabendo que provavelmente pareço maníaco.

Ele vem para cima de mim de novo, com um golpe muito amplo, e eu me abaixo. Ele respira pesadamente enquanto me persegue.

— Para de brincar e acaba com ele! — um dos homens do canto de Kai chama.

— Volte para Ole Miss! — Ryker grita de volta.

Kai corre de cabeça baixa, no modo futebol, e eu me ancorei, esperando. Quando quase me atinge, eu me esquivo como um bom boxeador, e ele erra completamente, cambaleando nas cordas.

Eu corro para cima dele, acertando um soco na parte inferior das costas.

Isso.

Usando meu ombro, eu dou um encontrão no peito dele e o faço cambalear.

Fica no chão, idiota, meu rosto está dizendo a ele.

Mas ele se levanta, com os olhos vidrados.

— Terminou? — provoco.

— Viadinho — ele responde enquanto limpa o sangue do rosto.

— É o seu funeral, então — eu digo e ergo os punhos.

Minhas palavras o estimulam a agir, e ele vem para cima novamente. Acerta um golpe no baço, e eu me afasto para recuperar o fôlego. *Porra.*

— Killer! Killer! Killer — alguns dos fãs de Ole Miss gritam.

É como se ele tivesse trazido sua própria torcida.

Dou uma olhada para Ryker, e ele grita que falta um minuto para o round.

Não tenho certeza se posso durar mais sessenta segundos sem respirar.

Kai avança novamente, e eu dou a volta ao seu redor, esquivando com os pés de propósito. Se não posso derrubá-lo, talvez possa distraí-lo. Eu caminho na direção da multidão que se acumulou no canto de Kai, cruzo meu braço esquerdo em meu cotovelo direito e o puxo para cima – o sinal universal para um “vai se foder”. Uma multidão ruge em aprovação enquanto os fãs de Kai agitam seus punhos para mim. Eu me empurro, forçando meu corpo a se mover como se não estivesse gritando de dor.

Ele vem em minha direção, mais lento do que antes, e eu me endireito e espero. Suspeito que ele vá fazer movimentos de caratê mais extravagantes, e ele o faz, me chutando enquanto seu punho aponta para o meu rosto. Viro meu corpo de lado, e ele erra, a inércia de seu movimento fazendo-o tropeçar. Antes que ele se recupere, eu bato na cabeça dele, que me olha com uma expressão atordoada.

Ele cai como uma pedra rolando de um penhasco.

— Isso! — Ryker grita, e eu olho em volta para Leslie, que aponta para o árbitro que está ao lado. Ele entra e verifica Kai, que nem se mexe. Seu peito está subindo e descendo, então pelo menos eu sei que ele está respirando, não quero que nada sério aconteça com ele.

— Vencedor! — o árbitro grita enquanto levanta a mão.

Eu dou uma volta ao redor do ringue, olhando as pessoas na plateia. Alguns estão torcendo – *obrigado, companheiros e fãs de Waylon* – enquanto alguns parecem mal-humorados e me vão. *Que se dane.*

Essa merda acabou.



CAPÍTULO 20

Delaney

Mav-Man: Saudades de você.

Eu: Eu também estou. Te vejo hoje?

Mav-Man: Não. Vejo você em breve, Buttercup. Apenas... seja paciente e espere por mim.

— Esta rosquinha é a melhor coisa que eu já coloquei na minha boca
— murmuro em reverência na confeitaria no centro estudantil, com Skye. Os livros da nossa próxima aula estão empilhados na mesa onde estivemos estudando. Aqui é um ponto de encontro popular e está lotado de estudantes antes da aula desta terça-feira de manhã.

Ela pega sua rosquinha, que é um troço brilhante cheio de glacê branco e purpurina comestível, enquanto observa Tyler. Sentado a uma mesa a poucos metros de nós com vários jogadores de beisebol, incluindo Bobby Gene – alguém que é obviamente legal demais para ele –, Tyler está nos encarando desde que seu grupo apareceu. Ele mandou algumas mensagens desagradáveis para Skye nos últimos dois dias. Até agora, ela não respondeu, e eu aprovo sua decisão de terminar com ele e seguir em frente.

— Ele está indo embora — digo a ela, o observando pegar seu lixo e jogar fora. — E, caramba, o babaca está vindo para cá.

— Ugh. — Skye limpa os dedos em um guardanapo, seu corpo enrijecendo.

— Você consegue, garota. Seja educada, mas não deixe que ele te humilhe — digo a ela.

Ele chega à nossa mesa, todo alto, pairando sobre nós com uma cara feia. Ele me olha com desdém, em seguida se vira para Skye, uma curva em seu lábio.

— Você não respondeu minhas mensagens. Ainda está putinha comigo, né?

— Você me disse para não voltar até que eu estivesse pronta para me desculpar. — Seu rosto fica vermelho como se lembrasse de como ele a expulsou da casa da fraternidade. — Eu não vou me desculpar. Nunca.

Seus lábios se achatam, seu rosto endurece.

— Tchau, Tyler — eu digo, acenando para ele. — Estamos tentando comer aqui... sozinhas.

Ele me lança um olhar.

— Fica fora disso.

— Vai embora... por favor — Skye diz a ele, seus olhos mais brilhantes que o normal.

Ele pronuncia um insulto – *a temida palavra com P* – deixando-a pálida, e minhas mãos se apertam quando várias cabeças se voltam em nossa direção. Seu comentário foi alto e claro, e agora somos o centro das atenções dentro da loja.

Skye está mordendo o lábio, e eu estou prestes a me levantar e ir embora quando de repente Alex aparece, olhando de cara feia para Tyler.

— O que está acontecendo?

— Ele está xingando Skye e sendo um escroto — eu digo.

— Cara, para com isso — Alex diz a ele. — Qual é o seu problema?

Tyler bufa enquanto observa o rosto tenso de Alex, provavelmente debatendo se vale a pena ou não começar algo. Ele coloca sua mochila no ombro e lança um olhar ardente para Skye.

— Dane-se. Acabou tudo, vagabunda. Espero que esteja feliz.

Nós observamos enquanto ele se afasta, e eu solto um suspiro de alívio.

Meus olhos se voltam para Alex. Ainda estou um pouco irritada com ele por todo o episódio da festa do pessoal do beisebol, mas grata por ele ter vindo em nosso auxílio.

— Obrigada — Skye diz a ele enquanto continua mordendo o lábio. — E-eu não sabia o que dizer. — Ela ergue seu donut meio mordido. — Quer o resto como agradecimento?

— Ahn, eu já tenho um. — Ele mostra sua bolsa de viagem. — Eu estava passando quando ouvi o que ele disse a você. Eu não podia deixar isso barato. — Ele faz uma careta e muda o peso do corpo de um pé para o outro, parecendo constrangido.

Eu limpo a garganta.

— Ele e Skye terminaram no fim de semana.

Alex acena com a cabeça, olhando para ela com pesar.

— Entendo. Já passei por isso. — Seus olhos mostram arrependimento quando encontram os meus. — Ahn, já que eu estou aqui e você está aí... Eu quero que você saiba que eu sinto muito pela festa de beisebol. Eu não deveria ter me metido entre você e Maverick assim.

Eu pisco.

Ele suspira, seu rosto solene enquanto esfrega a nuca.

— Eu estive pensando sobre isso, sobre tudo que houve, e espero que você um dia possa me perdoar por ter te traído.

Oh.

Ele respira fundo.

— E eu não vou te incomodar mais. Nem ao Maverick. Eu não vou ficar no caminho dele.

Isso é bom... bem, exceto que eu nem vi Maverick desde que ficamos. Claro, ele me mandou uma mensagem, mas ainda não me disse por que faltou à aula.

Alex exala.

— Você acha que pode me perdoar?

Eu observo seus ombros caídos, a expressão arrependida em seu rosto enquanto ele me observa ansiosamente.

— Sim — eu digo a ele sinceramente enquanto algo clica no meu coração, e tudo isso me parece ser o certo a se fazer. Não quero que Alex seja infeliz. Tivemos ótimos momentos juntos, e, acima de tudo, sempre fomos amigos. Eu estendo a mão. — Amigos. — Ofereço com um pequeno sorriso.

Ele a pega, e nós selamos um acordo.

NA MANHÃ SEGUINTE, ANTES DA AULA, estou do lado de fora do dormitório de Maverick para ver como ele está. Já mandei uma mensagem perguntando se vai aparecer, mas ele não respondeu. Estou um pouco preocupada, um sentimento ruim paira sobre mim, um que eu não serei capaz de me livrar até que eu o veja.

Dou uma batida rápida na porta e ouço ruídos vindos de dentro do apartamento.

— Quem é? — diz uma voz abafada.

— Delaney Shaw.

A porta se abre, e eu pisco quando vejo a imagem na minha frente.

De cabelo castanho ondulado e despenteado, Ryker foi pego de surpresa com minha visita, se formos considerar a sunguinha de leopardo.

Eu limpo a garganta. *Meu Deus*. Ele é todo peludo, há um tufão de pelos dourados em seu peito.

Ele se encosta no batente da porta e esfrega a barba por fazer, completamente despreocupado, apesar de estar usando nada além de uma sunguinha.

— Bom dia, Ryker.

Ele lança um olhar por cima do ombro antes de voltar para me encarar.

— Mav está dormindo.

— Ele não vai para a aula?

— Ahn... — Ele parece inquieto, claramente não querendo que eu entre.

Mas estou determinada.

— Você fez café? — eu pergunto docemente.

— Por quê?

Eu sorrio e levanto um saco de papel.

— Porque o café ficaria ótimo com esses muffins de chocolate que eu fiz.

Ele respira fundo enquanto eu abro a sacola e mostro a ele o conteúdo, o cheiro apetitoso de açúcar e manteiga flutuando ao redor. Ryker sorri para mim.

— Ele disse que você gosta de cozinhar, e eu não resisto a comida caseira. Entra.

Eu entro, indo direto para a pequena cozinha. Como a suíte do dormitório de Alex, o espaço tem uma pequena cozinha, uma sala, quartos à direita e um banheiro à esquerda.

Ryker enfia os dentes em um muffin enquanto procuro na despensa o que preciso para fazer café.

— Porra, você é incrível — ele murmura enquanto pega um segundo muffin. — Se Maverick não estiver a fim de você, que tal passarmos um tempinho sozinhos? — Ele balança as sobancelhas para mim, claramente brincando e me fazendo balançar a cabeça.

— Maverick *está a fim* dela — diz uma voz rouca atrás de mim enquanto dois braços fortes me envolvem e um nariz encosta no meu pescoço e respira fundo. — Droga, eu senti sua falta.

Meu corpo se derrete todo contra o dele. *Deus... sim*. Isto é o que eu preciso.

Ryker revira os olhos para nós.

— Ok, vocês dois, por favor mantenham a classificação etária aqui livre.

Sentindo-me feliz por ele estar aqui e por estar bem, eu me viro, e de repente meu coração despenca no peito.

Maverick está de pé descalço, de calça de pijama de flanela azul-marinho e uma camiseta branca, e seu olho está tão inchado, que não abre, enquanto a bochecha esquerda está amarela e roxa. Seus braços também estão cheios de hematomas, a maioria nos bíceps.

Por um momento, não consigo respirar. Estou enjoada. Engolindo meu pânico, eu digo:

— O que aconteceu com seu rosto? Você está bem? — Minhas mãos flutuam ao redor dele.

Maverick balança a cabeça.

— Nada com que você precise se preocupar. Já acabou tudo agora.

Quê? Nada para se preocupar? Ele é louco?

— Quem fez isto com você? — Estou assumindo que foi uma luta.

Seu rosto se contrai, seu olhar não encontra o meu.

— Eu briguei com alguém no bar quando fui buscar meu pai neste fim de semana.

Minha testa franze, tentando imaginar.

— Que horrível.

Ryker parece descontente com a resposta de Maverick e solta um suspiro. Maverick faz uma careta de volta para ele, de mandíbula apertada.

Olho de um para o outro.

— O que diabos está acontecendo? Há algo que você não está me contando?

Maverick não responde, apenas caminha rumo ao café. Eu observo enquanto ele levanta o braço para pegar uma xícara do armário, o movimento lento e cuidadoso.

Minha frustração com a falta de detalhes cresce.

— É por isso que você não estava na aula?

Ryker pega outro muffin de chocolate do recipiente e passa ao nosso lado.

— Parece que vocês dois precisam conversar, e eu preciso me vestir.

— Ele passa, me dando um olhar de desculpas. — Boa sorte. — E então vai embora, fechando a porta de seu quarto.

— Que diabos está acontecendo aqui? — pergunto a Maverick, que mistura o creme e se recosta no balcão para tomar um gole de café.

— Acabei de dizer que foi uma briga. Não é nada que eu queira que você se preocupe.

— Eu estou preocupada.

— Por quê? — Seus olhos azuis intensos me estudam.

— Porque você está horrível e temo que esteja ferido.

— Por quê? — Ele dá um longo gole em sua caneca.

Eu levanto as mãos em exasperação.

— Porque eu gosto de você e não quero que coisas ruins aconteçam com você.

Maverick exala alto enquanto coloca seu café na mesa, o movimento o fazendo estremecer. Porque ele é um macho alfa, provavelmente está escondendo um pouco de seu desconforto, então eu sei que está sentindo muita dor. Meus olhos vagam sobre seu corpo, observando a maneira como se move cautelosamente para pegar um dos muffins antes de o morder.

Meus lábios se comprimem.

— Chamou a polícia? Porque você precisa apresentar queixa contra a pessoa que fez isso com você.

— Não. — O silêncio enche a sala, e eu fico parada, me sentindo um pouco como uma intrusa. Estou desapontada e com raiva por ele não se

abrir mais.

Ok, então. Eu inalo bruscamente e pego minha mochila, que larguei no chão ao lado da mesa quando entrei.

Estou na porta quando ouço sua voz.

— Delaney, por favor... não vá.

Eu congelo, meu peito subindo e descendo quando ouço sua súplica. Seu tom é suave, com uma corrente de vulnerabilidade que me faz parar.

Eu ouço um movimento e me viro, vendo Maverick caminhar em minha direção. Seus passos são lentos, sua mandíbula está contraída, seu peito mal se move, como se estivesse se contendo até mesmo para respirar.

— Droga, você está realmente ferido — eu digo, mordendo o lábio enquanto deixo cair minha mochila e caminho até ele.

— Eu não quero que você vá embora. — Ele engole em seco e olha para seus pés.

— Me deixa ver tudo — eu digo, puxando sua camisa e ofegando quando vejo os hematomas em suas costelas. Um roxo longo se estende pelo lado direito, terminando logo acima do quadril. Eu trinco a mandíbula e olho para ele enquanto as lágrimas ardem em meus olhos. Isso não foi só uma briga comum entre dois garotos.

— Maverick? Isto é... isto é...

— Eu estou bem — diz ele suavemente, segurando meu rosto. — Tire essa expressão preocupada do seu rosto. Fui examinado por um amigo, tirei algumas radiografias e nada está quebrado ou fraturado. Eu vou ficar bem e estarei de volta aos treinos em uma semana. O treinador Al e meus professores acham que eu sofri um acidente de carro leve...

Eu entrelaço os dedos com os dele e aperto.

— Você está me assustando. Não vai me contar o que aconteceu?

Ele apoia a testa contra a minha.

— Só confia em mim, ok? Você está com pressa para chegar à aula?

Eu balanço a cabeça enquanto ele sustenta meu olhar.

Maverick me beija levemente nos lábios.

— Que bom. Venha para a cama comigo.

Meu corpo se aquece.

— Você não pode fazer sexo assim... pode?

Ele bufa uma risada, e um sorriso – o primeiro que eu vejo hoje – surge em seu rosto.

— Eu posso fazer sexo mesmo se estiver parcialmente morto, mas agora eu só quero te abraçar.

Há uma carência em seu olhar, e isso faz com que eu me sinta protetora.

Ele me puxa em direção a uma porta, e eu o sigo, entrando em seu quarto. Há um edredom xadrez na cômoda e uma cômoda contra a parede. Seu laptop e livros estão espalhados ao pé da cama, e Maverick resmunga enquanto os transfere para uma cadeira ao lado da porta. Estou ansiosa para oferecer ajuda, mas posso sentir que ele não quer que eu o faça.

Tenho aula de design ao meio-dia, mas sei que não vou conseguir chegar a tempo, principalmente quando ele lentamente tira a camisa. Eu tenho uma visão limpa de seu peito magnífico enquanto a peça desliza sobre seu cabelo e é jogada no chão. Em seguida, suas calças de flanela a encontram. Ele as chuta e fica parado, orgulhoso e todo ferido, e aposto que estou com cara de quem precisa de um ventilador na cara.

— Quer que eu abra uma janela, Buttercup?

Eu sorrio.

Ele me encara com seus olhos penetrantes.

— Tira as roupas. Eu quero sentir sua pele contra a minha. — Há necessidade em seu tom novamente.

Eu tiro meu casaco e o jogo na cadeira. Minha camisa e jeans são os próximos, até que estou de pé só de sutiã de renda preta e calcinha combinando.

Um longo suspiro se faz presente enquanto seus olhos me acariciam.

— Droga.

Movendo-se timidamente, Maverick se deita na cama, se ajeita nos travesseiros e dá um tapinha ao seu lado, uma expressão inquisitiva no rosto.

— É como se eu desejasse que você estivesse aqui, Delaney, e você aparecesse. Obrigado por vir ver se eu estou bem.

Eu engulo em seco. Parte de mim quer falar sobre o que aconteceu, mas, por enquanto, não parece certo. Eu engatinho ao seu lado e me deito, nossos corpos se tocando levemente; não quero machucá-lo. Seus braços se enrolam em volta de mim, e todo o resto desaparece.

Seja lá o que está acontecendo com Maverick, eu vou descobrir mais tarde.



CAPÍTULO 21

Maverick

Delaney dá batidinhas no queixo, refletindo.

— Minha maior implicância com filmes-barra-séries é que Han Solo e Princesa Leia nunca tiveram tempo suficiente de beijos na tela. — Ela olha para mim. — Qual é a sua?

Eu sorrio para ela. Já faz mais de uma semana desde a luta, e a maioria dos hematomas no meu rosto desbotaram para um roxo mais claro. Eu tenho usado óculos escuros e boné por onde vou, e minha história de um pequeno acidente de carro parece ter sido aceita. Eu odeio mentir para todo mundo, mas é necessário.

Estamos sentados no Buffalo Bills depois das aulas de salsa, e Delaney está tentando conhecer o verdadeiro Maverick. Tenho a sensação de que quando se interessa por alguma coisa, ela se dedica a isso com toda a sua energia. Eu me identifico com isso, pois sou assim com o futebol.

Ela está vestindo uma saia vermelha esvoaçante e um suéter azul-claro com um decote em V profundo que se agarra a cada curva. Estou

tentando não olhar para seus seios fartos, mas sou um neandertal e não posso evitar.

Ela acena com a mão na frente do meu rosto.

— Olá, alguém está ouvindo?

— Claro. Continue com suas vinte perguntas — eu digo, provocando.

Ela taca uma de suas batatas fritas em mim.

— Se você não queria fazer isso, era só dizer. Eu pensei que seria uma boa maneira de nos conhecermos.

Eu sorrio.

— Posso pensar em algumas outras maneiras.

Delaney cora furiosamente.

Nós conversamos muito desde aquela manhã no meu dormitório, mas eu ainda não contei a ela os detalhes da luta ou o fato de que estou treinando para a próxima no Carson's Gym todas as noites após o treino de futebol americano.

Eu inclino a cabeça, pensando.

— Ok, minha implicância é quando, em filmes de terror, sempre tem uma pessoa que se afasta do grupo para procurar por algo. É quando você percebe que ela é a próxima a morrer. Por que as pessoas são tão estúpidas?

Ela ri.

— Sim! Por que eles não entram no carro e vão para uma Starbucks? Pelo menos assim não morreriam. — Ela toma um gole de refrigerante, seus lábios vermelhos curvando-se ao redor do canudo. — Qual é a sua cor preferida?

— A cor do seu suéter... Seja lá que cor for essa. — Meu olhar permanece em seus seios.

Ela olha para baixo.

— Sim, você não consegue tirar os olhos daqui. É azul-claro, a propósito.

— Em minha defesa, está bem justo — eu aponto. Minha voz fica baixa. — E você fica gostosa para caralho nele.

Ela revira os olhos.

— Ok, se sua vida fosse um filme, qual seria a trilha sonora?

— O tema de *Star Wars*.

Delaney franze a testa.

— Mas não há letra. Você está dizendo isso para cair nas minhas graças?

Eu arqueio minhas sobrancelhas.

— Eu já caí nas suas graças, e elas são incríveis.

Delaney apenas balança a cabeça e morde o lábio. Eu estive flertando com ela constantemente na última meia hora e realmente só tenho uma coisa na cabeça: ficar sozinho com Delaney. Com todas as aulas, o futebol americano, o boxe e Raven, eu mal tive tempo para ficar com ela.

Eu rio.

— Ok. Minha trilha sonora seria... — Bato as mãos na mesa para um efeito dramático. — *We are the champions*, do Queen. É *old school*, mas é no ponto.

— Por que essa música especificamente?

Eu dou de ombros.

— Sou um garoto de cidade pequena, mas estou avançando na vida, e nunca parei de lutar para alcançar o que desejo. Nada vai me segurar, e eu farei o que for preciso para chegar aonde quero ir. Quero ganhar um campeonato de futebol americano no ano que vem e depois quero ter uma carreira estelar na NFL.

Ela absorve o que eu digo.

— O futebol americano é tudo para você.

Eu concordo.

— Qual seria sua trilha sonora? — pergunto.

— Definitivamente *A beautiful day* do U2. É sobre a vida te dar limões, e você ainda encontrar o lado bom dela. Eu tento fazer isso, especialmente depois que vovó faleceu. Vim para Magnolia e tento viver uma vida da qual ela se orgulharia.

Eu olho para ela, sentindo a emoção crescendo dentro de mim. Como eu, Delaney testemunhou a morte, mas eu nunca estive tão feliz quanto agora, estando com ela, conversando com ela.

Eu volto ao nosso jogo de perguntas.

— Qual é a sua... posição favorita?

Ela empurra os óculos para cima enquanto morde o lábio inferior.

— O que você quer dizer?

Eu me inclino para frente.

— Não seja tímida. Você sabe do que estou falando. — Coloco meu guardanapo na mesa. — A minha é qualquer posição com você. Eu te quero tanto agora, que não consigo me concentrar em mais nada.

Um rubor revelador sobe de seu pescoço até seu lindo rosto.

Deus. Delaney é tudo que eu quero, e passo a maior parte do meu tempo pensando nela.

Mas o pavor me envolve. Estou preocupado que ela venha a descobrir o que estou fazendo e fique desapontada.

Eu tentei um tempo atrás, um tanto debilmente, afastá-la na festa de beisebol, mas assim que a vi chorando na academia porque Han tinha sumido, foi tudo por água abaixo.

Ela brinca com o canudo em sua bebida.

— Ah, eu sei exatamente o que você quis dizer. Eu só queria que a pergunta ficasse clara antes de responder.

— Então...? — Eu a imagino na minha cama, com a cabeça entre suas pernas enquanto ela geme meu nome.

— Minha posição favorita é linebacker, é claro. — Ela dá uma risadinha.

Eu me inclino para frente novamente, minha voz baixa e rouca.

— Acabei de passar a última hora agarrado a você, me esforçando ao máximo para aprender uma dança latina porque gosto de você, e agora você está aí, me provocando.

Ela solta um suspiro trêmulo.

— Você é todo mandão.

— Você gosta disso.

— Eu amo — ela sussurra, o peito arfando. Sua língua aparece e lambe o lábio inferior. — Isso faz sentido?

Calor emana do meu corpo.

— Acontece quando é a pessoa certa.

Seu olhar sustenta o meu.

— Que tal uma pequena provocação? Eu estou com uma saia para que você tenha fácil acesso. O que você vai fazer a respeito disso?

Claramente, ela já passou da fase de ficar nervosa comigo.

Meu pau endurece ainda mais, e eu sufoco um gemido. Olho ao redor do restaurante, minha cabeça girando. Estamos sentados em uma mesa nos fundos, mas definitivamente não é privado, e para o que eu quero, preciso de privacidade. Eu expiro lentamente... e tenho uma ideia.

Eu pego sua mão.

— Eu te desafio a ir até a última cabine do banheiro feminino e esperar por mim.

— Agora? — Ela pisca. — Por quê?

— Você sabe por quê. — Eu seguro seu rosto. — E tire a calcinha ou haverá consequências, Buttercup.

Seu peito sobe e desce rapidamente, a cor em suas bochechas se acentua. Ela pensa por um momento, então se levanta meio trêmula, me dá um último olhar demorado e segue pelo corredor escuro que leva aos banheiros.

Dou-lhe cinco minutos antes de tirar algumas notas de vinte que mais do que cobrem a conta. Eu me levanto, mal consigo andar com a calça jeans apertada, mas consigo chegar até lá sem que ninguém olhe para a barraca armada em minhas calças. Se continuar assim, vou fazer o botão da calça explodir.

Droga. Estou a caminho de me apaixonar por essa garota.



CAPÍTULO 22

Delaney

*P*or que estou em uma cabine de banheiro, você perguntou?

Porque eu desejo Maverick mais do que desejo respirar.

Minha cabeça gira de tanto calor e tensão. Ele é uma montanha-russa, perigosa e emocionante; meu cérebro está me dizendo para sair correndo e me salvar, mas meu coração anseia por ir até o fim para ver se vou sobreviver a isso tudo.

Ouçõ a porta se abrir e o trinco sendo passado. Meu coração bate acelerado. A cabine em que estou está quente, minha pele está quente, e eu vou acabar desmaiando antes que ele...

A porta se abre, e é Maverick.

Uma respiração trêmula me escapa.

Eu respiro seu perfume masculino enquanto ele se aproxima e enlaça os dedos no meu cabelo. Seus ombros largos estão tensos, como se ele estivesse em posição de ataque, como um tigre. Conheço bem esse sentimento. Eu passei a semana toda no limite, o desejando, me

preocupando com ele. Por enquanto, tranco esse sentimento, prometendo a mim mesma que voltarei a pensar no assunto mais tarde.

Maverick não fala, apenas passa os olhos pelo meu rosto antes de descer para meus seios, parando nas minhas pernas. Eu puxo minha calcinha de renda roxa, e ele a tira de mim com um olhar ardente, em seguida enfia-a no bolso da frente de sua calça jeans.

— Boa menina.

Seus olhos se voltam para mim e capturam os meus, e me sinto fraca quando vejo esse desejo todo. Nós nem nos beijamos ainda, e já sinto que vou desmoronar.

Minha respiração escapa entrecortada, enquanto Maverick coloca as mãos nos meus ombros e os acaricia, descendo pelos braços e voltando em seguida. Seus dedos deslizam para a curva da minha cintura e voltam para o meu rosto. Ele é tão gentil, e a emoção em seus olhos... eu suspiro quando vejo. É amor queimando em seu olhar ou é apenas paixão? Eu não sei, mas agora vou aceitar o que ele quiser me dar.

Maverick me beija, devorando minha boca, mordiscando meus lábios e suspirando. Minha mão agarra seu pescoço para puxá-lo para mais perto, enquanto a outra se planta na protuberância dura em suas calças. Minha boca não quer deixá-lo ir, e parece que seu desejo é semelhante.

Ele passa a língua pelo meu pescoço, até a minha clavícula, desliza a mão por baixo do meu suéter e massageia meus seios, os dedos puxando a renda do meu sutiã. Eu jogo a cabeça para trás e sibilo de prazer. Ele me ajuda a tirar os braços do suéter, mas deixa a peça ao redor do meu pescoço. Estou com calor, mas não me importo. Tudo que eu quero é *ele... isso*. Meus mamilos ficam rígidos, e eu mordo o lábio quando Maverick finalmente os libera. Ele geme enquanto segura meus seios nus, sua expressão está cheia de paixão, visceral e primitiva. Ele suga um mamilo, me fazendo suspirar.

— Você é bonita demais para mim — diz ele.

Com o desejo e a luxúria percorrendo minhas veias, tento ser cuidadosa enquanto o ajudo a tirar a camiseta e a jogar por cima da porta da cabine. Embora mais claros, ainda há hematomas em seu corpo, e eu me inclino para beijar cada um. Um sibilo escapa de seus lábios enquanto passo os dedos sobre seus mamilos rosados, brincando com sua pele. Minha boca os encontra, explorando, saboreando-os.

Eu vou descendo, indo desabotoar suas calças e as descendo um pouco. Eu afasto a cueca justa, meus dedos acariciando a cabeça do seu pau. Minha boca toma a frente, saboreando-o do jeito que tenho imaginado fazer a semana toda, e Maverick geme meu nome.

Depois de me dedicar à tarefa, ele enfia os dedos por baixo da minha saia, sente que estou molhada e grunhe enquanto seu dedo desliza para frente e para trás contra o meu centro, me provocando e fazendo eu me contorcer. Estou ofegante, sentindo que vou gozar a qualquer momento.

— Você tem camisinha? — pergunto em um suspiro. *Depressa, depressa* é tudo o que consigo pensar, porque parece que faz um milhão de anos desde o dia em que ficamos juntos.

Maverick me dá um aceno rápido e puxa um pacote do bolso da calça jeans.

Eu o vejo deslizar o preservativo sobre a cabeça bulbosa e em seu membro duro, as veias longas e grossas. Seus olhos se voltam para mim.

Ele puxa meu pescoço para frente e me beija, seu peito encontrando meus seios. Entre beijos, ele sussurra:

— Você é tudo que eu sempre quis.

Com pressa, Maverick me pega no colo como se eu não pesasse nada. Eu o abraço com as pernas, meu centro apoiado em seu abdômen. Estou encharcada e não me importo de perder o controle se for por causa dele.

Seu pênis cutuca minha entrada, se movendo com calma, até que finalmente Maverick grunhe e entra completamente. Nenhum de nós move um músculo por dez segundos, nossos rostos próximos um do outro, minhas mãos agarradas em seus ombros.

— Porra. — Ele fecha os olhos e geme quando eu começo a me mover sobre ele, roçando meus quadris e rebolando.

Ele se vira para que eu fique pressionada contra a parede, em seguida sai de dentro de mim e entra de novo, com toda plenitude, uma sensação à qual me ajusto rapidamente quando Maverick começa os movimentos novamente. Seu ritmo é forte e rápido, e não me canso. Cada vez que o sinto dentro de mim é como se estivesse acontecendo tudo de novo pela primeira vez.

— Mav — digo enquanto ele me observa, absorvendo cada nuance da minha reação. Nunca vou ter o suficiente disso, dele. Maverick está acabando comigo.

Eu viro o rosto para ele, ofegante. Seus lábios beijam meu ombro, respirando com força enquanto meu corpo se aperta ao redor de seu pau.

A sensação cresce, o calor vai aumentando. Arqueando minhas costas, eu absorvo tudo que posso dele enquanto suas mãos seguram meus quadris, entrando cada vez mais forte, até que eu exploda em um milhão de pedaços.

Eu expiro seu nome e me agarro mais a ele enquanto seu pau cresce dentro de mim. Maverick atinge seu limite e diz meu nome.

Sua boca encontra a minha e me beija, suas mãos ainda me segurando enquanto ele entra mais uma vez e estremece.

Sinto-me flexível, molinha, como um gato que acabou de ser alimentado com uma grande tigela de leite e agora só quer se aquecer ao sol.

Então me lembro de onde estou: no banheiro do Buffalo Bills.

Ele me solta com cuidado.

— Eu não acredito que acabamos de fazer isso — eu digo enquanto me desvencilho, pisando no chão.

Cambaleio quando ajesto minhas roupas, observando com o canto do olho enquanto ele se livra do preservativo e fecha o zíper das calças. Entrego sua camisa, e Maverick termina de se vestir, me olhando, pensativo.

— O quê? — pergunto, me virando para ele. Eu sei que devo estar toda descabelada, parecendo uma maluca.

— Nada, só estou... feliz.

A emoção bloqueia minha garganta. Estamos indo tão rápido nisso, mas não consigo impedir. *Não posso*. Eu o quero. Talvez eu o ame. Minhas mãos tremem quando passo por ele para abrir a cabine e sair rumo à pia, onde abro a torneira e passo água fria em meus pulsos. Não sei por que faço isso, mas minha avó costumava fazer o mesmo quando ficava nervosa. Parece apropriado.

Ele pega minhas mãos e entrelaça nossos dedos.

— Então, vamos para a sua casa ou para a minha?

— Você não disse que ia malhar hoje?!

— Eu vou, mas eu quero te abraçar esta noite. Eu quero acordar e te ver ao meu lado.

Eu sorrio.

— Para a minha.



CAPÍTULO 23

Delaney

Mav-Man: Você recebeu o presente que deixei na sua varanda?

Eu: Você se refere ao bicho de pelúcia com roupa de Jedi? Não sabia que tinha sido você.

Mav-Man: Que mentira. Quem mais te compraria gatos de pelúcia? Eu vou fazer você pagar por esse comentário mais tarde.

Eu: Mal posso esperar. BJS

Eu tomo um gole de uma taça de vinho tinto enquanto me sento em frente a Maverick no Giardina's Italian Grill, um restaurante a poucos

quarteirões do campus. Com iluminação suave, um teto coberto de heras e uma coleção de arte retratando cenas de Veneza nas paredes cor de âmbar, é um lugar pitoresco e popular para encontros noturnos – que é o que estamos fazendo hoje à noite. Fica cheio aos sábados, e estou feliz que Maverick tenha ligado com antecedência para reservar uma mesa para quatro. Cruzo as pernas debaixo da mesa e as descruzo, nervosa por conhecer seu pai e ver Raven novamente.

Ele bate os dedos na mesa, nervoso, talvez porque o pai e a irmã estão oficialmente dez minutos atrasados. Ele continua olhando para o celular, verificando a hora e vendo se ela mandou mensagem para ele.

Eu o observo, vendo o queixo esculpido, os ângulos retos de seu nariz e sua testa. É final de março, e seu cabelo cresceu; ele o usa afastado do rosto, as pontas presas atrás das orelhas. Uma camisa de botão azul-claro com os punhos arregaçados faz par com uma calça jeans que define os músculos tensos de suas coxas. Ele tem um perfume inebriante, todo amadeirado e picante, depois de tomar banho na minha casa. Mesmo que Maverick fique ótimo vestido um pouco mais formalmente, meu visual favorito nele é o short de ginástica, uma regata e um boné de beisebol cobrindo os olhos.

— Você está linda — ele me diz, olhando meu vestido preto com gola Peter Pan. As lapelas são de um branco austero com pequenas pérolas que costurei sozinha. Ele estende a mão e acaricia meu pescoço com um dedo, terminando no meu colarinho, que ele puxa em sua direção e me beija levemente nos lábios. — Concordo com a Skye: você deveria pensar em seguir carreira em moda quando se formar.

Eu sorrio. Eu amo quão bonita e talentosa ele pensa que eu sou.

— Pode ser. Não tenho certeza do que farei depois disso, talvez pós-graduação.

— Onde? — Há uma linha de preocupação em sua testa, e eu me pergunto se é porque ele não quer que eu vá para longe dele, por causa da NFL.

Eu estudo o linho branco da toalha de mesa.

— Não tenho certeza, talvez em algum lugar na Carolina do Norte.

O que não digo é que realmente não sei, porque quero saber para onde ele vai no próximo ano. Suspiro quando sinto uma pontada de medo. Maverick é... ele é tudo em que eu penso. O que eu senti por Alex nem se compara a isso.

De repente, seu celular apita com uma mensagem de texto, e ele se afasta para ler.

Seu rosto se contrai.

— O que houve? — Apenas alguns dias atrás, um clube de strip ligou por causa de seu pai, e Maverick foi buscá-lo e o levou de volta para a casa deles, onde passou o resto da noite. Ele não pôde ir embora até que a enfermeira chegasse para ficar com Raven.

Maverick exala, seus olhos ainda lendo a mensagem.

— É a Ravena. Meu pai ainda não voltou do trabalho e não atende o celular. A enfermeira está pronta para ir, mas não quer deixá-la sozinha. Ela foi bater na casa ao lado, para ver se o vizinho está em casa. — Ele olha para mim. — Ele deveria ter chegado há uma hora. — Maverick verifica o relógio.

— Você não pode ligar para a oficina?

Ele faz uma careta.

— Eles já fecharam. Meu pai provavelmente está em um bar. — A incerteza surge em seu rosto, e ele olha ao redor do ambiente como se procurasse por respostas. Ele me contou um monte de coisas sobre como

é crescer com um pai alcoólatra que raramente se mantém em um emprego estável.

Maverick olha seu celular e liga para alguns números diferentes, a fim de perguntar se seu pai está lá, mantendo a voz baixa.

Eu pego na sua mão.

— Nós podemos simplesmente ir até ela. Dessa forma, você não ficará preocupado, e ela não ficará chateada, e você vai poder descobrir o que houve com seu pai mais tarde.

Ele olha para cima.

— Você não se importa?

— Claro que não. Ela é sua irmã. — Faço uma pausa, vendo pela intensidade de seu olhar o quanto isso é importante para ele. — Eu sempre quis uma irmã, então uma irmã sua é automaticamente minha amiga — eu asseguro a ele.

— A viagem vai levar uma hora se formos buscá-la e depois voltarmos – e ela *vai* querer voltar, porque este é seu lugar favorito. Você disse antes que estava morrendo de fome... — Maverick procura no meu rosto um indício de que meu otimismo vacilaria.

Não há indício algum.

Eu sorrio.

— Eventualmente, você vai descobrir que eu sou bem de boas. Eu posso ser um pouco nerd, mas isso não significa que eu seja maníaca por controle e que espere que tudo aconteça de uma forma específica. — Pego minha bolsa e meu casaco do encosto da cadeira e percebo que Maverick ainda não se mexeu, há um olhar hesitante em seu rosto. — Algum problema?

Ele se levanta e pega meu braço em um movimento rápido, como se não quisesse responder à minha pergunta. Ele deixa mais dinheiro do

que precisaria para pagar minha taça de vinho e acena com a cabeça para a garçonete que nos trouxe nossas bebidas. Ele explica que vamos embora, mas voltaremos mais tarde. A jovem, uma jovem adolescente, obviamente fã do Maverick, nos diz que garante uma mesa para quando voltarmos.

— O que houve? — pergunto enquanto nos encaminhamos para a saída.

Ele exala.

— A coisa é... você não sabe onde eu cresci. Não é grandes coisas.

— Você não tem que se desculpar por suas origens. Suas circunstâncias humildes fizeram de você quem você é. — Eu aperto sua mão. — E você é uma das pessoas mais honestas e trabalhadoras que eu conheço.

— Eu não sou honesto.

Quê? Eu olho para ele.

— Sim, você é.

Maverick desvia o olhar, e acho que vi remorso em seu rosto, mas não consigo saber o motivo desse sentimento.

— Você realmente me stalkeou desde o primeiro ano... É verdade. — Dou-lhe um leve tapa no ombro, tentando mudar seu humor.

Ele balança a cabeça e me dá um breve sorriso, parecendo voltar ao seu humor normal.

— Sim, e você sempre sonhou comigo, mesmo quando não estávamos juntos. Você me observou em campo em todos os jogos em casa e se perguntou como seria se houvesse algo entre a gente. Você pode não admitir, porque estava saindo com Alex, mas eu sei que sim.

— Como diabos você consegue dar conta desse seu ego gigante? Ah, é verdade: você não dá conta.

Ele puxa meu cabelo.

— Admita: você me quer desde o momento em que te beijei na fogueira.

— Não.

— Você quer, sim.

— Ok, tudo bem. Eu não posso negar algumas fantasias — murmuro.

— Há uma em particular em que você está com uma roupa de Han Solo no meu jardim, segurando uma caixa de som estilo anos oitenta, tentando me cortejar.

— Eu tenho um sabre de luz?

Eu sorrio, balançando as sobrancelhas.

— Ah, sim, um grande.

Ele ri, e eu apoio a cabeça em seu ombro enquanto saímos do restaurante, ciente de que vários pares de olhos estão nos observando. Alguns fãs obstinados até erguem os celulares e tiram fotos. Um menino, de cerca de oito anos, está sentado na área de espera com sua família e vem correndo, gritando o nome de Maverick. Ele lhe entrega um guardanapo para ganhar um autógrafo, e Mav gentilmente autografa antes de dobrá-lo e colocá-lo no bolso da camisa do garoto.

Quando estamos quase chegando à caminhonete, o celular de Maverick toca, ele dá uma olhada, vê quem está ligando e para de andar.

— É seu pai?

Ele balança a cabeça, seu rosto endurece.

— Não, mas eu preciso atender. — Ele me entrega as chaves. — Pode ir, entra na caminhonete. Chego lá em um minuto.

Olho para o celular tocando em sua mão e a expressão feia em seu rosto.

— Ryker? — pressiono.

— Não. Apenas espere por mim, por favor. — Suas palavras são decididas, e meu corpo enrijece. Eu quero perguntar o que diabos está acontecendo, mas Maverick mal nota que estou aqui, porque sua atenção inteira está voltada para o celular. Eu o observo se afastar de mim para atender a chamada, andando por vários metros antes de atender, sua voz soa abafada.

O que ele está escondendo de mim?

Eu entro na caminhonete, mas me viro para observá-lo enquanto ele anda de um lado para o outro, sua linguagem corporal mostrando tensão enquanto ouve atentamente.

Por que ele está sendo evasivo? Talvez seja Raven. Talvez tenha algo a ver com os hematomas dele ou o fato de estar sempre ocupado. Eu mordo o lábio enquanto a preocupação me dói a barriga. Estou depositando minha confiança em alguém que só vai me decepcionar? E se esses doces momentos com Maverick forem apenas pedaços fugidios do paraíso que vão evaporar a qualquer momento?

E se... ele partir meu coração?



CAPÍTULO 24

Maverick

*N*a segunda-feira, acordo cansado e exausto no meu dormitório. Depois de malhar no ringue no Carson's por duas horas na noite passada, acabei indo para o trailer para fazer o jantar de Raven e depois fiquei por perto enquanto ela tomava banho e ia para a cama.

Papai estava lá, e ainda estou bravo com ele por não ter comparecido ao jantar que planejei para que ele conhecesse Delaney. Não sei por que pensei que era uma boa ideia um jantar com todo mundo. Acho que há uma pequena parte de mim que ainda tem esperanças de que ele se comporte como um pai normal. Acontece que ele foi a um bar depois do trabalho para tomar algumas bebidas e perdeu a noção do tempo. *Imaginei*. Delaney e eu acabamos pegando Raven e jantamos com ela no Giardina's, quando a trouxemos para casa, papai já estava desmaiado na cama — mais uma prova de que Pineview é uma ótima ideia.

Depois do banho, saio do banheiro, e Muffin está sentada no sofá, usando só calcinha e uma das camisas de Ryker. Um olhar superficial ao

redor da sala me diz que sua porta está fechada, e eu acho que ele ainda está dormindo.

Ela me olha furtivamente enquanto coloca algo atrás das costas, e eu a estudo mais atentamente. Talvez fosse o celular. *Que seja*. Não há muito para roubar aqui, então eu ignoro, e não quero fazer muitas perguntas a ela porque pode passar a ideia de que estou interessado.

Murmuro um cumprimento enquanto passo, ignorando suas pernas apoiadas na mesinha de centro. Ela é uma garota astuta, que tem planos bem definidos, e estou desapontado por Ryker ainda estar a fim dela. Para mim, está claro que ela ainda quer ficar com o Alex, se formos considerar a forma como ficou indo atrás dele na festa.

Vou até a cozinha para preparar uma bebida proteica antes da aula.

— Então, você está com Delaney agora? — ela pergunta, a voz anasalada ecoando na sala.

Eu dou a ela um balançar de cabeça rápido.

— Estamos saindo.

Seus lábios se curvam, seu desgosto é óbvio.

— Eu não sei o que todo mundo vê nela. Primeiro Alex, e agora você... Ela deve ser incrível na cama.

Meu nariz arde. Tudo o que ela diz me incomoda, e tenho certeza de que o sentimento é mútuo.

— Eu não falo sobre minha vida pessoal.

Uma risada lhe escapa.

— Oh, você ficaria surpreso com o que eu sei sobre sua vida pessoal.

Eu fico imóvel, meus olhos em seu rosto, tentando entender a expressão bajuladora que vejo.

— Isso deveria significar alguma coisa?

Ela dá de ombros, com um olhar duro voltado em minha direção.

— Eu não gosto de enigmas, Muffin. — *E eu não gosto de você.*

— Sem enigmas aqui, apenas o fato de que todos te amam e você é o melhor jogador de todos os tempos... certo? — Dizendo isso, ela se levanta, ruma de volta ao quarto de Ryker e fecha a porta.

— AONDE VOCÊ ESTÁ INDO? EU pensei que já tinha acabado o treino de hoje — Delaney pergunta enquanto estou ligando a máquina de lavar louça em sua casa. Ryker e eu viemos para cá depois da aula, e ela e Skye fizeram lasanha para todos. Como agradecimento, Ryker e eu limpamos a cozinha.

Ela está de pé ao meu lado, seu olhar fixo.

Eu dou de ombros.

— Nós vamos treinar um pouco com pesos. — Cada palavra dita é uma mentira que pesa no meu estômago, mas não posso dizer a verdade: vou me encontrar com Leslie no Carson's hoje à noite para acertar os detalhes da próxima luta. Foi ele quem me ligou quando estávamos saindo do Giardina's.

Eu quero confiar nela, mas se eu for pego lutando, quanto menos Delaney souber, melhor, e, caramba, é difícil admitir que virei um trapaceiro quebrando as regras.

— Eu fiz biscoitos — ela me diz, um tanto quanto azeda. — Pena que você não vai poder comer.

Han está se enroscando em suas pernas, e eu me abaixo para fazer um carinho nele, somente para que eu não tenha de olhar nos olhos dela. Eu sou um idiota.

— Guarda uns para mim, eu como amanhã.

— Você vem para cá mais tarde?

— Não, eu tenho um teste amanhã. — Eu me levanto e roço os lábios nos dela. — Obrigado pela refeição. Foi incrível como sempre.

Sinto o peso de seus olhos em mim enquanto vou pegar minha bolsa de ginástica, e mais culpa se instala em mim. Além de Raven, ela é a pessoa mais importante da minha vida, e eu não estou dando a Delaney o que ela merece.

Depois de agradecer pelo jantar, Ryker me segue pela porta da frente.

Ele começa com as broncas assim que entramos na caminhonete. Mais cedo eu contei a ele sobre Leslie ter me ligado, e ele passou a tarde toda furioso.

— Você não pode fazer outra luta. Eu não vou deixar — ele murmura quando dou partida na caminhonete.

Eu expiro.

— Só mais uma, e vou poder pagar pelo Pineview por um ano inteiro. Se eu conseguir mais uma luta agora, antes que comece o futebol americano no outono, não terei que lutar de novo. — Eu lanço um rápido olhar para Ryker enquanto ele olha pela janela, claramente irritado. — Olha, pense em Raven, isso tudo é por ela. Meu pai é um merda, cara. Ele não pode cuidar dela, e eu mal estou dando conta de administrar tudo com a faculdade e o futebol americano. Além disso, eu já paguei o depósito. Raven se muda dia 1º de maio.

Saber que ela estará feliz e segura... isso faz tudo valer a pena.

— A menos que você seja pego — ele murmura, passando a mão pelo cabelo. — Aí você não vai poder jogar na liga profissional.

— Nada foi dito sobre a última luta, e ninguém vai descobrir sobre esta.

— Boatos se espalham, Mav. Algum dia isso vai voltar para você.

— Você contou para alguém? — Minha cabeça se lembra de Martha-Muffin em nosso dormitório e como ela agiu estranhamente.

— Não, claro que não. — Suas palavras saem de forma ríspida.

Minhas mãos apertam o volante.

— Se você tem algo a dizer, fala logo.

Ele exala alto.

— Você contou a Delaney o que está fazendo? Porque ela não vai lidar bem com isso.

— Não se mete comigo e com a Delaney.

— Viu, você sabe que eu estou certo. Você não foi honesto com ela, com ninguém, nem mesmo com a Raven.

Cerro os dentes.

— Aonde você quer chegar?

Ele balança as mãos no ar.

— Raven tem uma lesão cerebral traumática, e você está por aí sendo espancado. Da última vez, você quase fraturou uma costela.

Eu dou de ombros.

— É o mesmo que estar em campo.

— No campo, você tem um capacete e proteções.

Eu balanço a cabeça.

— Eu poderia quebrar o pescoço no campo de futebol e nunca mais andar. Eu poderia morrer em um acidente de carro como minha mãe. Eu poderia atravessar a rua e ser atropelado por um carro. Eu não posso viver minha vida baseado em um monte de hipóteses. Tudo o que sei é o que tenho que fazer agora, que é cuidar da minha irmãzinha. Ninguém mais vai fazer isso. Nem meu pai, nem o estado, somente *eu*.

Nós dois ficamos quietos por um momento.

— Você não sabe como foi crescer como eu cresci — acrescento. — Consegui um emprego aos treze anos, cortava a grama do campo de futebol da escola. Quando eu tinha dezesseis anos, além de jogar futebol americano, ajudei meu pai com a limpeza da Carson's Gym. Trabalhei minha vida inteira, e agora tenho a chance de realmente sustentar Raven.

Ryker olha pela janela.

— Cara, deixa isso pra lá — eu digo. — Só seja meu amigo.

Ele dá de ombros.

— Eu só... tenho um mau pressentimento.

— Talvez seja porque você está saindo com a Muffin.

Ele projeta a mandíbula.

— E daí?

Eu suspiro.

— Só estou te avisando para tomar cuidado. Tem poucas semanas que ela estava toda eriçada por causa do Alex.

Ele coça a nuca.

— É um lance totalmente casual.

— Que bom.

ENTRAMOS NO GINÁSIO E APRECIAMOS OS arredores. São sete da noite, mas o lugar está cheio. Os vestiários ficam à esquerda, e eu vou até lá para enfaixar minhas mãos, colocar um short e calçar os calçados de cano alto de boxe, que Leslie me deu depois da última luta. Acho que também posso fazer sparring enquanto estou aqui.

Ryker vai até os aparelhos de pesos.

Saio do vestiário e vejo que Leslie entrou no prédio e está no escritório principal conversando com Carson, o proprietário. Vestido com um terno

que destoa do ginásio fedorento, ele me dá um aceno por trás dos vidros panorâmicos

Balanço a cabeça e vou nessa direção, e assim que entro na sala, Leslie gesticula para Carson nos deixar, o que me deixa aliviado. Tenho certeza de que Carson sabe o que está acontecendo, e não duvido que ele esteja envolvido nisso, mas prefiro falar com Leslie a sós.

Leslie gesticula para que eu me sente, mas eu recuso. Eu não gosto dele. Ele é um cara sebooso que está se aproveitando do fato de eu precisar de dinheiro. Isso me faz pensar sobre os outros jogadores e suas razões para trabalhar para ele. Nenhum jogador de futebol americano com um bom histórico faria isso *apenas* pelo dinheiro; é muito perigoso.

— Vou ficar de pé, obrigado. — Eu cruzo os braços. Eu quero que ele saiba que não pertencço a ele. — Você disse que tinha algumas notícias sobre a luta — eu digo.

Ele me estuda com um sorriso cheio de dentes pequenos em uma boca grande.

— Sim. Mesmos termos de antes. Seu oponente nocauteou todos antes do segundo round. Você está disposto a isso? — Seus olhos redondos me observam, um arco surge em sua sobrançelha enquanto ele nota o shape que eu consegui construir nas últimas semanas. Além disso, me curei completamente dos ferimentos e sinto que estou no auge da minha forma física.

— Quem é esse cara? — Uma lista grande de nomes passa pela minha cabeça, principalmente atletas da Southeastern Conference, já que são os que eu conheço melhor.

— Ele é um garoto do Alabama, e os fãs estão ansiosos pelo confronto. Todo mundo só fala nisso.

Todo mundo: seu pequeno círculo de fãs ricos raivosos.

Meus lábios se apertam em uma linha fina. O Alabama é o melhor time do país – este ano. Eles nos derrotaram em um jogo apertado do Rose Bowl no ano passado, nos eliminando do campeonato nacional.

Um músculo se flexiona em minha mandíbula, e eu dou a ele um aceno de cabeça.

— Combinado. Me diga quando.

— Vou fazer os arranjos finais e te ligo. — Ele estende a mão para mim. Há anéis ostensivos em quase todos os dedos, mas cerro os dentes e aperto sua mão.

Com o canto do olho, vejo um flash de movimento fora do escritório, e me viro para ver Muffin nos observando, um olhar petulante em seu rosto.

Eu estreito os olhos para ela, que se vira e corre em direção à porta, mas não antes de eu ver que ela estava com o celular.

Ryker disse a ela que estávamos vindo aqui? Isso não faz sentido, não levando em conta que vim encontrar Leslie aqui.

Passando por ele, saio do escritório, meus olhos vasculhando o ginásio em busca de Ryker, que encontro nos fundos, sentado em um voador.

Tudo parece estar bem, mas eu sei que algo não está certo. Eu sigo Muffin enquanto ela se dirige para o saguão, com sua bolsa pendurada no ombro.

Eu chamo seu nome, mas ela sai pela porta da frente, caminhando a passos decididos.

Eu saio do prédio e a vejo quase correndo para seu pequeno Mercedes conversível.

Apressando meu passo, eu a pego antes que ela o destrave.

— Ei, eu não sabia que você trabalhava aqui. — Não é incomum que os alunos venham até aqui, mas eu nunca tinha visto Muffin pela área. — O que tá pegando?

— Sim, bem, eu me inscrevi em uma aula de CrossFit. O único horário disponível é muito tarde. — Ela está remexendo na bolsa, ainda com as chaves na mão. — Eu pensei que seria uma ótima ideia, já que Ryker vive aqui.

Meu estômago afunda. Ele deve ter mencionado que costuma vir aqui. *Droga*. Eu não preciso de Muffin me farejando e me vendo treinar no ringue. Quer dizer, não tem nada de mais treinar boxe, mas ainda assim... eu quero cobrir meus rastros.

— Ah, você o viu? Ele estava no voador.

Ela pisca.

— Ahn, não... mas eu vi você no escritório de Carson.

Meus olhos se estreitam.

— É mesmo? Hm.

— Sim, é mesmo — diz ela secamente, me dando um sorriso de escárnio.

— Você está meio esquisita, Muffin. Tudo bem?

Com um suspiro agravado, ela olha para mim.

— Por que tantas perguntas, Maverick?

Dou uma olhada no celular que ela ainda está segurando ao seu lado e aponto com a cabeça para ele.

— Você tirou uma foto minha?

Ela pisca.

— E se eu tiver tirado? Algum problema? Você tem algo a esconder?

Uma cara feia faz minhas sobrancelhas descenderem sobre os olhos.

— Não.

Ela ri.

— Na verdade, eu tirei, de você e do cara gordo de terno. Aquelas paredes de vidro são incríveis, deu para ver tudo.

Eu endureço.

— Não se meta na minha vida, Muffin. Foca só no Ryker. — Minha voz é dura e direta.

Ela se eriça toda e abre a porta do carro, me dando um olhar astuto enquanto encosta no veículo.

— Você está me ameaçando?

Eu dou um passo para trás, de mãos para cima.

— Não. Só estou perguntando por que você tirou uma foto minha com um homem que não conhece.

Ela arqueia a sobrancelha.

— Existem maneiras de descobrir quem ele é. Já ouviu falar de pesquisa reversa de imagens no Google? Além disso, perguntei a Carson e ele me disse que seu nome era Leslie Brock. Adivinha quem vou procurar quando chegar em casa?

Estou perplexo só de imaginar em por qual motivo ela se importaria tanto.

A ansiedade me consome, imaginando-a tagarelando pelo campus sobre quem é Leslie. Eu sei exatamente o que ela vai descobrir se fuçar o suficiente: ele é dono de cassinos.

— Não comece algo que você não sabe nada — eu digo com firmeza.

Uma expressão insinuante paira sobre seu rosto.

— Apenas um aviso, Ryker deixa o celular largado toda hora. Acabei de tirar fotos de algumas mensagens que você mandou para ele e que apareceram na tela de bloqueio, mensagens sobre lutas em Tunica e um

homem chamado Leslie. Então, eis que pergunto a Carson com quem você estava, e ele diz que estava com o *Leslie*. Não é inteligente vir se encontrar com seu agente de apostas estando tão perto de casa.

Porra. Eu mal consigo respirar.

Eu dou uma risada.

— Ele não é meu agente de apostas.

Ela está pensando errado, mas perigosamente perto da verdade...

— Aham, tá. Você está metido com apostas.

— Não é o que você está pensando — eu digo. — Nunca fiz esse tipo de aposta. — Há muito mais que eu quero dizer a ela, adoraria falar muita merda para ela, mas estou apavorado.

— Que seja. Você vai dizer qualquer coisa para se proteger. — Ela finalmente consegue entrar em seu carro. — A gente se vê — diz enquanto bate a porta e liga o motor.

Eu me afasto quando ela sai da vaga e vai embora.

Tudo parece errado.

Eu esfrego o rosto e volto para a academia. Eu preciso encontrar Ryker e descobrir o que diabos está acontecendo.



CAPÍTULO 25

Delaney

É a última noite de quinta-feira antes das férias de primavera, e a biblioteca está às moscas, com exceção dos estudantes obstinados que não pretendem largar tudo para fazer uma viagem de fim de semana.

São sete horas, então tenho mais duas horas antes de sair e ir para minha casa, onde devo encontrar Maverick.

Ouçoo vozes vindas da frente e olho por cima da mesa em que estou trabalhando, esperando ver minha colega de trabalho, que está trabalhando no andar térreo, mas vejo Martha-Muffin e uma de suas amigas da fraternidade.

Ela me vê e muda sua trajetória, indo até a mesa. Está praticamente só com um short branco e uma blusa de renda que mal cobre os seios.

Eu expiro.

— Reunião da Mensa hoje? Por favor, não quero interromper vocês. Escolha uma mesa, qualquer mesa. — *Contanto que fique longe, muito longe de mim.*

— Você se acha tão inteligente. — Ela balança a cabeça. — Tudo pode simplesmente desmoronar ao seu redor.

Eu arqueio as sobrancelhas.

— *Okaaay*. Eu deveria estar com medo?

— Você estaria se você soubesse o que eu sei — diz ela, torcendo os lábios.

Eu suspiro, sem paciência para suas travessuras. Eu só quero sair daqui e encontrar com Maverick.

— A menos que você esteja aqui para procurar um livro, o que eu duvido muito que seja o caso, ou precise de ajuda para encontrar um livro, o que eu também duvido muito, vou te deixar sozinha com seus comentários ridiculamente vagos e fazer algo produtivo com meu tempo.

Eu contorno a beirada do balcão, meu objetivo é ficar o mais longe possível da toxicidade, mas ouço sua voz atrás de mim cantarolando:

— Eu sei algo que você não sabe.

Eu ajusto meus óculos no rosto e me viro.

— Eu já sei que você dormiu com meu ex. Acabou e pronto. Eu segui em frente.

Ela ri, mas não é um som agradável, e agora o grupo de caras no canto nos encara abertamente.

— É sobre Maverick.

Ela está te zoando, digo a mim mesma, mas parte de mim – o meu lado inseguro – quer saber exatamente o que ela quer dizer. Minhas velhas ansiedades acordam, me lembrando que Alex me traiu e me dizendo que talvez Maverick também tenha feito isso.

— Vai se foder, *Martha*.

Ela recua, surpresa.

— Olha, você tem garrinhas. Eu estava começando a me perguntar se

isso seria possível.

Eu viro para trás e sigo na direção de um corredor.

Sua frase final me segue:

— Pergunte para ele por que está treinando tanto na Carson's Gym. Pergunte a ele quem é Leslie.

Leslie? É alguma menina que ele está encontrando na academia? Ele tem me dito que estava indo treinar no prédio do futebol americano...

Mas eu lembro de tê-lo visto na Carson's semanas atrás, quando Han estava perdido.

Subo as escadas de dois em dois, seus comentários me incomodando, me perfurando por dentro. Eu tento ignorá-los e guardá-los em um canto da minha mente, mas quando meu celular toca avisando que chegou uma mensagem de Maverick e eu leio, a incerteza me puxa ainda mais.

Se importa se eu desmarcar hoje à noite? Tem uma grande disputa vindo aí, e eu preciso descansar.

Ok.

Tudo bem aí?

Eu respondo:

Sim

Depois a excluo.

Não estou bem, nem um pouco, e preciso de tempo para pensar. Eu não respondo, em vez disso, apenas guardo o celular no bolso.



CAPÍTULO 26

Delaney

No dia seguinte, Ryker abre a porta, desta vez um pouco mais vestido. Faz sentido, já que é tarde e as aulas já passaram, mas em um dormitório com atletas, nunca se sabe. Estou aqui para metralhar esse cara em busca de informações, e não me importo de usar comida para conseguir o que quero.

— Mav não está aqui. Já foi para a academia.

Solto um suspiro.

— Ele está na Carson's com *Leslie*?

Ryker empalidece – só um pouquinho – e sei que estou no caminho certo.

— Ele pode estar na Carson's, mas eu não sei quem é *Leslie*.

Meu coração dói quando noto sua mentira óbvia, mas eu dou de ombros, fingindo que está tudo bem.

— Eu sei que ele não está aqui. Ele me mandou uma mensagem esta manhã e disse que tinha coisas para fazer. — Ele tem estado muito

ocupado para ficar comigo nos últimos dias, e meus nervos estão à flor da pele. Parece que tudo o que tínhamos está lentamente se esvaindo, e não há nada que eu possa fazer para impedir que isso aconteça.

Ryker balança a cabeça, assentindo.

— Então por que você está aqui?

Eu tiro uma torta de noz-pecã da minha Tupperware.

— Eu fiz torta, e me lembro de você ter mencionado que noz-pecã é seu sabor preferido. Achei que podia deixar aqui com você.

— Cara, você é a melhor. — Ele abre mais a porta, e eu entro, indo para a cozinha. — Foi um dia todo cagado, e eu realmente preciso disso.

— Ah, é? O que houve? — Normalmente Ryker sempre está sorrindo, mas agora que estou notando, há círculos escuros sob seus olhos e seu cabelo está todo despenteado, como se ele tivesse toda hora passando a mão nos fios.

Seus lábios se apertam.

— Problemas com garotas. — Problemas com *muffins*, sem dúvida, mas fico quieta e aguardo.

— Vou cortar um pedaço — eu digo enquanto abro uma gaveta para pegar uma espátula. Infelizmente, esses caras são primitivos, então me contento com uma faca de manteiga. Eu corto a crosta dourada, lançando um olhar para ele por cima do ombro.

— Claro. — Seus olhos estão focados no prato, e eu sorrio com seu interesse.

— A propósito, esta receita é da minha vó, e está sendo passada na minha família por gerações. Ganhou uma fita azul em uma feira na Carolina do Norte.

Ele se aproxima.

— Incrível, mas por que você está *me trazendo* torta? Não deveria ser para o Mav?

— Pensei que poderíamos conversar. Quer que eu faça um café para acompanhar? Ou um chá gelado?

— Acho que minha mãe deixou alguns pacotes de Lipton aqui na última vez que trouxe compras, e tem açúcar na despensa. Só que eu não tenho máquina de chá gelado. Podemos usar uma panela?

— Claro. — Concordo com a cabeça, e Ryker me ajuda a fazer o chá, imediatamente ligando o fogão. Há um pouco de animação em seus passos, provavelmente empolgação com a torta. Ele enche a panela com água e eu arrumo tudo enquanto ele pega uma jarra. Quer dizer, eu realmente não quero chá, mas estou nervosa e preciso de algo para manter minhas mãos ocupadas, porque me sinto culpada por vir metralhar o amigo de Maverick com perguntas. Eu expiro. Estou desesperada e só quero que Ryker me assegure que está tudo bem.

— Vamos conversar enquanto o chá fica pronto, pode ser?

— Claro. — Ele dá de ombros.

Coloquei a torta no centro da mesa e cortei em seis fatias grandes, a prata esterlina da faca cortando as nozes cristalizadas e passando pelo recheio cremoso.

— Então a receita é um grande segredo?

— Vovó achou que era. Às vezes, acho que é uma pena não contar a ninguém, porque sou a única pessoa no mundo que a conhece, e não tenho família para transmitir.

— Você não está perdendo muito. Família pode ser um verdadeiro pé no saco. Talvez você tenha uma casa cheia de crianças algum dia.

Espero que sim.

— Ou um bando de gatos.

O silêncio se instala entre nós enquanto esperamos que o chá fique pronto, noto o olhar pensativo no rosto de Ryker.

Estou tentando descobrir como fazer as perguntas certas sobre Maverick quando ele fala primeiro.

— Você *não* veio aqui *só* para me trazer esta torta, veio?

Eu me sinto corar.

— Não.

Ele dá uma risada rouca.

— Você veio me perguntar sobre Maverick e sobre por que ele está tão... estranho ultimamente, certo? — Seus olhos focam no doce espalhado pelo prato. — A torta é um suborno.

Ele diz isso de maneira cômica, e eu sorrio um pouco, embora esteja preocupada.

— Basicamente.

Ryker suspira, mas não acho que esteja chateado comigo.

Meu estômago se revira, e eu começo.

— A verdade é que... Muffin veio me ver na biblioteca ontem à noite e falou algo sobre Maverick encontrar alguém chamado Leslie. Ele está me traindo?

Ele balança a cabeça.

— Não. Deus, não, Maverick não faria isso. Leslie é um cara, um cara bem desagradável.

Sento-me, tonta de alívio. Eu estava tão focada na ideia da traição...

Ele passa a mão pelo cabelo, franzindo os lábios como se estivesse imerso em pensamentos.

— Mas você está escondendo algo — eu digo. — Do que Muffin estava falando sobre Maverick?

Ryker passa a mão no rosto.

— Essa coisa com a Muffin... merda, é culpa minha. Aparentemente, uma noite ela pegou meu celular enquanto eu dormia e leu um monte de mensagens de Maverick. Estavam todas na tela de bloqueio, mas ela leu e ainda tirou fotos do que apareceu sobre um cassino e a pessoa chamada Leslie. Ela é louca. Ela seguiu Maverick até a Carson's e tirou uma foto dele com o cara.

Ele diz algumas outras coisas, principalmente sobre como ele está chateado com Muffin e como tentou ligar para ela, mas Muffin não está respondendo. Entretanto tudo que eu consigo focar é na parte do cassino.

Meu coração cai.

— Ele está envolvido com jogatina?

Ele me estuda e franze a testa, me dando um olhar pesaroso.

— Não, e eu já falei demais. Só fiz isso porque sei que você se importa com Maverick, e se tem alguém que pode conversar com ele sobre o assunto, esse alguém é você. Você vai ter que perguntar para ele o resto da história.

Eu mordo o lábio inferior, tentando juntar as peças desse quebra-cabeças. Ryker tem razão, se eu quiser saber a verdade, terei de confrontar Maverick.

Ele solta um suspiro enquanto seus olhos voltam para o prato na sua frente.

— Você ainda vai me deixar comer isso? — O garfo já está em sua mão, e há um enorme pedaço da crosta da torta e do recheio de noz-pecã na altura de sua boca.

— Come logo essa droga de torta.

— Graças a Deus. — Ele enfia o pedaço enorme na boca e geme tão alto, que eu coro. Assim que engole, ele estende a mão por cima da mesa

e dá um aperto na minha mão. — Não desista dele. Vai lá e conversa com ele.



CAPÍTULO 27

Maverick

*E*stou encostado na parede dos chuveiros da academia, deixando a água quente escorrer pelo meu corpo. Eu tenho me esforçado ao máximo esta semana, me preparando para a luta e para nosso primeiro treino em campo amanhã. Haverá olheiros da NFL assistindo, e só de pensar em tudo o que tenho em jogo, minha adrenalina aumenta.

Eu penso em Muffin e no que ela poderia fazer com aquelas mensagens que fotografou. Ela tem apenas conjecturas, mas é totalmente maluca, gente totalmente maluca pode causar muito estrago.

Estou me secando quando ouço o barulho de uma porta em algum lugar do prédio. *Droga*. Eu pensei que Carson tinha trancado tudo antes de sair, mas obviamente deixou a tarefa para mim, já que fico aqui até mais tarde.

Ainda úmido, visto meu short de ginástica, em seguida saio pela porta e vou para o ginásio escuro. As luzes estão apagadas, a única iluminação vem do escritório de Carson, que ele sempre deixa aceso.

— Maverick?

Meus ombros relaxam de alívio — é Delaney.

Meus olhos a percorrem, devorando-a. Ela está vestindo calças de ioga cinza e uma camisa que diz *“Sinto muito pelo que eu disse quando estava com fome”*. Seu cabelo está preso com um nó lateral, e mechas de cabelo loiro que escaparam caem por sua bochecha.

Eu expiro. Porra, ela é linda, mas não deveria estar aqui.

— O que você está fazendo aqui? Já passa das onze.

Ela olha ao redor do ginásio deserto, seu olhar parando no ringue de boxe. Ela ajusta os óculos no rosto.

— Muffin veio me ver na biblioteca ontem à noite, e eu fui atrás do Ryker hoje. Ele não me contou tudo, então estou só juntando as informações. Não tenho certeza do que pensar, e estou aqui para descobrir o que diabos está acontecendo com você.

— Ok. — Eu engulo em seco enquanto meu corpo inteiro fica tenso. Meu peito parece conter um pedaço de gelo.

— Quem é Leslie e o que ele tem a ver com um cassino?

Porra. Meu pulso acelera, o pavor preenche minhas entranhas quando percebo que a única pessoa que eu não queria que soubesse o que estou fazendo está prestes a descobrir que sou um mentiroso. Respiro fundo rapidamente, tentando me recompor.

— Deixa só eu me vestir primeiro. — Peço antes de me virar rumo ao vestiário, tentando manter a calma. Ela me segue, e eu vasculho minha bolsa de ginástica, meus olhos evitando os dela.

— É assim que você quer fazer isso aqui? Ficando em silêncio? — Eu olho para cima, suas mãos estão nos quadris, seus seios esticando o tecido da camisa.

Eu visto uma camisa do Waylon e enfio meus pés em chinelos Adidas.

— Eu só não queria te envolver. Quanto menos eu falar, melhor. —
Minha voz é suave.

Ela fecha as mãos nas laterais do corpo em punhos.

— Você tem mentido para mim há semanas. Eu pensei que nós...
tínhamos algo verdadeiro. — Ela engole em seco, buscando respostas em
minha expressão facial. — Não temos?

— Não sei. Não é hora de me perguntar sobre isso, Delaney. Dói dizer
as palavras, mas estou reagindo por instinto. Eu preciso afastá-la e me
concentrar apenas no jogo de amanhã.

Ela endurece.

— Quem é você?

Eu esfrego o rosto.

— Olha, minha vida... está uma loucura agora, e eu não quero que
você fique presa no meu atoleiro de merda.

— E isso envolve esse tal de Leslie? — Sua voz treme, e eu a conheço
bem o suficiente para saber que está à beira das lágrimas.

— Sim.

— O que é? Ele é tipo um mafioso ou algo assim? Você deve dinheiro
a ele?

Afasto o cabelo do meu rosto, puxando as pontas. *Foda-se, apenas diga
a ela.*

— Não, estou participando de lutas em Tunica, fui contratado por ele.
Ele é dono de alguns cassinos. Muffin pensa que estou envolvido com
jogos de azar, mas não é isso.

Ela respira rapidamente, parecendo subitamente fraca. Delaney se
senta em um dos bancos.

— Estou apenas lutando. Eu entro no ringue, faço algumas rodadas e
recebo uma taxa fixa se eu ganhar. É isso.

Ela exala uma respiração trêmula enquanto as engrenagens em sua cabeça funcionam.

— É por isso que estava todo arrebitado naquele dia?

Eu concordo.

Ela balança a cabeça.

— Mas você não pode receber dinheiro de ninguém, não se você quiser jogar futebol.

Uma calma sinistra toma conta de mim.

— Eu sei.

— Por quê? — Ela se levanta e caminha até mim, suas mãos tremulando como se Delaney fosse um pássaro engaiolado que precisa escapar, mas não sabe onde fica a saída.

Fecho os olhos e respiro fundo.

— Eu lutei por Raven, para pagar a taxa do Pineview.

Ela pisca, absorvendo a informação.

— Eu não sabia que é você quem pagava por tudo lá. Eu pensei que o estado ou o plano de saúde pagassem.

— Não. — Meus ombros murcham quando sinto o peso de todas as minhas decisões. — Sinto muito por mentir para você. Tenho vindo aqui para treinar o máximo que posso. Eu queria te manter fora disso caso a imprensa descobrisse.

Ela me encara, absorvendo as informações.

Pego minha bolsa de ginástica.

— Eu preciso ir. O jogo-treino é amanhã, e eu tenho que estar descansado. Está tarde. Vejo você mais tarde?

A dor surge em seu rosto, e seus olhos brilham.

— É sério?

Eu concordo.

— Os olheiros da NFL vão estar lá. Eu preciso de algum espaço, ok?

Ela concorda com a cabeça, a dor nítida em seus olhos, que vasculham o ambiente.

— Certo. Dá para ver o que é mais importante para você. — Ela passa por mim e sai pela porta.

Parte de mim quer chamá-la, para que ela possa só... me ajudar com essa loucura, mas a outra parte sabe que preciso manter distância. Preciso me concentrar no que virá amanhã e em tudo o mais que possa vir em seguida.



CAPÍTULO 28

Maverick

No dia seguinte, rumo ao campo a fim de me preparar para o jogo. Fiquei acordado até tarde pensando em Delaney, e estou exausto. Pelo menos Eminem está berrando no rádio, e isso me dá energia. A letra explode nos meus ouvidos, enquanto sigo a batida batendo no volante. A música parece profética. Os olheiros da NFL estarão sentados nas arquibancadas, tendo uma visão próxima de mim enquanto eu gerencio a defesa, e o que quer que aconteça definitivamente definirá o tom para o próximo ano.

Entro no estacionamento e vou até o vestiário. A maioria dos caras ainda não chegou, eles provavelmente vão demorar uma hora para chegar. Gosto de chegar mais cedo, me vestir e me preparar mentalmente para o jogo. Todo jogador hardcore tem algumas peculiaridades no dia do jogo, e a minha é passar as mãos pela grama antes que qualquer outro jogador pisar nela. Ryker gosta de dizer a todo mundo que na verdade eu como a grama, mas isso é mentira. Ainda assim, deixo para lá, eles que pensem que sou maluco. Quanto a Ryker... Ele normalmente é

esbofeteado por um dos assistentes de treinamento enquanto eu seguro suas mãos atrás das costas. Diz que aumenta a adrenalina.

O treinador Alvarez sai de seu escritório e me encontra no corredor. Alguns centímetros mais baixo do que eu, com uma cabeça careca e olhos azuis brilhantes que não perdem nada, ele é um homem atarracado que está na casa dos quarenta. Ex-jogador da WU, ele vive e respira futebol americano. Seu rosto fica sombrio a maior parte do tempo, como se o peso do mundo estivesse em seus ombros, mas hoje há um pouco mais de tensão nos cantos de sua boca do que o normal. Conhecido por seus palavrões e sua voz retumbante, ele assusta a maioria das pessoas, e ninguém quer pisar no seu calo. Ele pode te dar uma coça mais rápido que um quarterback em campo.

Eu aceno para ele.

— Treinador. Estou indo para o vestiário.

— Meu escritório primeiro, Monroe. — Ele projeta o queixo na direção de sua porta.

Meu primeiro pensamento é *Merda, ele sabe*, e uma onda de pavor toma conta de mim. Ele tem sido sempre gentil comigo, um bom treinador, que viu imediatamente que eu não tinha nenhuma figura paterna; no primeiro ano, ele fez questão de sempre garantir que eu estivesse bem.

Meu segundo pensamento é que ele quer me passar um sermão motivador. Ele sabe o quanto estou me agarrando ao fato de que os olheiros estão interessados em mim, especialmente porque me mantive no time. Eles querem ver se consigo ser maior que o hype ao meu redor.

Eu sigo seu corpo largo até seu escritório. Caixas de equipamentos, capacetes e proteções estão empilhados contra as paredes, e um quadro branco e um projetor ao fundo estão cercados por várias mesas e

cadeiras. Esta é a sede do treinador, onde os assistentes se reúnem para decidir como vamos jogar. Ele se inclina contra sua mesa.

— Feche a porta.

Eu a fecho o mais silenciosamente que posso, sentindo os nervos à flor da pele.

— Sente-se.

Sua voz é rígida, como sempre.

Seus olhos perfuram os meus, há uma expressão de desgosto profunda em seu rosto, fazendo seu queixo se projetar, quase encostando no peito. Um momento de dez segundos se passa enquanto uma miríade de emoções passa por seu rosto, daquelas que eu não consigo compreender... não quero compreender.

Minhas mãos estão trêmulas quando eu as aperto na minha frente.

— Senhor? Está tudo bem?

— Não, Monroe, está tudo uma merda. — Sua voz é mortalmente quieta.

É aí que sei que vai ser uma merda essa conversa. Ele não gritou, e isso é ainda pior do que se tivesse feito.

— Eu quero saber por que diabos recebi uma ligação do diretor de esportes esta manhã sobre uma denúncia anônima de que você está de alguma forma envolvido em jogos de azar.

Não é apenas meu rosto que empalidece, é todo o meu corpo. Sinto minha pele esfriar. Umedeço os lábios.

— Eu não sei nada sobre isso, senhor.

— Não brinque comigo, filho. Você tem se envolvido com jogatinas?

Estou tonto.

Eu digo a verdade.

— Senhor, eu não estou envolvido com isso. Eu nunca apostaria meu dinheiro em jogos de azar de qualquer tipo. Vencer neste time significa tudo para mim.

Ele aperta os olhos para mim, um olhar enrugado em seu rosto, como se ele tivesse provado algo azedo.

— Então de onde diabos essa informação veio?

— Uma garota, treinador. Ela acha que sabe algo sobre mim, e não sabe merda nenhuma. — Eu agarro a borda da minha cadeira. Parte de mim quer contar tudo a ele...

Conte para ele, minha voz interior grita enquanto a náusea toma conta de mim. Desabafe parte da culpa que você tem carregado.

Mas... eu não poderia mais jogar em seu time se o fizesse.

— Filho, você tem certeza de que está me contando tudo? O diretor diz que eu deveria interrogá-lo, mas se não tiver nada acontecendo, eu deixo você jogar hoje. É um dia importante para caralho.

Eu sinto o peso de seu olhar, e isso faz meu coração disparar.

O que eu fiz é errado para caralho.

Eu deveria largar o futebol americano, arranjar um emprego para sustentar a mim e a Raven. Eu posso viver no trailer com ela e cuidar dela. Eu posso conseguir um emprego.

Eu expiro. Não quero mais me prender a isso.

— A verdade é q...

— Al! — grita o treinador do quarterback na porta, e seus olhos vão de mim para o meu treinador. — Oh, desculpe. Estou interrompendo alguma coisa?

O treinador Al sai de sua mesa, estende a mão e me ajuda a levantar.

— Nós terminamos por aqui?

— Ahn...

Ele me dá um aceno de cabeça e um empurrão em direção à porta.

— Saia daqui, vista-se e entre em campo. Eu quero você lá fora brilhando hoje para os olheiros, não importa o que aconteça. Você me disse tudo o que eu preciso saber. Entendeu?

Seu olhar passa por mim, me dispensando, enquanto se vira para falar com o treinador do quarterback, mas há uma dúvida em seu olhar. Percebo que ele provavelmente sabe que pode haver alguma verdade no que foi denunciado, mas ele não *quer* saber. Se ele souber, se torna cúmplice. Se ele não souber, posso jogar hoje – e tenho de jogar hoje.

Talvez eu esteja interpretando demais as coisas.

Talvez eu esteja sendo só muito paranoico.

Talvez eu esteja apenas todo fodido.

Imagino como seriam as coisas se eu não tivesse o futebol americano, e sinto vontade de fugir para o mais longe possível do treinador.

Eu não posso dizer a ele.

Dou-lhe um breve aceno de cabeça e saio porta afora.



CAPÍTULO 29

Delaney

Skye, Raven e eu passamos pela multidão para chegar à seção de assentos reservada para os membros da família dos jogadores. Eu disse a Maverick semanas atrás que me certificaria de que Raven pudesse assistir ao jogo, e é isso que estou fazendo.

Eu penso em Maverick e sinto um nó na garganta quando me lembro da nossa conversa na noite passada. Ainda sinto que não consigo respirar. Estou preocupada com ele, mas também estou com raiva.

Eu forço um sorriso, tentando fazer uma expressão corajosa.

Com uma rápida olhada nos assentos próximos, encontro um grupo de seis homens, todos vestidos com ternos que parecem um pouco elegantes demais para o Mississippi rural. Eles estão sentados na primeira fila na linha de cinquenta jardas, e vários dos treinadores de Waylon estão apertando suas mãos – devem ser os olheiros. Eu faço uma oração para que Maverick seja bem-sucedido.

A equipe de Waylon foi dividida em dois times, vermelho e azul, e o vencedor ganha vantagens dentro do time por um ano, além de uma festa hoje à noite em sua homenagem.

Maverick e Ryker estão ambos no time vermelho, e quando o nome e as estatísticas de Maverick são anunciados, Raven se levanta e bate palmas furiosamente. Eu me levanto com ela e torcemos por ele.

Mesmo que meu coração doa, meus olhos não se cansam de olhar para Maverick enquanto ele entra em campo.

Skye revira os olhos, mas fica de pé mesmo assim.

— Eu realmente não vejo o motivo de toda essa algazarra. — Seus olhos vagam sobre os jogadores enquanto eles se alinham no campo, parecendo demorar um pouco em Alex. — Acho que gosto de homens mais esguios...

— Futebol... americano... dita... regras... — diz Raven, e eu sorrio enquanto como minha pipoca.

Skye ri.

— Olha só, se você não é seu irmão cuspidor e escarrador?

Raven vira a cabeça para Skye.

— Que... nojento.

— Ela quis dizer que você é parecida com ele, inteligente e atrevida — acrescento.

Raven sorri, seus grandes olhos encontrando os meus.

Eu balanço a cabeça.

Raven se inclina sobre os joelhos, apoiando o queixo, de olho na equipe enquanto eles se alinham. Maverick grita palavras de encorajamento, e quando o time azul pega a bola, seu time entra em movimento e ataca o quarterback.

Mais duas jogadas, em cada uma o time vermelho interrompe a descida antes que o azul consiga bater as dez jardas necessárias.

— Ele é... bom — Raven murmura enquanto enfia um punhado de balinhas na boca.

— É o melhor — eu digo, observando aqueles ombros seguros e confiantes. Ele é o ponto focal de todos os olhos nas arquibancadas.

— Ele... merece... o melhor — ela acrescenta lentamente, e eu olho para ela com interesse, notando o tom calmo de sua voz.

— Claro que sim. Você também.

Ela aperta os olhos para o sol que está batendo em nós. O mês de abril no Mississippi pode ser úmido ou gelado, dependendo do humor de Deus, e hoje ele deve estar feliz, porque está fazendo um lindo dia de 20 graus.

— Eu... sei... que... o que... ele está... fazendo... é... errado. — Suas mãos apertam a caixa de Skittles.

Eu paro de mastigar minha pipoca. *Raven sabe de alguma coisa?*

— O que ele está fazendo de errado?

Um olhar pensativo cruza seu rosto.

— Ouvi... uma... ligação... em... casa.

— Sobre o quê?

— Lutas... com... jogadores... no... cassino.

Os olhos de Skye se arregalaram, e ela deixa o celular no colo, com uma expressão confusa no rosto.

— Não, cassino é um lugar onde as pessoas vão jogar...

Eu limpo a garganta, cortando-a. Eu não disse nada para ela sobre o assunto.

— Não há nenhum cassino aqui e nenhuma luta, eu juro. — Skye acena com a cabeça, em seguida volta a atenção para o jogo, e eu pego a mão de Raven. — Não se preocupe com Maverick, ok?

Ela balança a cabeça, e eu me viro para vê-lo correr para fora do campo.

Eu mantenho os olhos no jogo, mas estou aérea. Tenho certeza de que Raven vai guardar segredo, mas Martha-Muffin será um problema. Quanto tempo temos até que ela conte a alguém? Quanto tempo temos antes que a merda atinja o ventilador?

O JOGO ACABOU, E EU O espero perto da entrada do vestiário, do lado de fora do túnel, na end zone. Maverick vem correndo, vestindo uma calça e uma camisa azul de botão, com os punhos arregaçados, obviamente pronto para encontrar com os olheiros no *meet and greet* e, em seguida, ir para a festa na casa do diretor.

Ele para na frente de dois garotos pedindo autógrafos. Os dois estão aqui comigo há meia hora. Skye e Raven foram na frente, e eu não pretendo ficar por muito tempo. Resolvi dizer o que é necessário ser dito, e assim que botar tudo para fora, acabou.

— Parabéns pela vitória e pelo ótimo jogo — digo quando ele se aproxima de mim, parando a poucos metros.

Maverick passa a mão pelo cabelo.

— É, eu joguei bem.

Eu dou uma risada com sua avaliação honesta. Não há arrogância em Maverick quando se trata de suas habilidades. Ele procura por Ravena.

— Não se preocupe, elas estão me esperando. Vamos comer pizza.

Ele concorda.

— Obrigado por hoje. Ela realmente queria vir, e meu pai... bem, você sabe como é.

— Sim. Vou me certificar de que ela chegue bem em casa.

— Obrigado. Eu agradeço muito.

Eu balanço a cabeça, minhas emoções me assolando, bloqueando minha garganta. Eu engulo em seco.

— Eu também queria te dizer que eu... acho que não devemos nos ver por um tempo. Você não está sendo sincero comigo, há semanas não vem sendo. Além disso, eu nem tenho certeza de seus sentimentos quanto a mim, e se você não pode falar comigo ou me dizer o que está acontecendo, então há algo de errado aqui. — Eu respiro fundo. — Precisamos dar um tempo. — Pronto, eu disse as palavras duras, e me viro para sair antes que as lágrimas que estão transbordando em meus olhos caiam.

— Delaney, espere! — ele chama enquanto eu ando apressadamente pelo campo. Ele pega minha mão e me vira. — Sinto muito — diz ele suavemente. — Por fazer você passar por isso, por Muffin ter ido atrás de você, por mentir sobre os ferimentos...

Eu mordo o lábio, incapaz de impedir minha confissão:

— Por me fazer me apaixonar por você?

— Delaney? — Sua voz está trêmula, e Maverick engole em seco. — É verdade?

Deus, sim. Eu o amo. Talvez eu tenha me apaixonado no momento em que ele admitiu que era o He-Man. Maverick tomou conta de todo o meu corpo. Ele é a luz, o sol que eu quero orbitar.

Mas eu cometo erros quando se trata de amor, sempre.

Desta vez, dói muito mais do que quando Alex me traiu.

Se Maverick se importasse comigo, teria me dito que também me ama, em vez de ficar parado, com um olhar incerto no rosto.

— Eu sempre me apaixono pelo cara errado. — Eu aperto as mãos, tentando me controlar.

Ele esfrega o rosto.

— Delaney, eu sinto muito.

Ele sente muito?

Eu fecho os olhos quando entendo as palavras que ele omite, com a forma como Maverick não está se comprometendo conosco.

— Eu entendo tudo o que você *não está* dizendo, Maverick. Tudo.

— Deixa só eu cuidar desse lance com a Raven, aí eu volto para ficar com você.

Eu suspiro. Eu quero acreditar nele, mas, ainda assim, não é suficiente.

— O que quer que você esteja fazendo, esse lance de lutas, você precisa parar. É errado. — Eu balanço a cabeça. — Quando as pessoas se gostam, elas dão seu jeito. Podemos resolver a situação de Raven juntos.

Uma voz masculina chama o nome de Maverick do túnel, e eu desvio o olhar e vejo um homem acenando para que ele se aproxime.

— Olha, eu tenho que ir. Posso passar na sua casa mais tarde?

Eu arrasto meus pés no chão, e seus olhos me observam com um olhar desesperado, mas não tenho certeza se ele realmente está em conflito. Eu não sei se eu *valho a pena* para Maverick... não como ele vale para mim.

— Estou indo para a Cidade do Panamá hoje à noite com Skye, para as férias de primavera.

— Que rápido — diz ele, um músculo flexionando em sua mandíbula. — Você vai embora e vai me deixar aqui.

— Você queria espaço, agora você o tem — é a minha resposta,

lembrando as palavras que ele disse ontem à noite.

— Delaney...

Mas não quero ouvir mais nada. Eu me viro e vou embora, sentindo seus olhos em mim o tempo todo.

Antes que eu vá longe, ele grita:

— Ainda não terminamos, Delaney, nem de longe. Eu vou fazer você se orgulhar de mim.

Eu cerro os punhos e continuo andando, porque se eu não fizer isso, vou me virar e correr direto para seus braços e dizer a ele que vou ficar ao seu lado. Eu quero dizer a Maverick que não importa quantas vezes ele me afaste, eu sempre estarei com ele.

Mas eu não faço nada disso.



CAPÍTULO 30

Maverick

Observá-la se afastar de mim quase faz meus joelhos cederem. Parece que Delaney não vai voltar.

Ela me ama.

Ela me ama, embora eu tenha mentido para ela.

Eu quis ouvir isso muitas vezes, mas não consigo admitir o que está acontecendo dentro de mim.

— Maverick? Você não vem? — É um dos olheiros, e eu aceno para ele e vou em sua direção.

Alguém deve ceder. Eu odeio esse sentimento, como se estivesse dilacerado, em frangalhos.

Pego meu celular e digito uma mensagem rápida para Delaney.

Não vá viajar. Por favor, não me deixe. Só espere.

Mas eu excluo antes de clicar em enviar. *Merda.*

O que eu vou fazer?

Eu penso em Raven e no quanto ela ama Pineview, a expressão em seu rosto quando disse a ela que a matriculei.

Há apenas duas opções: admitir que tenho recebido dinheiro para lutar e perder tudo ou apenas manter a cabeça baixa, deixar tudo como está e rezar para que Muffin fique de boca fechada.

Minha cabeça me diz para deixar tudo como está, para manter o status quo.

Mas...

Esfrego o peito, uma sensação incômoda e dolorosa me preenchendo, me dizendo que vou perder tudo.



CAPÍTULO 31

Delaney

Mesmo que eu tenha dito a Maverick que ia viajar naquela noite, eu ainda meio que esperava que ele aparecesse para me impedir. Ele não apareceu. Fiquei de olho no celular, esperando receber uma mensagem, mas, nada.

Skye e eu fizemos o trajeto para a praia em cinco horas. Havia outras pessoas de Waylon a caminho, indo de avião ou de carro, várias delas hospedadas na mesma área de hotéis na praia.

Dois dias depois de chegarmos, estou deitada na areia, usando um biquíni amarelo, e ainda um pouco ardida pelo sol de ontem, mas realmente não me importo. Estou me recuperando de uma ressaca de shots de Fireball que Skye me fez tomar ontem à noite. Ok, ela não me obrigou nem nada, só me encorajou fortemente, e eu não precisei de muita insistência depois de ver que Maverick não tinha entrado em contato.

Uma sombra surge ao meu lado, e eu desvio o olhar do livro que estou lendo, esperando ver Skye, que foi comprar uma água para mim e uma margarita para ela.

Meus olhos se arregalam quando vejo Alex. Não estou muito chocada em vê-lo aqui, já que viemos para cá todos os anos, mas não penso nele há tanto tempo, que, bem, estou surpresa.

De calção de banho Ralph Lauren cor de salmão, ele está bronzeado, com uma leve queimadura de sol em seus ombros. Ele está sentado na espreguiçadeira ao meu lado, as únicas que os hóspedes do hotel têm permissão para sentar, parecendo bastante confortável enquanto olha para mim.

— Alex? O que você está fazendo aqui?

Ele sorri.

— Ei. Mandeí uma mensagem para Skye, e ela me disse onde vocês estavam hospedadas.

Interessante. Ele e Skye almoçaram juntos algumas vezes na semana passada.

Eu me sento e tiro meus óculos escuros, colocando-os no cabelo, preso em um coque bagunçado. Estou sem maquiagem e meus olhos estão inchados de tanto chorar no travesseiro na noite passada.

Ele inclina a cabeça em direção ao extremo norte da praia.

— Alguns caras do time estão hospedados em uma casa um pouco mais para lá.

— Legal. — Eu realmente não tenho muito a dizer. Estou muito deprimida, tipo... blé.

— Skye disse que você e Maverick estão tendo problemas, certo? — Ele aperta os olhos para mim.

— Talvez.

Suas sobrancelhas vão para o céu.

— Bem, você está na praia sozinha.

Concordo com a cabeça, a pressão da dor de cabeça que estou sentindo desde que acordei esta manhã voltando. Volto a cobrir os olhos com os óculos.

— Ele partiu meu coração. Feliz?

Alex franze a testa.

— Claro que não, mas isso explica o mau humor dele depois do jogo.

Eu fico rígida, preocupada.

— Aconteceu alguma coisa?

— Sim. Ele e o diretor conversaram, e então Maverick foi embora da festa.

— Ele foi? *Por quê?* — Meu coração se aloja na garganta. *Ele contou sobre as lutas?*

Alex olha para mim.

— Não sei, mas há boatos circulando pela equipe. Nada de concreto, mas parece que há algo sobre jogos de azar no meio.

Eu me levanto.

— Ele nunca se envolveu com jogatinas! É sua amiga *Muffin* quem está falando essa besteira! — Olho diretamente para ele. — Você tem o maior dedo podre, Alex. Ela é uma mentirosa maluca.

Ele ergue as mãos de forma apaziguadora.

— Olha, *Muffin* não significa nada para mim, estou apenas contando o boato, só isso. — Ele me encara. — Eu só quero o melhor para você, e se Maverick é o que você deseja, então eu quero que vocês fiquem juntos. Falo sério.

Suspiro e me sento novamente.

— Ela odeia Maverick... e eu, e... — Minha voz some. Não posso contar a história toda, e quanto menos for dito sobre as lutas, melhor. — Você não pode confiar nela.

— Eu sei.

Skye aparece com uma expressão sarcástica enquanto tenta equilibrar uma caixa de isopor e uma margarita. Seu cabelo ruivo está todo bagunçado, e um brilho de suor cobre sua testa.

— Ora, ora, ora, se não é o Senhor Berço de Ouro.

Alex resmunga.

— Ora, se não é a Senhorita Só Namoro Jogadores de Beisebol.

Ele vai ajudá-la com o isopor.

Skye o observa criticamente enquanto Alex deixa a caixa entre as duas espreguiçadeiras, embaixo dos dois guarda-sóis, para que não esquente.

— Bom trabalho, Chifrador.

— De nada, Home Run.

Skye bufa.

— Que pessoa mais escrota. Você bem que queria conseguir um home run comigo.

Alex limpa uma areia inexistente em seu peito.

— Você bem que gostaria que eu tentasse.

Ai. Meu. Deus.

Esqueço minha própria melancolia enquanto assisto a interação dos dois, como se estivesse em uma partida de tênis.

Skye e Alex? Eu pisco. *Uau.* Minha melhor amiga e meu ex parecem ter uma boa química.

Eu olho para Alex.

— Então, você quer ficar com a gente ou tem uma gostosa te esperando na casa de praia?

— Eu estou livre.

Skye sorri e o empurra para o lado com os quadris enquanto vai pegar minha água.

— Aqui, querida, para sua dor de cabeça.

Impulsivamente, eu a agarro e lhe dou um grande abraço. Ela tem me dado muito suporte emocional nos últimos dias.

Alex fica nos olhando enquanto eu a solto.

— Nada como ver duas garotas se esfregando na praia.

Skye o empurra com o próprio corpo, como um jogador de futebol americano, e eu rio.

O rosto de Maverick me vem à mente, e eu mordo o lábio, torcendo que, seja lá onde ele estiver, esteja bem.



CAPÍTULO 32

Delaney

— Vamos ver um filme! — Skye grita quando passamos pela porta do nosso quarto de hotel.

— São duas da manhã! — é minha resposta.

Ela encolhe os ombros e bate os cílios para mim. Em seguida, olha para Alex, que claramente bebeu demais, a julgar pelo seu cambalear.

Eu solto um suspiro. *Ugh*. Eu não estou muito animada, enquanto Alex e ela estão iguais ao coelhinho do comercial de pilha, no clima de mais curtidão.

Eles me fizeram dançar até ficar exausta, e tudo que eu quero fazer agora é me jogar na cama. É a única maneira de desligar a cabeça e parar de pensar em Maverick.

Eles me seguem até o quarto, e eu vou até o frigobar para pegar água.

— Pega pra mim uma taça de vinho? — ela pede enquanto aponta na direção do banheiro. Seu rosto está corado e coberto de suor.

Conhecendo Skye e sua propensão à limpeza, deve ter ido passar mais desodorante e maquiagem.

— Tinto ou branco? — eu pergunto, olhando para as duas caixas de vinho que compramos na loja de bebidas.

— Branco.

Dou-lhe um aceno de cabeça enquanto ela vai cambaleando até o banheiro, já afofando seu cabelo ruivo.

— Alex? Você quer alguma coisa? — pergunto.

Ele desvia o olhar de Skye para mim, e eu contendo um sorriso. Talvez uma pessoa normal ficaria com ciúmes de seu ex cheio dos olhares para sua melhor amiga, mas não é meu caso. Ele cometeu um erro com Muffin, mas talvez tenha aprendido com isso.

— Hum, eu vou tomar um vinho também — diz. Alex se joga na cama de braços abertos, a mão sobre o rosto. Estou começando a me perguntar como ele vai voltar para casa.

Depois de beber metade de uma garrafa de água, começo a servir as bebidas. Quando termino, Skye ainda não saiu do banheiro, faço uma nota mental para ver como ela está.

Eu ando até Alex e o cutuco com a mão depois de colocar sua bebida na mesa de cabeceira.

— Cara, acorda.

Não recebo resposta alguma além de um ronco suave.

Droga.

Eu decido que Alex agora é problema de Skye e que, quando sair do banheiro, ela pode decidir o que fazer com ele. Ele está na cama dela, então ela que se vire.

Há uma batida abrupta na porta, e acho que é o cara da pizzeria do outro lado da rua. Skye fez um pedido assim que saímos do clube, e

mesmo que seja tarde, meu estômago está roncando.

Abro a porta com dinheiro na mão e congelo.

Maverick está parado no corredor, com a cabeça baixa, olhos voltados para o chão. Seus ombros murchos partem meu coração ao meio.

Ele ergue a cabeça rapidamente, mostrando seus olhos assombrados.

— Delaney. — Meu nome em sua boca é como uma bênção para meus ouvidos. Eu senti tanta falta dele, e olha que ficamos separados por só um punhado de dias. Eu quero correr para ele, segurar seu rosto e tirar essa angústia dele.

Uma exalação pesada vem de sua boca enquanto ele se endireita.

— Deus, obrigado, caralho. Tive que subornar o recepcionista e dar três autógrafos para conseguir o número do seu quarto, e ainda não tinha certeza se ele tinha me dito a verdade.

— Você está bem? Há algo errado?

Seus olhos nublam.

— Está tudo errado. Eu vim aqui para...

Sua voz é interrompida abruptamente quando ele olha por cima do meu ombro e vê um par de pés na cama de Skye.

Ele entra, passando por mim.

— Quem diabos está no seu quarto? — Ele para no meio do caminho, seu rosto empalidece quando vê Alex. Faço uma oração, torcendo para que Alex ainda esteja desmaiado e não tenha a menor ideia de que um homem corpulento está olhando para ele como se quisesse puxá-lo pelos tornozelos e atirá-lo da varanda.

O peito de Maverick arfa, seu rosto estranhamente imóvel enquanto olha ao redor do quarto, observando as roupas espalhadas pelo chão, os sapatos que tirei assim que entrei e as caixas de vinho. Ele engole em seco, o pomo-de-adão balançando quando seus olhos finalmente pousam

em mim. Seus punhos estão cerrados, há nele uma força prestes a explodir.

— Alex? Sério? Porra, Delaney. Você me sacaneou.

Eu morro com suas palavras. O mundo para.

Eu quero rebobinar tudo e fazer com que Skye não implore a Alex que nos acompanhe até nosso quarto. Eu gostaria de nunca ter conversado com Alex na praia hoje.

Ele passa por mim, e eu agarro seu braço, fazendo-o parar. A raiva está entalhada em seu rosto. Outra garota poderia se preocupar com uma agressão, mas é Maverick, e eu sei que por baixo de todos aqueles músculos há um coração que nunca machucaria uma garota, nem mesmo Muffin.

— Não é o que você está pensando. Skye e eu fomos a uma balada com ele, então ele veio aqui e imediatamente desmaiou. É só isso.

Ele trinca os dentes, seus ombros rígidos e defensivos enquanto me encara. Eu vejo dor ali, mágoa.

— Você me diz que me ama em um minuto, e no seguinte, você está na praia com seu ex. O que devo pensar?

Como eu explico a ele que Alex não faz mais a menor diferença para mim? Não depois de ter me apaixonado por Maverick.

— Você deveria acreditar em mim, porque nada se compara a você — eu digo, soltando seu braço. — Porque meu coração é seu e sempre será.

Ele chega até a porta, mas se vira para mim. Talvez sejam minhas palavras que o impedem de ir embora. Maverick esfrega o rosto e afasta o cabelo da testa, segurando-o enquanto olha para mim.

— Você está me matando, Delaney. Não consigo pensar direito sem você.

Ouvimos Skye dando a descarga e cantando “Let It Go”, da trilha sonora de *Frozen*, e o barulho da pia enquanto lava as mãos.

Eu me aproximo dele, eliminando a distância entre nós.

— Você veio até aqui, Maverick. Fique e converse comigo. Alex... ele e Skye... acho que há algo entre eles, é por isso que concordei em sair com os dois esta noite. Ele não é muito fã de coisas casuais. Acho que eles se gostam. Você... você é tudo que eu quero.

Ele me encara por um longo tempo, mesmo depois que Skye sai do banheiro e se aproxima de mim. Ela me abraça, e assim que vê Maverick, dá um passo para trás, quase caindo.

— Uau. Tem um cara gostoso que se parece com o Maverick em nosso quarto? — Ela aperta os olhos. — Ele é um stripper? Por favor, me diga que é um stripper.

— Não — eu digo a ela com firmeza. — É o Maverick.

Ela pisca.

— Como ele chegou aqui? Ele é mágico?

— Eu vim dirigindo — diz ele com firmeza.

Ele deve estar exausto.

— Bom, tudo bem, Maverick. Estou feliz por você estar aqui, porque essa garota anda chorando muito. — Ela balança o dedo para mim e ri.

Eu expiro.

— Chega. Você precisa ir para a cama.

— Tá bom. — Ela solta um arrote e puxa o vestido pela cabeça como se estivesse se preparando para dormir. Eu tento impedi-la, mas Skye já está com ele no pescoço, e, neste momento, eu apenas a ajudo a tirá-lo. Amanhã ela ficará mortificada por ter tirado a roupa na frente de Maverick.

Ela olha ao redor da sala e encontra Alex. Seus olhos se iluminam, então ela se deita na cama ao lado dele, se enrolando no corpo de Alex. Pelo menos ela está de camisola e calcinha.

Ela nos dá um pequeno aceno.

— Até mais, pessoal. Já tenho o que preciso.

Skye diz exatamente o que pensa quando está bêbada.

— Viu? — eu digo, olhando para Maverick.

Ele está com os olhos apertados.

— Venha aqui — diz ele, gesticulando para que eu me aproxime.

Eu faço o que ele me pede, e Maverick passa o braço ao meu redor, olhando profundamente em meus olhos.

— Eu acredito em você. — Ele coloca uma mecha de cabelo atrás da minha orelha, e sinto sua mão quente enquanto eu me inclino nela. — Mas se você pensar por um minuto que eu vou te deixar ficar neste quarto com eles, você está doida.

— O que você sugere?

— Pega suas coisas. Você vem comigo.

— Vá na frente — eu digo depois de pegar minha bolsa. Não preciso de mais nada, só dele.

Chegamos ao elevador, e eu nem pergunto para onde estamos indo. Eu não me importo. Enquanto estiver com Maverick, todo o resto vai se resolver.

No andar certo, ele me leva para outro quarto de hotel, desliza o cartão-chave na fechadura e me conduz para dentro.

Não falamos, só nos encaramos. Estou assustada. Maverick parece sério, as linhas esculpidas de seu rosto distorcidas por uma emoção desconhecida.

— Fale comigo.

Ele fecha os olhos e depois os abre novamente.

— Eu te amo, Delaney. Eu te amo muito, e te ver se afastar de mim e não ser capaz de fazer a coisa certa... Eu nunca mais quero passar por isso novamente.

Eu mordo o lábio, segurando a onda de sentimento que toma conta de mim.

— Nunca mais — eu sussurro.

— Desculpa não ter dito isso depois do jogo. Desculpa por te arrastar para esta confusão. Minha vida provavelmente está arruinada, mas, agora, eu nem me importo, porque tudo em que consigo pensar é em você. Eu não posso perder *você*.

Eu corro para Maverick, que me abraça, e nos beijamos. Seus lábios vêm com tudo, quentes e carentes, com gosto de uma paixão que só surge uma vez na vida. Nossas línguas se emaranham, ávidas, ansiosas para nos satisfazer.

Em um piscar de olhos, suas mãos habilmente abrem o zíper do meu vestido e eu tiro sua camisa. Entre beijos longos e ofegantes, nós nos abraçamos, nos agarramos, tocando, absorvendo.

Parece que faz meses desde que eu o vi, e eu quero reaprender como seu corpo é, mas agora só consigo pensar em tê-lo dentro de mim.

— Agora vai ser rápido. Mais tarde, mais devagar — ele diz enquanto tira minha calcinha. Ele olha para mim, ajoelhado no chão, e eu mordo meu lábio. Maverick é perfeito. Ele é lindo, com seus olhos de aço voltados diretamente para mim.

Seus lábios e língua beijam minha panturrilha, minha rótula e a parte interna da minha coxa, enquanto suas mãos seguram minha bunda, me puxando para mais perto.

Eu solto uma risada.

— Você não disse que seria rápido?

— Eu menti — diz ele sem fôlego enquanto seus polegares deslizam para a frente, para me separar. Maverick me lambe, inala meu cheiro, seus dedos dançando pelo meu corpo, me dedando e me fazendo ondular contra ele.

Eu o puxo para cima.

— Maverick... por favor.

Ele se levanta e tira a calça jeans e os sapatos, sem desviar o olhar do meu.

— Eu não trouxe camisinha. Eu não estava pensando. Eu só precisava chegar até você. Não tenho nenhum problema de saúde.

— Estou protegida — digo a ele, e antes mesmo de terminar, ele está me beijando.

É perfeito.

Isso me lembra da noite em que nos conhecemos na fogueira, quando ele roçou os lábios nos meus e se tornou aquele que eu nunca esqueceria. Duas estrelas no céu, duas almas destinadas a ficarem juntas.

Maverick me pega no colo, minhas pernas envolvendo sua cintura. Ele gosta que eu fique assim, e me faz sorrir saber o poder que tenho sobre ele.

Segurando-me pela cintura como se eu não pesasse nada, Maverick desliza para dentro de mim lentamente, me dando o que eu preciso. Eu suspiro cada vez que ele me penetra, com a cabeça encostada na parede. Nossa respiração soa alta, o sexo, mais alto ainda, e eu gozo rápido, minhas pernas travando em seus quadris enquanto me aperto em torno dele. Nós nos beijamos, e Maverick goza em seguida, nosso amor sendo a tempestade perfeita, um tsunami que nos lava.

Mais tarde, estamos na cama, debaixo das cobertas, sentindo os corpos saciados. Seus dedos traçam voltas e redemoinhos intrincados nas minhas costas enquanto ele me abraça por trás.

— Eu contei ao treinador e ao diretor naquela noite.

A magnitude de suas palavras me atinge.

— O quê? Por quê? Isso significa que você não vai mais lutar?

Ele concorda.

— Isso.

Eu seguro sua bochecha.

— O que vai acontecer com Raven?

Uma pitada de tristeza cruza seu rosto antes que ele se recupere.

— Não sei.

Eu o beijo suavemente no pescoço.

— Desculpe não ter perguntado antes.

Um breve sorriso surge.

— Tínhamos outras coisas para lidar.

— Você está bem? Quero dizer, o que vai acontecer com o futebol americano?

Ele brinca com uma mecha do meu cabelo e não responde.

— Maverick? Você parece bastante calmo sobre tudo isso. É a sua carreira que está em jogo.

Ele balança a cabeça.

— Eu sei.

— Então?

Ele arqueia uma sobrancelha.

— Você ainda vai me amar se eu não jogar na NFL?

— Óbvio que sim — eu digo.

— Essa é a resposta que eu estava procurando. — Ele me dá um beijo demorado, me fazendo agarrar seus ombros e puxá-lo para cima de mim.

Ele aperta minha mão com força, entrelaçando nossos dedos enquanto olha para mim.

— Na verdade, eu tenho um plano — diz ele.

Eu envolvo minhas mãos ao redor de sua nuca e colo seus lábios nos meus.

— Seja o que for, estou dentro.

Nós nos beijamos, nossas mãos nos explorando. Estou muito feliz por tê-lo de volta, mas sei que precisamos conversar. Não importa o que aconteça, desde que estejamos juntos, poderemos enfrentar qualquer tempestade.



CAPÍTULO 33

Maverick

*E*stamos em um estúdio de televisão, e o treinador Al e eu estamos sentados atrás de uma mesa, com as câmeras prontas para filmar. À minha direita está Delaney, e do outro lado dela, um pouco fora da câmera, está Raven. Um representante da NCAA está ao lado do treinador, e estamos prestes a entrar ao vivo na ESPN para dar uma entrevista sobre o escândalo de lutas que abalou o mundo dos esportes universitários desde que admiiti meu envolvimento.

Fred Moran é o entrevistador e está me olhando criticamente. Ex-linebacker de Ole Miss, ele foi um dos meus heróis quando eu era criança, e agora está olhando para mim como se eu o tivesse decepcionado.

Eu entendo seu sentimento, mas estou pronto – pronto para ser fiel a todos que me importam.

A entrevista começa com a sala de controle reproduzindo uma declaração que dei em Waylon, gravada em uma entrevista coletiva

realizada pela escola e divulgada na mídia.

— Admito totalmente ter aceitado dinheiro para lutar contra um jogador de futebol americano rival. Eu sabia que isso ia contra as regras da NCAA sobre aceitar dinheiro para ganho próprio. Também assumo total responsabilidade por enganar minha universidade, meus companheiros de time e as pessoas com quem me importo e, por isso, sinto muito.

Eu não revelei o nome de Kai, deixando para que ele e qualquer outra pessoa envolvida resolvesse confessar seu envolvimento. Quanto a isso, cinco outros jogadores também fizeram declarações depois de minha confissão.

Mesmo assim, eu era a estrela, o jogador famoso com um futuro promissor, aquele que ia sair da pequena cidade.

Fui uma decepção para todos, exceto para Delaney, Raven e Ryker, que estiveram ao meu lado o tempo todo.

O cinegrafista inicia uma contagem regressiva, sinalizando que estamos prestes a entrar ao vivo.

Eu fico tenso, e Delaney aperta minha mão.

Eu olho para ela, que me dá um sorriso suave.

— Eu e você, He-Man. A gente vai conseguir.

Fred Moran se concentra em mim. Ele me dá um aceno de cabeça, em seguida fala para os milhões de espectadores.

— Como muitos de vocês sabem, Maverick Monroe se envolveu em um escândalo difícil de acreditar: um jogador de futebol americano universitário estava envolvido com lutas em um cassino por dinheiro. Isso mesmo, esta noite não temos ninguém menos do que o próprio Maverick aqui conosco.

A câmera se vira para mim, e eu balanço a cabeça e endireito meus ombros. Não tenho mais nada a perder.

— Boa noite, Fred. — Sorrio, usando o charme que costumava ter. — Antes de começarmos, gostaria de dizer que sou um grande fã seu e de sua carreira e acompanho esse programa religiosamente. — Eu solto uma risada. — Especialmente ultimamente, já que pareço ser o tema de muitas de suas conversas.

Ele sorri.

— As pessoas não estão dizendo coisas muito boas sobre você.

Eu concordo.

— E eu aceito isso.

Seus olhos me examinam, notando minha mão apertada na de Delaney. Seu olhar passa por Raven, que sorri para ele.

Ele limpa a garganta.

— Eu estava me perguntando se talvez você não gostaria de esclarecer por que arriscou sua carreira.

— Eu não fiz isso por dinheiro. Quer dizer, eu fiz, mas não era para mim. Era para minha irmã.

Ele balança a cabeça, me encorajando a continuar.

— Ela, no acidente de carro que levou minha mãe, sofreu uma lesão cerebral, e eu não consegui cuidar dela adequadamente, com o tipo de cuidado que ela precisa. Meu pai é alcoólatra, e às vezes é... incapaz de cuidar dela, e muitas vezes eu não estava presente porque estava nas aulas ou nos treinos.

— Ele... cozinha — Raven diz, e uma câmera se vira para ela.

Fred sorri.

— Você é a Raven?

Ela balança a cabeça e brinca com o cabelo, sua voz lenta, mas

cuidadosa enquanto fala:

— Ele... cuida... de... mim.

Dou-lhe um sorriso suave e continuo.

— Como você sabe, não tenho permissão para trabalhar ou aceitar qualquer tipo de empréstimo ou dinheiro de ninguém, para que isso não seja interpretado como suborno por causa do futebol americano. Eu estava esperando conseguir me virar até o draft na próxima primavera. Infelizmente, eu já havia optado por não participar do draft este ano, quando percebemos que ela precisaria de cuidados extras.

Fred exala.

— Entendo. Você costuma participar de jogos de azar, sr. Monroe?

Ah, o cerne da questão.

— Eu nunca participei, e Leslie Brock já disse isso à NCAA. — Eu conto para eles os detalhes de como o cassino de Leslie é um negócio legítimo, e eu apenas trabalhei como empregado. — Nunca fiz nenhum tipo de aposta, em mim mesmo, em uma luta ou em um time de futebol. O que eu fiz foi lutar, é isso.

— Quanto dinheiro você conseguiu pela luta? — é a próxima pergunta de Fred.

— Cinquenta mil, e cada centavo foi para a instituição que cuidaria de Raven.

Raven está chorando baixinho, e Delaney lhe entrega um lenço de papel, em seguida dá um tapinha no ombro dela. Elas se aproximaram nas últimas semanas.

Fred balança a cabeça, o rosto um pouco mais suave.

— É verdade que você solicitou a devolução do dinheiro que já havia dado à instituição?

Eu sorrio.

— Sim. Doamos o dinheiro para um abrigo de animais em Magnolia. Foi ideia de Ravena. Ela vai ser voluntária lá.

Raven parece brilhar ao ouvir minhas palavras.

Na verdade, foi tudo ideia da Delaney. Ela conversou com Raven sobre que tipo de trabalho voluntário ela gostaria de fazer. Era algo que eu nunca tinha pensado, principalmente porque eu teria de dar carona para ela.

— E quanto à sua irmã? Ouvimos de uma fonte próxima que você não tem ninguém para cuidar dela.

— Eu estou cuidando dela — diz Delaney, com orgulho. — Ela é minha família.

O amor me inunda. O que eu fiz para merecê-la, não faço ideia.

O que ela não diz é que Raven e eu fomos morar com ela, e ela largou o emprego na biblioteca para cuidar de Raven nos dias em que a enfermeira não pode vir. Skye disse que também arranjaria um dia de folga por semana.

Fred olha para os espectadores.

— Bem, a grande pergunta que todos estão se fazendo é se você jogará pelo Waylon este ano.

Eu engulo em seco.

— Não sei. Ainda não fui informado.

Ele concorda.

— Qual você acha que será a decisão deles?

— Eu não faço ideia. — Olho para Delaney e Raven. — Ainda estamos esperando pela resposta.

Eu só sei que, não importa o que aconteça, eu vou ficar bem.

DELANEY SAI DA COZINHA COM UM grande sorriso no rosto e vestindo seu avental *Que a Faca esteja com você*. Ela e Raven estão fazendo o jantar e uma torta de nozes para Ryder, já que ele nos ajudou com a mudança para a casa dela algumas semanas atrás.

É o final do ano, e estamos comemorando.

Eu penso em tudo que aconteceu depois da entrevista. Depois de muita discussão e muitas entrevistas, foi determinado que a única regra técnica que eu quebrei foi aceitar dinheiro. Não havia indicação de jogo sujo e, mais importante, nenhuma jogatina. Como o escândalo envolvia vários craques da SEC que haviam sido agraciados por ofertas envolvendo muito dinheiro, a NCAA decidiu não nos expulsar completamente do futebol americano universitário. Eu e os outros jogadores ficaremos de fora dos primeiros cinco jogos do ano.

Foi o suficiente.

Trouxe esperança.

No que diz respeito a Muffin, nenhum dos jogadores do time fala mais com ela. Há rumores de que ela vai pedir transferência nesse que é o seu último ano de faculdade.

Este outono vai ser o melhor momento do ano — vai ser o *meu ano*. Olho para Delaney e a vejo ensinar Raven a fazer a torta da vovó. Ela nota meu olhar e sorri enquanto Han se enrosca entre suas pernas, miando, querendo subir na mesa.

— Eu te amo — eu murmuro para ela enquanto Delaney se endireita. Ela é meu tudo, é minha, e talvez tenha sido desde a noite da fogueira. Nós apenas tivemos de descobrir isso com o tempo.

Ela sorri, um rubor lento subindo por suas bochechas.

— Eu sei — ela murmura de volta.

Eu desato a rir.

Esquece o que eu disse sobre ser meu ano. Eu olho para ela e Raven.

Este é o nosso ano.



EPÍLOGO

Alguns anos depois
Delaney

*E*u acordo, e Maverick não está na cama. *Que estranho.* Não são nem oito da manhã, e estamos na off-season, o que significa que ele dorme um pouco mais antes dos treinos. Assim que vejo a camisa azul que ele estava usando na noite passada, quando saímos para jantar, eu a pego do chão, onde a joguei antes de fazermos amor. Eu a visto, vou até a janela e olho para o horizonte de Nashville da nossa cobertura.

Suspiro, satisfeita. Depois de vencer o campeonato nacional com os Waylon Wildcats, Maverick foi draftado no primeiro pique pelo Tennessee Titans. Ele já quebrou dois recordes, e eles foram para o Super Bowl deste ano. Não venceram, mas, como ele diz, isso lhe dá um motivo extra para se esforçar.

Eu olho para a foto na mesa de cabeceira, eu, ele e Raven, e sorrio. De alguma forma, conseguimos fazer malabarismos com ela, as aulas e o futebol no último ano. Como Maverick foi tão aberto sobre a razão pela

qual lutava, surgiram pessoas que desejavam nos ajudar. A própria sra. Watson, de Pineview, se ofereceu para doar serviços para Raven, incluindo aulas de equitação e de artes em Pineview.

Ela morou conosco até Maverick ser draftado, e então deixou claro que, embora nos amasse, queria cortar o cordão umbilical. Então fizemos algumas pesquisas e encontramos uma instituição quase idêntica a Pineview em Nashville.

Quanto a mim, estou criando uma linha de roupas para minha nova grife, a Geek Girl, e sou voluntária semanalmente em um abrigo de animais. Maverick adora vir comigo, embora eu ache que ele nunca admitirá isso. Resgatar animais virou sua marca registrada de caridade, ele querendo ou não.

Ouçoo um barulho na sala de estar e vou até lá.

— Mav? — eu chamo. — Onde você está?

Sigo pelo corredor e entro na sala, em seguida paro de andar. De pé, bem na frente das janelas panorâmicas, vejo que Maverick está vestido como um... Jedi?

Dou uma olhada cuidadosa nele, observando a legging branca com botas marrons, a túnica bege com um cinto de utilidades e o porta-sabre-de-luz. Um sobretudo marrom finaliza o look. Eu esfrego os olhos. Os detalhes estão incríveis, e ele parece um profissional, como se tivesse saído dos filmes.

— Bom dia, minha linda. — Ele faz uma pose, movendo um sabre de luz azul que emite um sibilo a cada movimento.

— Bom dia, querido. Onde você conseguiu essa roupa? — Estou impressionada e pensando aqui se não consigo uma da Princesa Leia. — Nós vamos a uma Comic-Con em algum lugar?

— Eu mandei fazer. E, não, vamos ficar em casa hoje. Só você e eu.

Que bom. Estivemos ocupados nas últimas semanas, e seria ótimo apenas ficar relaxando em casa. Maverick balança o sabre, e Han sai de trás de uma cadeira, as patas golpeando o sabre de luz antes de passar correndo.

Eu rio.

— Bela coreografia. Você irritou o Han.

Espero que ele ria comigo, e Maverick me dá um breve sorriso, mas há algo em sua expressão que me soa diferente. É intenso, como se ele estivesse prestes a ir para o jogo de futebol mais importante de sua vida.

— O que está acontecendo? Você está bem? — digo, me aproximando.

— Mais do que isso. É o melhor dia da minha vida — ele diz enquanto coloca o sabre de luz em uma cadeira e se ajoelha na minha frente. Da mesa de centro, ele pega uma caixa de veludo preto que eu ainda não tinha notado e a abre. Dentro há um anel com o maior diamante solitário de lapidação quadrada que eu já vi.

Eu pisco. Meu corpo vibra, e eu não consigo respirar.

Maverick olha para mim com seus olhos azuis de aço, me dando o olhar que eu guardo no coração todas as noites quando vou dormir.

— Parece que esperei uma eternidade para fazer isso. Delaney Renee Shaw, você quer se casar comigo e me fazer o Jedi mais feliz do universo? Eu prometo sempre amar você, e seus gatos, e dar a você tudo o que sempre quis, de corpo e alma.

Lágrimas inundam meus olhos quando eu absorvo cada parte dele: seu coração puro, o jeito como Maverick luta por quem ama, o jeito como *me ama*.

— Sim. Sempre. Você é meu tudo.

— *Você é meu* tudo, Buttercup, e eu não teria conseguido sem você ao meu lado. — Ele se levanta, segura meu rosto e me beija, e eu sei que não

importa o que aconteça, Maverick e eu poderemos fazer qualquer coisa juntos.

FIM.



RECEITAS

Torta de nozes supersecreta da Voró

INGREDIENTES:

- 1 xícara de açúcar;
- 1 ½ xícara de xarope de milho (metade do escuro e metade do claro);
- 4 ovos;
- ¼ xícara de manteiga derretida;
- 1 ½ colher de chá de baunilha;
- 1 ½ xícara de noz-pecã quebradas;
- 1 massa pronta para torta.

MODO DE PREPARO:

Em uma panela, ferva o açúcar e o xarope de milho de 2 a 3 minutos e deixe esfriar.

Em uma tigela grande, bata os ovos levemente e despeje com cuidado a mistura de xarope nos ovos, sempre mexendo.

Coe a mistura para se certificar de que ficou bem lisa e sem pelotas. Misture a manteiga, a baunilha e as nozes e despeje por cima da massa.

Asse em forno a 180° C por cerca de 45 a 60 minutos ou até a massa ficar firme.

Biscoitos de Chocolate

INGREDIENTES:

- 8 colheres de sopa de manteiga com sal;
- ½ xícara de açúcar branco;
- ¼ xícara de açúcar mascavo;
- 1 colher de chá de baunilha;
- 1 ovo;
- 1 ½ xícara de farinha de trigo;
- ½ colher de chá de bicarbonato de sódio;
- ¼ colher de chá de sal;
- ¾ xícara de gotas de chocolate.

MODO DE PREPARO:

Aqueça o forno a 350 °C. Leve a manteiga ao micro-ondas por cerca de 40 segundos para apenas derretê-la. Ela não deve ficar quente, mas sim estar totalmente derretida.

Usando uma batedeira ou um mixer, bata a manteiga com os açúcares até ficar cremoso. Adicione a baunilha e o ovo; bata em velocidade baixa até incorporar (se você bater o ovo por muito tempo, os biscoitos ficarão duros).

Adicione a farinha, o bicarbonato de sódio e o sal. Misture até formar bolinhas. Use as mãos juntar as bolinhas em uma massa. Deve formar uma bola grande e fácil de manusear (bem na fase entre a massa “molhada” e a massa “seca”). Adicione as gotas de chocolate e incorpore com as mãos.

Modele 12 bolas grandes (ou 9 para biscoitos incrivelmente incríveis) e coloque em uma assadeira. Asse por 9 a 11 minutos, até que os biscoitos fiquem grandes, secos e um pouco dourados.

NÃO ESQUEÇA: Este conselho provavelmente está escrito em todas as receitas de biscoitos por aí, mas isso é essencial para manter os biscoitos macios. Retire-os mesmo que pareçam que ainda não estão prontos.

Deixe-os esfriar na assadeira por uns 30 minutos.

Muffins de chocolate duplo

INGREDIENTES:

- 2 xícaras de farinha de trigo;
- xícara de açúcar branco;
- 3/4 xícara de gotas de chocolate;
- ½ xícara de cacau em pó sem açúcar;
- 1 colher de chá de bicarbonato de sódio;
- 1 ovo;
- 1 xícara de iogurte natural;
- ½ xícara de leite;
- 1 colher de chá de extrato de baunilha;

- ½ xícara de óleo vegetal;
- ¼ xícara de gotas de chocolate.

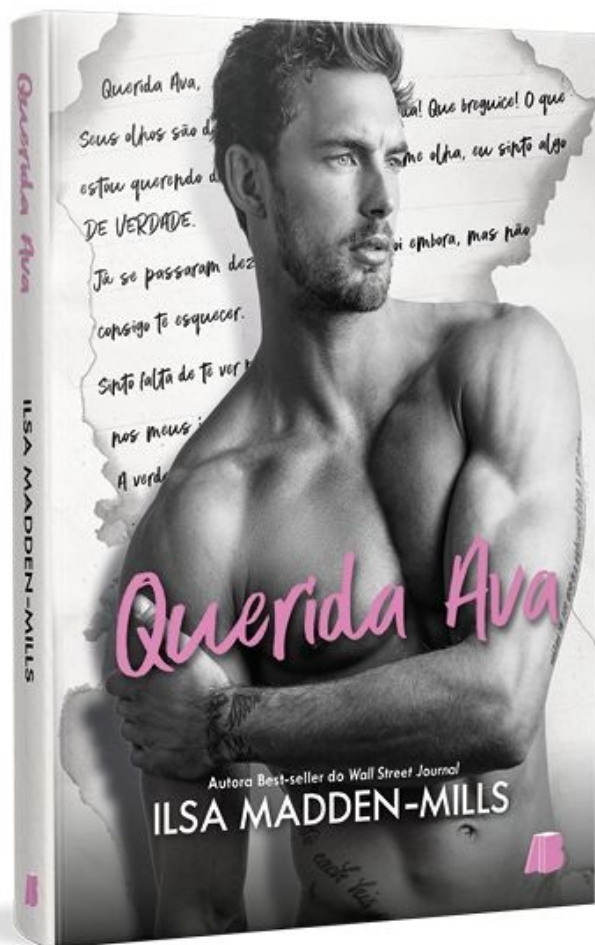
MODO DE PREPARO:

Pré-aqueça o forno a 200° C. Unte 12 forminhas de muffin ou forre com forminhas de papel.

Misture a farinha, o açúcar, as gotas de chocolate, o cacau em pó e o bicarbonato de sódio em uma tigela grande. Bata o ovo, o iogurte, o leite, a baunilha e o óleo vegetal em outra tigela até ficar homogêneo; despeje na mistura de chocolate e misture a massa. Encha 3/4 das forminhas de muffin preparadas e polvilhe com ¼ de xícara de chocolate restante.

Asse em forno pré-aquecido até que um palito, inserido no centro, saia limpo – cerca de 20 minutos. Deixe esfriar nas formas por 10 minutos, em seguida remova das formas e deixe esfriar completamente em uma grade antiaderente

LEIA TAMBÉM



Os ricos e populares Sharks governam a prestigiada e caríssima Escola Preparatória Camden. Houve um tempo em que eu queria fazer parte daquele mundo. Até ser destruída por um deles.

A última coisa que eu esperava era receber uma carta de amor anônima.

É sério! Eu odeio cada um daqueles idiotas ricos pelo que fizeram comigo. Mas a pergunta que não quer calar é: qual Shark é o meu admirador secreto?

Knox, o quarterback da cicatriz;
Dane, o irmão gêmeo dele;
Ou Chance, o meu ex-namorado?



Siga as nossas redes sociais e fique por dentro dos próximos lançamentos:

- ✓ **TIKTOK:** <https://www.tiktok.com/@allbookeditora>
- ✓ **FACEBOOK:** <https://www.facebook.com/AllBookEditora>
- ✓ **INSTAGRAM:** <https://www.instagram.com/allbookeditora/>
- ✓ **TWITTER:** <https://twitter.com/AllBookEditora>

Após a leitura, não deixe de avaliá-la.

E não esqueça de se cadastrar na nossa newsletter para não perder nenhuma novidade.